



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

A Micarande e suas Territorialidades: De Fábrica de
Sonhos à Barbárie (Pós) Moderna.

Francisco Denílson Santos de Lima

RECIFE

2011

FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA

**A Micarande e suas Territorialidades: De Fábrica de
Sonhos à Barbárie (Pós) Moderna**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia (PPGEO) da
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE),
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alcindro José de Sá

RECIFE

2011

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

L732m	Lima, Francisco Denílson Santos de. A Micarande e suas territorialidades : de fábrica de sonhos à barbárie (pós) moderna / Francisco Denílson Santos de Lima. – Recife: O autor, 2011. 114 f. : il. ; 30 cm. Orientador: Prof. Dr. Alcindo José de Sá. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2011. Inclui bibliografia e anexos. 1. Geografia. 2. Geografia humana. 3. Territorialidade humana. 4. Festas – Campina Grande. 5. Micarande. I. Sá, Alcindo José de (Orientador). II. Título. 910 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2011-75)
-------	--

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FRANCISCO DENÍLSON SANTOS DE LIMA

Título: “A MICARANDE E SUAS TERRITORIALIDADES: DE FÁBRICA DE SONHOS À
BARBARIE (PÓS) MODERNA”

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: _____

Alcindo José de Sá
Prof. Dr. Alcindo José de Sá (UFPE)

1º. Examinador: _____

Antônio Albuquerque da Costa
Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa (UEPB)

2º. Examinador: _____

Caio Augusto Amorim Maciel
Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (UFPE)

APROVADA em 30 de maio de 2011.

“Todo mundo é frágil em algum ponto do tempo. Precisamos uns dos outros. Vivemos nossas vidas no aqui e agora, juntamente com os outros, envolvidos de forma involuntária pelas mudanças que ocorrem. Seremos mais ricos se todos puderem participar e ninguém for deixado de fora. Seremos todos mais fortes se houver segurança para todo mundo e não apenas para uns poucos”

(Programa Socialdemocrata Sueco de 2004)

Dedicatória

A Deus, mestre por excelência, que me capacitou a concluir esse curso, por ter me dado força nos momentos de angústia; esperança nos momentos de solidão e incerteza; paciência e equilíbrio nos momentos de desespero. Pela fé, coragem, esperança e determinação, principalmente nos momentos de maior introspecção (quase) solidários. Obrigado senhor pela força e crença que tudo é possível”.

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho reflete um processo construtivo de amadurecimento e crescimento pessoal e profissional, dedicação, abnegação e, acima de tudo, a concretização de um sonho. Foram muitos os momentos difíceis. A solidão e o pouco incentivo para continuar a jornada, dentre outros, podem ser exemplos. Mas, como proferiu D. Helder Câmara “é graça divina continuar. É graça maior ainda não desanimar. Mas a graça das graças é nunca desistir, e mesmo aos pedaços, continuar até o fim.”

Esse período de dois anos representa, para mim, um apego maior pela leitura, um amor cada vez maior pela Geografia, e também pelas suas ciências afins, sobretudo a sociologia, filosofia e a ciência política. De igual modo, representa também uma aproximação maior com a crença do poder divino, pois ao contrário de muitos, quanto mais me aproximei da ciência pude perceber a existência de um ser sobrenatural, que não mediu esforços para me ajudar. É por isso que em primeiro lugar presto minha gratidão a Deus, pois foicom a graça da sua ajuda e sua incomensurável compaixão que pude vencer as barreiras dessa caminhada, cheias de conflitos, medos, incertezas e ansiedades.

A Minha família, em especial ao meu pai (José), pelo amor e pelas lições de vida que me ensinou e que contribuíram para a construção do meu caráter; a minha mãe (Fátima – *in memoriam*), que mesmo ausente, foi a primeira pessoa a afirmar que acreditava nos meus sonhos e no meu futuro, e me deu oito anos de amor e alegria e a minha tia Socorro, que partiu dessa vida quatro meses depois no meu ingresso no programa. Lamento a sua ausência, pois retorno a minha terra para colocar em prática os conhecimentos adquiridos, um de seus grandes desejos, e não podemos comemorar essa conquista juntos.

Aos meus amigos do Piauí, da Paraíba e de Pernambuco pela amizade verdadeira.

Aos meus colegas de turma, pelo apoio prestado e por fazer acreditar que o ambiente acadêmico é também espaço propício para lealdade, cumplicidade e respeito.

Aos meus professores do programa de pós-graduação da UFPE, em especial a Alcindo José de Sá, meu orientador, por ter aceitado me orientar e pela liberdade e

confiança que me deu. Aos exs professores Rosa Araújo, Aldo Gomes, Marília Quirino, Lincon Diniz, Márcia Azevedo, Jossandra Barreto e Aretuza Candeia, e Antônio de Albuquerque, agradeço a torcida e a confiança.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Ciência e Pesquisa) pela concessão da bolsa de mestrado, elemento indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa. Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram com esse trabalho, assim como, também, aos que, de uma forma ou de outra, dificultaram sua elaboração, pois serviram de estímulo cada vez mais. Que Deus os abençoe sempre!

Que este trabalho seja muito mais que uma dissertação. Que além de instrumento de pesquisa, contribua para mobilização de uma nova sociedade, onde a civilidade, o amor, a solidariedade e o respeito se sobreponham ao egoísmo, a ganância, ao individualismo e a competitividade que assolam o mundo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Circuito da Folia – As luzes que encantam.....	64
Figura 02: Corredor da Folia.....	78
Figura 03: Parque do Povo.....	78
Figura 04: Chiclete com Banana em um dos palcos do Balança Campina.....	80
Figura 05: Balança Campina no Parque do Povo.....	82
Figura 0 6: Foliões Pista.....	83
Figura 07: Foliões Vip's.....	84

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Situação e localização do município de Campina Grande.....	40
Mapa 02: Localização da feira de Campina Grande em 1826	42
Mapa 03: Localização da feira de Campina Grande em 1826	43
Mapa 04: Campina Grande- Descentralização das atividades urbanas em eixos e áreas.....	48
Mapa 05: Crescimento urbano de Campina Grande.....	51
Mapa 06: Localização dos principais eventos de Campina Grande no período de carnaval.....	53
Mapa 07: Localização do Parque do Povo, Percurso da Micarande, Teatro Municipal e rua 13 de março.....	62
Mapa 08: Percurso da Micarande.....	63

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ETER: Escola Técnica Redentorista

FAPESQ: Fundação de Apoio a Pesquisa.

PaqTc/PB: Parque Tecnológico da Paraíba

SEPLAN: Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento

SEPLAG: Secretaria de planejamento e gestão

UEPB: Universidade Estadual da Paraíba.

UFCG: Universidade Federal de Campina Grande.

MIEP: Movimento de Integração do Espírita Paraibano

RESUMO

Apresentando-se como alternativa para diversão e a economia, com o desenvolvimento do turismo, a festa Micarande surgiu através da iniciativa do poder público em parceria com setores privados, no início da década de 1990. Com cobertura da imprensa e uma rede complexa de relações envolvendo políticos, empresários, turistas e a sociedade local, a festa ganhou visibilidade, com todo o seu aparato técnico científico informacional, através de trios elétricos, arquibancadas e camarotes e luzes pelas ruas. Apesar disso, a exclusão social da festa era mais sentida em seus múltiplos territórios, através de cordões de isolamento, que separavam os foliões pagantes dos não pagantes, e de camarotes e arquibancadas, montadas para servir os interesses e as necessidades de uma minoria. Junto da magia e do grande conteúdo de simbolismo, poder de encantar e convencer, a festa tornou-se sinônimo de violência, opressão, desigualdade social e outras mazelas que descaracterizou esse ritual festivo como sinônimo de civilidade, até sua última edição, em 2008. Em 2009, a Balança Campina surge como alternativa de substituição da Micarande, reproduzindo exatamente as suas desigualdades e exclusões, só que limitando totalmente o acesso dos “pipocas”. Assim, pretende – se nesse trabalho analisar a Micarande e suas territorialidades, a partir da ideia projetada (a de fábrica de sonhos) e do confronto com a realidade exercida em seu período (a barbárie pós moderna). Para isso, utilizamos de revisão de literatura, aplicação de entrevistas e questionários junto aos foliões e a representantes da organização da festa, registro fotográfico e experiência empírica. Em sua etapa final, pudemos considerar que a festa possuiu um caráter estritamente econômico, ausente de discussões voltadas a cultura local, onde uma rede complexa de relações envolvendo mídia, político e empresários enalteciam a grandiosidade do evento, que externamente exibia poder, diversão e animação, mas tinha sua constituição interior baseada em territórios de opressão, violência, desigualdade na forma de acesso e participação, exclusão e outras denominações que descaracterizam a festa como sinônimo de civilidade.

Palavras – chave:

Micarande – festa - territorialidades – civilidade e barbárie.

ABSTRACT

As an alternative in entertainment and economic terms, along with the development of tourism, the Micarande festa came about because of a government initiative in partnership with private sectors at the beginning of the 90s. With press coverage and a complex web of links involving politicians, business people, tourists and local society, the festivity acquired visibility – along with a whole techno-scientific apparatus: trios elétricos, seating structures and street lights. In spite of this, the festival's social exclusion was felt within its multiple territories, across crowd-controlling cords of isolation pulled along to separate the paying revelers from those who did not pay, not forgetting the stands and seating mounted to serve the interests and necessities of a minority. Against the magic and grand symbolic content, the power to enchant and convince, the festival became synonymous with violence, oppression, social inequality and other flaws which removed the festive ritual from civility until its last edition in 2008. In 2009 the Balança Campina arises as an alternative to substitute the Micarande, reproducing the same inequalities and excluding factors, only this time totally limiting access to the “popcorners”. This work's intention is to analyze Micarande and its territorialities, starting from the original idea (the factory of dreams) to the confrontation with the true ambience that came to take place (post-modern barbarism). To do this we employ a revision of the literature, apply interviews and questionnaires to the revelers and representatives of the festival's organizers, with the aid of photographic register and empirical details. In the final stage, we were able to consider the possibility that the festival possessed a strictly economic character, with no place for discussion directed towards local culture. A complex web of relationships involving the media, politicians and business people heightened the event's grandiosity, which externally exhibited power, fun and revelry, but had an inner life based on territories of oppression, violence, inequality with regard to access and participation, exclusion and other categories which displaced the festival from being something of a synonym of civility.

Key Words:

Micarande – festival – territorialities – civility and barbarism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
-----------------	----

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

<i>A festa: conceito e importância para a Geografia.....</i>	<i>20</i>
--	-----------

<i>1.2 Território e Territorialidade: Uma breve análise conceitual.....</i>	<i>29</i>
---	-----------

2. CAMPINA GRANDE – UM BREVE RESGATE DAS FEIRAS ÀS FESTAS

<i>2.1 Caracterização do espaço urbano campinense.....</i>	<i>39</i>
--	-----------

<i>2.2A cidade do espetáculo: Campina Grande e seu potencial festivo.....</i>	<i>52</i>
---	-----------

3. A MICARANDE: DE FÁBRICA DE SONHOS À BARBÁRIE (PÓS) MODERNA

<i>3. 1- A fábrica de sonhos: A Origem da Micarande.....</i>	<i>58</i>
--	-----------

<i>3.2 A cidade cenográfica: Estrutura e Mecanismo de funcionamento da Micarande.....</i>	<i>64</i>
---	-----------

<i>3.3. Reflexões para pensar a civilidade na Micarande.....</i>	<i>67</i>
--	-----------

<i>3.4 As territorialidades e barbáries da Micarande.....</i>	<i>73</i>
---	-----------

<i>3.5 Balança Campina: As novas territorialidades da festa campinense.....</i>	<i>80</i>
---	-----------

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
------------------------------	----

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
------------------------------------	----

6. ANEXOS.....97

INTRODUÇÃO

Atualmente, o estudo das festas tem dado grande contribuição para o avanço da Geografia, pois, além de permitir a análise e compreensão dos modos com os quais as sociedades interagem em seu meio, ela possibilita a compreensão dos processos sociais em vários ângulos (seja cultural, econômico, político, social, etc), através de manifestações que redefinem espacialidades e temporalidades nas suas formas de festejar. Ela é uma produção social que gera vários produtos, tanto materiais como simbólicos. Com muitos sentidos e significados, ela decorre de todas as culturas e é inerente a condição humana desde os seus primórdios, adquirindo diferentes conotações de acordo com a escala espacial e temporal. Algumas delas procuram enfatizar as tradições e valores culturais, conforme o modo de viver e pensar dos grupos, enquanto outras enfatizam o fator econômico apresentando – se, nos dias de hoje, na forma de mercantilização, espetáculos urbanos e/ou mega eventos, que reorganizam os espaços, na maioria das vezes, através de jogos recíprocos, de que participam as forças econômicas, políticas e culturais, sejam elas locais ou não, redefinindo e refuncionando as ruas segundo a lógica do capital, privatizando – as em nome do lucro, pouco importando as tradições e identidades locais, por meios de mecanismos de ação, controle (físico e ideológico) e manipulação dos agentes hegemônicos, que contam com o apoio total do poder público. Desse segundo grupo participava a Micarande, o antigo carnaval fora de época de Campina Grande, que teve seu período de realização compreendido entre os anos de 1991 a 2008, através da parceria de setores privados com o poder público.

No período do seu surgimento, o Brasil, especialmente o Nordeste, vivia um contexto de adesão a este tipo de carnaval, e a Campina Grande coube o mérito de sediar a primeira micareta fora da Bahia, com estrutura comercial padronizada, servindo – se de referência para algumas capitais (como Recife, Natal, Fortaleza, João Pessoa, Teresina, Maceió e Aracajú). Em escala local, a cidade vivenciava uma crise no setor comercial e o turismo de eventos tornou - se uma alternativa para a economia. A cidade buscou fortalecer a prestação de serviços, principalmente os ligados a promoção de festas, serviços educacionais e médico – hospitalares.

Somando – se ao “Maior São João do Mundo”, a Micarande passou a ser uma promessa para a cidade, que buscava a construção de uma boa imagem, a fim de atrair turistas de diversos pontos do país, através do uso intensivo do *marketing* em diferentes meios de comunicação. Como fábrica de sonhos, através dos ideais de prosperidade, magia e poder de encantar e convencer, a Micarande, com sua marca de empreendedorismo e espetacularização, conseguiu se firmar no calendário turístico da cidade, consolidando – se durante quatro dias do mês de abril, tornando – se um dos eventos mais importantes da cidade e do estado , segundo uma parte da imprensa, ao conseguir atrair milhares de foliões anualmente.

Concomitantemente ao espetáculo imbuído de magia, grandiosidade e tecnologia, a Micarande tornou –se sinônimo de desigualdade, exclusão, violência, preconceito, controle , manipulação e outros tipos de conflitos que induzem a demências e banalização da barbárie, através de suas territorialidades, do início do percurso (denominado “Circuito da Folia”, na Avenida Brasília) até o local de apresentação e fixação dos blocos (o “Corredor da Folia”, no Parque do Povo) definidas por divisão de classes sociais, de acordo com o poder de consumo de cada folião, através de cordões de isolamento, arquibancadas e camarotes. A exceção das territorialidades dos “pipoqueiros”, todos os demais espaços da festa demandavam a compra de seus ingredientes: o espaço VIP nas arquibancadas e camarotes, o abadá (a vestimenta do grupo musical-empresarial), a bebida, a segurança, enfim tudo aquilo fornecido pelo mercado. Com espaços “inclusivos” e “exclusivos”, a Micarande muitas vezes suscitava ressentimentos que em muitas ocasiões, descambavam para a violência física, moral, ética, além de financeira. Diante do exposto, o presente trabalho busca analisar a Micarande e suas territorialidades, em seu período de realização. Para o cumprimento desses objetivos fizemos um levantamento bibliográfico na ótica de autores que trabalharam os conceitos de festa, território, territorialidades, civilidade, bem como aqueles que trabalharam a festa supracitada. Somam – se a esse procedimento, a experiência empírica, nas quatro últimas edições da festa (2005 – 2008), seja na qualidade de folião do bloco ou de “pipoqueiro”; a aplicação de entrevistas junto aos foliões e a representantes do poder público responsáveis pela realização do evento e o registro fotográfico, bem como utilização de mapas, tabelas e gráficos. O interesse nesta pesquisa surgiu com a minha primeira participação no evento, quando residia em Campina Grande, na condição de universitário. Sem o “fardamento”, senti sensação de desconforto,

insegurança, medo e inferioridade, por ocupar espaços dos “excluídos”, em pleno espaço público, que na forma de lei, é de todos. Junto a esses sentimentos a indignação aumentava em proporções, à medida que a mídia divulgava o evento, que eu, assim como muitos (que tinham vontade), não poderia participar de forma democrática, bem como quando os fazedores do espetáculo proferiam em seus discursos a ideia de um carnaval de todos, que na verdade era de poucos. Muitos foram os desafios deste trabalho. O maior deles foi a falta de informação e de vontade de repassar dados em alguns órgãos públicos de Campina Grande, que ofereceram burocracia, inclusive na aquisição de mapas e o sentimento inicial de desconforto quando abordava os “foliões” no momento da festa, ou posterior a ela. Haja vista um “desconhecido” no meio da multidão, seria natural um pouco de desconfiança, já que na nossa sociedade a palavra chave das relações é “não fale com estranhos”. Entretanto, a maioria deles (talvez todos) foram receptivos, compreensivos, educados e desempenharam um papel importante na execução deste estudo. Apesar das nossas limitações, acreditamos que conseguimos atingir nossos objetivos.

Nosso trabalho encontra – se estruturado em três capítulos. No primeiro deles, buscamos analisar o conceito de festa e sua importância para Geografia, através da análise de autores como Richard Sennet (1943), Roger Caillois (1950), Duvignaud, Roberto da Matta (1978), Di Meo Bezerra (2008), Rita de Cássia Araújo (2006) e Alves (2008) e discutir o conceito de território e territorialidade, por meio das diferentes abordagens (caráter político, administrativo, substrato material, solo, jurídico – política, econômico e cultural, Estado – nação, etc.) na ótica dos autores Raffestain (1993), Milton Santos (1994, 1997 e 2002), Ratzel (1885), Souza (2006), Haesbaert (2004 e 2006) e Marcelo Lopes de Sousa (1999 e 2001). O segundo capítulo é dedicado a caracterização urbana de Campina Grande, destacando o desenvolvimento da cidade no cenário regional, desde o início de seu povoamento, com as feiras de gado e de cereais, passando pela chegada do trem, o ciclo do algodão, o desenvolvimento do comércio, as modernizações urbanas, a indústria, até chegar nos serviços, com a produção de festas, o oferecimento de serviços educacionais e médico – hospitalares. Já o terceiro capítulo, propõe analisar a Micarande e suas territorialidades, através dos mecanismos de funcionamento introduzidos pelos promotores da festa, responsáveis pelas territorialidades construídas em diversos espaços (através de cordões de isolamento,

arquibancadas, camarotes e cabines de imprensa). O capítulo referido busca também relacionar os objetivos da festa a uma fábrica de sonhos, já que os ideais de poder, grandiosidade e prosperidade encontraram – se presentes nos discursos políticos, que propuseram teoricamente um carnaval de todos, que além da diversão servisse de alternativa para a economia local, com o desenvolvimento do turismo. Além disso, buscamos contextualizar a Micarande com a escala global, para podermos compreendê-la numa visão holística, através dos processos que marcam as relações sociais contemporâneas ou (pós) modernas. Com isso, buscamos elencar algumas formas de violência, presentes na Micarande que a descaracteriza como sinônimo de civilidade, seja através do medo, da opressão, da desigualdade, da segregação, das hierarquias, das diversas formas de acesso e participação dos foliões, do controle dos espaços públicos, etc. Nas considerações finais, destacamos as territorialidades da Micarande e os seus conflitos, responsáveis pela banalização da barbárie, através da produção da violência física, moral, ética e, acima de tudo, financeira. Coube – nos o dever de propor uma nova identidade sócio – territorial, onde a autonomia, a participação, a democracia e os direitos humanos se sobreponham ao egoísmo e a insensibilidade dos mercados e a indiferença ou incapacidade do Estado fazer valer os direitos básicos do cidadão, como o de ir e vir (em espaços públicos).

Capítulo I:
Fundamentação Teórica

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A FESTA: CONCEITO E IMPORTÂNCIA PARA A GEOGRAFIA

A festa tem ocupado um lugar de destaque na dinâmica do espaço geográfico. Suas manifestações sevem de suporte para compreensão do modo com que os grupos sociais agem e interagem em seu meio, em seus aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. Essas manifestações redefinem espacialidades e temporalidades nas suas formas de festejar. Algumas delas são providas de tradições e valores culturais, refletindo o modo de viver e pensar dos grupos, enquanto outras são apropriadas pelo poder público e pelo capital empresarial, assumindo forma de mercantilização, espetáculos urbanos e/ou mega eventos, face à globalização, contribuindo para uma (re) organização do espaço urbano, muitas vezes ausente do caráter de invenção da tradição.

A festa é parte da condição humana e sua presença na história e na geografia da humanidade é marcante. Conforme pensa Alves (2008, p.1) “ela marca nossa vida, os tempos fortes, as pausas, a alternância de ritmo e de intensidade tanto no campo individual quanto no coletivo. Marca ainda periodicidade das passagens”. Sua importância histórica é evidenciada desde os tempos míticos, onde os homens faziam festas e também deuses. Logos e Mithos¹ eram dois antigos festivais atenienses de grande aceitação que “ilustram uma verdade simples e amplamente aceita: Os rituais cicatrizam” (SENETT, 1943, p.84). Em livros da bíblia sagrada é comum o termo “festa”, sendo ela associada como sinônimo de celebração, cerimônia, participação e/ou descanso. Ainda na Idade Clássica o carnaval se imortalizou como uma antiga festa, vindo a tornar-se, na Idade Média, uma festa oficial, com caráter profano. Com a expansão do capitalismo pelo mundo, a festa ganhou novos contornos, se expandindo além das fronteiras, unindo e impondo hábitos, costumes e valores semelhantes em diversos pontos do planeta. Esse caráter se fortalece com a contemporaneidade, acobertada pela globalização. Presente em todas as sociedades, como diferentes códigos, símbolos e sentidos, as festas mobilizam grupos sociais e dão muitos sentidos ao espaço geográfico no momento de sua realização. Nessa perspectiva, ela:

Se faz presente em todas as sociedades, seja ela, celebração, comemoração, fruição, diversão, espetáculo, ritual, brincadeira, investimento, trabalho e religião. Inúmeras são as festas, ao mesmo tempo em que são únicas, singulares. Cada uma delas exprime o modo de viver dos grupos sociais, que nelas produzem e reproduzem sentidos e significados diversos. Desse modo, diz de nós mesmo, de nossas sociedades e das relações que as pessoas estabelecem entre os grupos com seus mitos, com o sagrado, o simbólico, uma ancestralidade, a história. (ALVES, 2008, p.02)

A festa tem se tornado objeto de estudos de diferentes profissionais e áreas de conhecimento. Para a geografia, ela adquire uma grande importância, visto que sua realização é feita no espaço geográfico e os seus agentes (grupos de pessoas, poder público, empresas e instituições), objetos e ações transformam-o constantemente, construindo muitas vezes, territorialidades, marcadas por conflitos e contradições, pautados na maioria das vezes pelos interesses dos agentes hegemônicos, sendo eles geralmente políticos e grandes empresários. Além disso, ela permite perceber os signos especializados pelos quais os grupos sociais se identificam a contexto geográfico específicos, sendo ela uma oportunidade para a compreensão da natureza do laço territorial. Essas considerações nos conduzem a pensar que a festa é uma produção social que gera vários produtos, tanto materiais como simbólicos. Apesar de decorrer todas as culturas com seus múltiplos sentidos e significados, conceituar festa não é tarefa tão fácil como participar dela. Entretanto, faz-se necessário esse esforço nessa pesquisa, já que trataremos de um tipo específico de festa, a Micarande, o carnaval fora de época de Campina Grande, durante seu período de realização (1989 - 2009). O estudo de festas

Na Obra Festa, trabalho e cotidiano Guarinello define a festa como:

¹ Segundo Richard Senett, *Mythos* que quer dizer “reunir” ou associar fragmentos de indícios de fatos verificáveis enquanto *Logan Didonai* significa prestar contas diante de uma platéia crítica e desconfiada.

Uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na espera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa dos participantes. (IDEM, 2001, p.972)

Compartilhando das idéias e reflexões de Di Meo Bezerra (2008, p. 09) acredita-se que um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar ou forçar as identidades em nível sócio geográfico, já que seu significado profundo, suas manifestações, a liturgia de seu desenvolvimento, os discursos e os mitos mantêm trabalhando de perto ou de longe a unidade e a identidade social.

Em “as formas elementares da vida religiosa” o sociólogo Francês Emile Durkheim elucidou a importância das festas para distinção entre o sagrado e o profano, em comparação com dias úteis. Sua obra é uma herança teórica imprescindível para a compreensão das festas e rituais religiosos referidos a cultura popular brasileira, dos quais se destacam os carnavais. Para ele:

Toda festa, quando por suas origens, é puramente leiga, apresenta características determinadas de cerimônia religiosa, pois em todos os casos tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência às vezes até de delírio, que não é deixar de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital etc. observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lúcido do ilícito; o mesmo se dá com as cerimônias, religiosas que determinam como que uma necessidade de violar regras normalmente respeitadas. Certamente, não é que não se devam diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples júbilo não tem objetivo sério, ao passo que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Ainda será necessário observar que talvez não haja júbilo onde não exista algum eco da vida seria. No fundo, a diferença está mais na proporção desigual em que esses dois elementos são combinados. (DURKHEIM, 1989, p. 456)

Segundo o autor supracitado, um mito pode servir para vários fins e vários ritos podem produzir o mesmo efeito e se substituírem mutuamente. O essencial é que os indivíduos estejam reunidos, em relações diretas uns com os outros, onde sentimentos e idéias sejam experimentados de forma comum. Assim os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente. As principais características de todo tipo de festa, segundo Durkheim, são: a transgressão das normas coletivas, a superação das distâncias entre indivíduos e a produção de um estado de efervescência coletiva. Assim, no divertimento em grupo,

o indivíduo “desaparece” e passa a ser dominado pelo coletivo. Nessas circunstâncias, apesar ou por causa das transgressões, são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em sociedade. Ou seja, o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade ao passo que os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais. Dessa forma, tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos possuem um caráter crucial para a reinvenção dos “laços sociais”, pois, no pensar de Durkheim, com o tempo a consciência coletiva é propensa a perder forças e assim quanto mais rituais religiosos e cerimônias festivas a sociedade for capaz de realizar, maiores serão as forças que elas conseguirão contra a dissolução ou rompimento social.

A festa se aproxima do fluxo diário, infiltrando-se na rotina em formação da vida social. Nela, as pessoas se jogam, buscam esquecer suas mágoas e problemas do cotidiano. Ela

é um momento fugaz que sai da rotina, da vida cotidiana, mas que nos remete ao que nós somos: a matéria, ao imaginário, ao lúdico e a experimentação. É antes de mais nada um ato coletivo extraordinário, extra-temporal e extra-lógico. Por essas três características podemos dizer que ela é transgressora e instauradora de uma nova forma de associação, dado pelo “estar juntos”, pelo fato mesmo da relação, importante é o sucesso do momento ou da lembrança dele. (ALVES,2008,p.04)

Ainda de acordo com a autora, a desordem que a festa inaugura é produzida pela transgressão das normas vigentes, o que não significa ausência de ordem. Pelo contrário, a festa tem toda uma etiqueta própria que deve ser seguida. Instaura um mundo novo, o do sagrado, que é marcado por uma temporalidade especial. “pouco importa se é sagrado ou profano, o que vale é que ela é espaço de reunião das diferenças, de figurações sociais, de assembléia coletiva e de sociabilidade. É elemento de re-ligação”(ALVES, 2008, p.4).

Outra teoria clássica da festa vem de Roger Caillois em sua obra “o homem e o sagrado”. Nela, ele expõe que a vida cotidiana opõe-se a efervescência da festa, que provoca o arrebatamento coletivo e se caracteriza pelo excesso e pândega. Para ele assim como existe festas alegres há aquelas tristes, (os valores podem ser de exemplo), porem todas elas são definidas pela dança, pelo conto, pela ingestão de comida e bebidas. Para ele, a lei da festa tem diversão como palavra de ordem, enquanto chega a exaustão e o corpo adoeça.

Estudando as festas de civilizações primitivas, o autor constata um longo período festivo, no qual o esbanjamento e a destruição, características do excesso, se tornam essência da festa. Também nela a violência nasce espontaneamente, provocada pela agitação e estímulos em seu interior. “A festa representa, assim, paroxismo da sociedade, pois, ao romper de modo violento com as preocupações da vida cotidiana, surge para o indivíduo como um outro mundo, onde ele se sente amparado e transformado por forças que o ultrapassam. É o que mantém o homem ligado à sua cotidianidade.”(ALVES, 2008,p.02).

Para Callois, a vida cotidiana é dura, repetitiva, monótona, enquanto o dia da festa (de descanso) encerra um tempo consagrado ao divino, onde o trabalho é liberado e a ordem passa a ser o repouso, o gozar e a oração. Ele acredita que a festa nos coloca diante da noção de tempo, da finitude e da que a reunião de muitas pessoas, que se movimentam, dançam, cantam, gritam etc. contribui para a produção de grande quantidade de “energia”, que é redistribuída para todos os participantes. Ele acrescenta que:

Em sua forma plena, a festa deve ser definida como o paroxismo da sociedade (ideal) que ela purifica e que ela renova por sua vez. Ela não é seu ponto culminante apenas do ponto de vista econômico. É o instante da circulação de riquezas, o das trocas mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das riquezas acumuladas. Ela aparece como o fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a “revigoração” do ser: o grupo se jubila pelos nascimentos ocorridos, que provam sua prosperidade e asseguram seu porvir. Ele recebe no seio novos membros pela iniciação que funda seu vigor. Ele toma consciência de seus mortos e lhes afirma solenemente sua fidelidade. É ao mesmo tempo a ocasião em que, nas sociedades hierarquizadas, se aproximam, e confraternizam as diferentes classes sociais e onde, nas sociedades de fratrias, os grupos complementares e antagonistas se confundem, atestam sua solidariedade e fazem colaborar com a obra da criação os princípios místicos que eles encarnam e que acredita-se, ordinariamente, não devem se juntar”(CALLOIS,1950, p.166)

Na concepção de Araújo (1996, p. 35), alguns pensadores defendem a idéia de que a festa é um fenômeno atemporal ou extra temporal. Assim, a festa constitui-se num fenômeno transcultural, numa experiência coletiva que coloca o homem forte a um mundo sem estrutura e sem código. A festa destrói ou abala, em sua vigência, as representações, os códigos, as normas por meio das quais as sociedades se defendem contra a agressão natural. A festa, continua a autora, conduz o homem ao confronto com a realidade última e inevitável da existência: a destruição e a sexualidade. Deste empate, porém, o homem sai restaurado e rejuvenescido. E nisto

reside o verdadeiro tempo da festa: o da geração e o da renovação da vida coletiva; fuga da angústia e busca de comunhão e da confraternização universais. Ainda para Araújo, numa outra perspectiva há outros que vêm fundamente como um fenômeno temporal e historicamente determinado. Assim, embora apresentem um caráter de descontinuidade e de excepcionalidade, de ruptura da rotina do trabalho e da vida diária, as festas remetem a existência cotidiana sobre a qual falam e representam, transgridem ou reinventam.

O maior expoente das teorias contemporâneas sobre a festa é o Frances Jean Duvignaud. Em sua obra festas e civilizações ele contrapõe as teorias clássicas da festa, quando elas são vistas como tentativa de regeneração social ou afirmação da ordem vigente. Para ele, a festa é uma ruptura, anarquia total e poder abusivo. Seu poder não é exclusivo de uma cultura ou outra, mas sim de todas elas, como um grande destruidor, ou seja, em sua concepção, a festa é um rompimento com a ordem estabelecida e, por sua característica anômica, torna-se nociva a essa. A festa evidencia a “capacidade que têm todos os grupos humanos de se libertarem de si mesmos e de enfrentar uma diferença radical no encontro com o universo sem leis e nem forma que é a natureza na sua capacidade”. Ela continua Duvignaud, é uns dos elementos que nos possibilitariam compreender aquilo que nos liga uns aos outros, que faz veículos e produz elos, pois ela é o (ré) ligare. Compartilhando da ideias deste autor, Alves acrescenta que:

a festa é a ausência de significado, portanto potencialidade de gerar significantes. É a ruptura com a duração, ela provoca uma quebra no encadeamento dos determinismos, na ordem social e história. Por isso, é anti-social, remete a natureza, a um mundo sem estrutura, sem código, das forças não instituídas são (instituinte) ao mundo em subversão. Instaura e constitui a um outro mundo, uma a outra forma de experienciar a vida social, mareada pelo lúcido (prazer, liberdade, gestão de conflitos), pela exaltação dos sentidos e das emoções e agonístico. (ALVES, 2002, p.04)

Ainda segundo a autora, a desordem que a festa inaugura é produzida pela transgressão das normas vigentes, o que não significa ausência de ordem. Pelo contrário a festa tem toda uma etiqueta própria que deve ser seguida. Instaura um mundo novo, o do sagrado, que é marcado por uma temporalidade especial. Traz perturbações para a ordem estabelecida.

Como um ato coletivo, toda festa supõe a presença e a participação do grupo, fato que a diferencia do espetáculo, que é visto com uma duplicidade: há os que

participam e os que assistem. Ao buscar uma definição sobre festa Duvignaud a divide em dois tipos, segundo grau de participação dos grupos: festas de participação e festas de representação. Na primeira incluem-se cerimônias públicas que contam com a participação de todos (como os carnavais). Já no segundo tipo de festa (festa de representação) há atores (geralmente em número restrito participando diretamente da festa) e espectadores (que em maior número, participam indiretamente do evento). Segundo Alves (2008, p.8) para Duvignaud, que vê na festa o potencial destruidor de todas as sociedades, as “representações comemorativas” (festas de representação) são muito pouco destruidoras. Elas não trazem, de modo nenhum, em si, a força negativa da vida social, dando-lhe uma força positiva. São comemorações, como por exemplo, festas que comemoram vitórias ou celebrações que marcam, nos principados ou monarquias européias, os diversos momentos da vida de um príncipe ou de um soberano, seu nascimento, seu casamento, o nascimento de seus filhos, sua morte. Para Duvignaud estas são comemorações do sangue dos dominadores, nada tendo, portanto, da potência revolucionária ou destruidora que atribui a outras festas.

No território brasileiro, muitas são as festas que fazem parte da cultura e da história de seu povo. Por ser um país predominante católico, o calendário de festas religiosas é preenchido de forma notória e diversificada, seja em pequenas ou médias, como em grandes cidades. “Além do calendário litúrgico, santos e nossas senhoras se tornaram padroeiros de pequenas e grandes cidades, garantindo pelo menos uma festa ao ano, nos mais de cinco mil municípios” (ALVES, 2008, p.4). Além das festas religiosas o povo brasileiro realiza frequentemente festas em estádios, clubes e bares, com o futebol, uma de suas maiores paixões. Em junho, festas juninas são realizadas principalmente no nordeste, em comemoração aos santos juninos, em especial o São João período em que grupos políticos de Campina Grande (PB), Mossoró (RN) e Caruaru (PE), travam uma disputa ideológica e política em busca da promoção de imagens da cidade no cenário nacional e da atração turística. Soma-se a essas, a festa do “Boi Bumbá” no Maranhão e na Amazonas, que traz como destaque a cidade de Parintins, num cenário em que a lenda do boi é revivida junto com a história de caboclos e indígenas com a rivalidade dos bois caprichoso e Garantido. A Festa da Uva em Caxias do Sul (RS), a Festa do Boiadeiro em Barretos (SP), e o “*Oktoberfest*” em Blumenau (SC), são outros

exemplos de festas de grande importância para a cultura brasileira. Contudo, é no Carnaval que o país pára, buscando viver dias de alegria, dispêndio e exuberância e esquecer os problemas que frequentemente enfrentamos. As cidades do Rio de Janeiro (RJ) Salvador (BA), Recife (PE) e Olinda (PE) saem do ordinário de sua rotina cotidiana para viver dias de euforia, cada uma com uma metodologia própria para atrair foliões. Enquanto a primeira tem o samba e as escolas como ponto forte, a segunda usa o axé e artistas e grupos de fama nacional para garantir seu êxito. Já as duas cidades Pernambucanas têm o frevo no pé, fantasias e máscaras como ponto forte. Tais eventos são inerentes a própria existência do corpo social conforme define Alves: são conforme define Alves:

Quando uma sociedade, ou um segmento desta, sai do ordinário de sua rotina cotidiana para viver o “extraordinário” de eventos ritualizados é porque tal acontecimento tem a ver com a própria existência do corpo social. Constitui-se então um conjunto de manifestações simbólicas, inscrito, portanto na ordem da significação capaz de ser lido, rebelado ou percebido por todos os segmentos da sociedade em que se realiza (IDEM, 1980,p.21).

Para alguns autores que se dedicaram ao estudo das festas carnavalescas no Brasil, seus conceitos sobre elas se relacionam a um momento de apaziguagem das diferenças, medidas pela alegria e o prazer de todos, onde hierarquias são quebradas e a diversão de todos prevalece. Nessa perspectiva

Farias afirma que:

[...]O carnaval é festa, efervescência, comunhão entre pessoas.[...]é a esperança de alteridade à inexorabilidade do mundo moderno.[...]Ele mescla festa e modernidade, folia e racionalização. Não se trata de negar a dimensão lúdica ou a liberação dos afetos, eles existem e indubitavelmente definem a especificidade da folia carnavalesca. Sem este aspecto, no qual a temporalidade cotidiana é parcialmente interrompida e reorganizada, a festa não existiria. Mas a efervescência, o “imprevisível”, a alteridade, é situada historicamente. (IDEM, 2006, p.10)

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, Rita de Cássia Araújo, em sua obra “festa: Máscaras do tempo” acrescenta que:

Malgrado as diferenças de classes e de etnias que o caracterizam e o dilaceram enquanto povo, o carnaval é comumente definido como a festa da confraternização universal, a festa da democracia social e racional, que una iguala a todos: brancos e pretos, ricos e pobres. Esta pressuposta universalidade da festa, capaz de destruir as diferenças e desigualdades culturais internas, de unificá-las e de promover a integração sócia, possibilitou sua conversão em símbolo de identidade nacional. (ARAÚJO, 1996, p.19)

Roberto da Matta (1978) define o ritual como um discurso simbólico que destaca certos aspectos da realidade e os agrupa através de inúmeras operações como junções, oposições, inalações e integrações. No seu pensar, o carnaval brasileiro é um ritual de inversão, já que as hierarquias se apagam em certos momentos, fato visível, através de fantasias, onde homem se fantasia de mulher, pobre vira príncipe, etc. “O projeto da sociedade brasileira, com suas regras e seus ritos, é o de dissolver e fazer desaparecer o indivíduo” (DA MATTA, 1978, p.93). No carnaval, continua ele, as leis são mínimas. “O folião que conta, que decidirá de que modo irá brincar” o carnaval.

No Brasil, durante as décadas de 1980 e 1990, em especial a região Nordeste, adere a um tipo específico de carnaval, as micaretas, carnaval fora de época, que põem em xeque a concepção de que o carnaval é de todos e pra todos, sinônimo de homogeneizador de classes, no que se refere a participação dos fólhos. O Recifolia (em Recife), Carnatal (em Natal), Fortal (Fortaleza), Pré- Caju (Aracajú), a Micarôa (João Pessoa), Maceió *Fest* (Maceió), Micarina (Teresina) entre outras, são exemplos desse ritual festivo. O axé *music*, principal ritmo das micaretas, tornou-se “febre” na década de 1990, chegando a responder a 13% das vendas de disco no país. Apesar disso, quase todas elas não resistiram aos desafios impostos pela globalização da economia, diante dos altos custos demandados e sofreram mudanças significativas. Algumas delas se extinguíram enquanto outras foram totalmente privatizadas, passando a se realizar em locais fechados (*in door*), atraindo um público mais seletivo (pessoas que podem pagar para participar). O Recife *Indoor* (Recife), *Fest Verão* (Em João Pessoa), Maceió *Fest* (em Alagoas), o Marafolia (São Luís), Festival de verão (Salvador), Olinda *Beer* (Olinda – PE) são provas disso. A Micarandê, objeto da nossa pesquisa, também não resistiu as mudanças do mundo contemporâneo globalizado e suas exigências e foi extinta em 2009, sendo implicitamente substituída pelo Balança Campina, um evento *indoor*. A diferença deste em relação aos demais é a sua privatização, que ocorre em espaço público (no Parque do Povo). Nesse contexto, o espaço passa a tornar-se mercadoria gerando divisão de classes sociais, através de cordas, camarotes e arquibancadas, que separam os grupos pelo poder de consumo. Este fenômeno tornou-se comum nesse tipo de evento, onde o espaço é exposto enquanto objeto de consumo e delimitador de *status* social.

1. 2 TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE: UMA BREVE ANÁLISE CONCEITUAL

Há muito tempo a noção de território é debatida no discurso científico. Muitos são as diferentes formas de abordagem dessa importante categoria de análise da geografia. Face ao objetivo dessa pesquisa, que se pauta em analisar a Micarande e suas territorialidades, em seu período de realização, acreditamos na necessidade de conceituar território e territorialidade na ótica de alguns autores, pois contemplando tais categorias, estaremos fortalecendo o aporte teórico e metodológico necessário a análise e concretização dessa pesquisa.

Etimologicamente a palavra território deriva do latim “*territorium*”, que significa “pedaço de terra apropriada”. A esse vocábulo, as idéias de dominação, área dominada e limites estão associadas. Em todos os âmbitos tal conceito pressupõe a existência do espaço. Dessa forma, o conceito do primeiro está sempre subordinado ao conceito do segundo. Assim, acreditamos que a definição de espaço é imprescindível para a compreensão do território. Nesta perspectiva, optamos pela definição do professor Milton Santos (1997, p.51) que afirma que “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá”. Em outras palavras, o “espaço deve ser considerado um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográfico, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”(IDEM, 1997, p.26).

A partir desta concepção de espaço, retornamos ao conceito de território e territorialidade. Na tradicional Geografia Política, ele surge com um espaço concreto em si, que é apropriado e ocupado por um grupo social. Assim, seu uso estaria ligado a idéia de posse, a uma forte relação, associação com o estado e uma escala nacional. Segundo Sousa:

A expressão território sempre foi utilizada no âmbito das ciências naturais e sociais. Nas primeiras, o território seria a área de influência e dominação de uma espécie animal que exerce o domínio da mesma, domínio este que se dá de forma mais intensa no centro, perdendo intensidade à medida que se aproxima da periferia, na qual a referida espécie passa a concorrer com domínios de outras espécies (BRUNET *apud* ANDRADE, 1995). Nas ciências sociais, a expressão território remonta ao século XIX, sobretudo a partir das obras de Friedrich Ratzel, que a associava à organização, gestão e controle do território nacional pelo Estado. (SOUZA, 2006, P.15)

Como precursor da tradicional Geografia Política, Ratzel sistematizou seus trabalhos emergindo possibilidades de maiores discussões acerca do território, ligando – o a idéia de posse e estabelecendo uma forte relação entre este e o Estado – nação. Assim, o território era fixado no referencial político do Estado e estaria inteiramente ligado ao solo. Inspirado nas idéias de Darwin, ele buscou explicar a evolução da humanidade, encarando o homem como uma espécie animal em vez de um elemento social:

Baseando – se nos princípios de que a evolução se processava através da luta entre as várias espécies, vencendo as mais capazes de se adaptarem ao meio natural, Ratzel formulou leis gerais que explicassem as relações entre o homem e o meio natural, ressaltando que as diferenças existentes entre os povos e civilizações resultaram desse relacionamento através dos tempos. (SOUZA, 2006, p. 17)

Assim, Ratzel identificava o território ao substrato material, sendo ele inteiramente ligado ao solo. Vinculando o território a idéia de Estado – nação, ele elaborou sua teoria sobre Estado, Território e Espaço Vital, dando ênfase suprema ao Estado, como núcleo de poder:

No âmbito de sua Geografia Política Clássica, Ratzel passou a estudar o Estado, considerando – o como um instrumento mediante o qual a sociedade se organiza e domina o território. Dessa forma, a dominação do território caracteriza o Estado, cuja importância dependeria da extensão e da situação do território ocupado. O progresso e a decadência de um Estado dependeriam de sua capacidade de expansão ou de redução do território dominado. Nesse sentido, justificam – se as guerras de conquista e a dominação dos povos fracos pelos fortes. A partir dessas preposições., Ratzel desenvolveu o conceito de Espaço Vital, que compreenderia a relação entre a população de um Estado e a capacidade de utilização do seu território. (SOUZA, 2006, p.17)

Esse discurso predominantemente ideológico e unidimensional limitou evidentemente o estudo da categoria território, fazendo emergir um conjunto de críticas oriundas de alguns autores que posteriormente se dedicaram a análise da categoria em suas obras. Um deles foi Claude Raffestin. Em sua obra Geografia do Poder, ele critica a concepção de “poder supremo e absoluto” do Estado afirmado por Ratzel. Nesta obra prevalece o caráter político do território, pois, em sua

concepção, este é um espaço onde se projetou um trabalho, não de qualquer tipo, mais sim um marcado por relações de poder. Segundo sua análise, o território é composto por ação e poder que se manifestam por pessoas ou grupos. Assim, poder e território são enfocados conjuntamente, pois estão intrínsecas em todas as relações sociais. Segundo Raffestain (1993:143) “é essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível”. Dessa forma “na medida em que o espaço passa a ser vivido, tomado por uma relação social de comunicação e representada pelo ator, não é mais espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território”. (IDEM, 1993, p.147). Em outras palavras: o território, na sua concepção, é um espaço onde se gerou um trabalho, marcado por relação de poder. “O território se apóia no espaço, mas não é o espaço, é uma produção a partir do espaço. “Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder” (RAFFESTAIN, 1993,p.144).No seu pensar, o essencial é a compreensão de que um território é produzido por poder e ação, manifestados por grupos ou pessoas. “Entendido assim território e poder são enfocados conjuntamente, pois estão presentes em comum em todas as relações sociais (DUARTE, 2008,p.19). Já a territorialidade para Raffestin “pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade – espaço – tempo em vias de atingir a maior autonomia possível. “Compatível com os recursos do sistema” (1993,p.160)Assim:

Essa territorialidade resume, de algum modo, a maneira pela qual as sociedades satisfazem, num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e em conjunto de instrumentos também determinados, as suas necessidades em energia e em informação. As relações que se constituem podem ser simétricas ou dissimétricas, ou seja, caracterizados por ganhos e custos equivalentes ou não. (IDEM,1993, p.161)

Ainda segundo Raffestin, opondo-se uma a outra, teremos uma territorialidade estável e uma territorialidade instável, onde, na primeira, nenhum dos elementos sofrem mudanças sensíveis a longo prazo, enquanto na segunda todos os elementos sofrem mudanças sensíveis a longo prazo. Entre essas duas situações extremas teremos os outros casos, nos quais uns dos dois dos elementos podem mudar, enquanto o outro ou os outros permanecem estáveis.

Tudo reside na relação concedida como processo de troca e/ou de comunicação. Processo esse que precisa de energia e da informação; que permite aos atores satisfazerem suas necessidades, ou seja, proporciona a eles um ganho, mas também um custo. As relações são simétricas se ganhos e custos se equilibrarem, do contrário são dissimétricas. Dessa forma “a territorialidade aparece como constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade” (RAFFESTAIN, 1993, p.161). Ela se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. Destarte, para o autor, toda produção do sistema territorial determina ou condiciona uma consumação deste. Tessituras, nodosidades e redes, criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e os grupos devem assumir. Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. A territorialidade se manifesta em todas as escalas especiais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a “face vivida” da “face agida” do poder.

Apesar da sua crítica à unidimensionalidade do poder na Geografia Política Clássica, Raffestain não conseguiu romper com a identificação do território com o substrato material. Embora não tenha se limitado ao “solo pátrio” e tenha reconhecido a natureza do poder multifacetado, sua ideologia foi condicionada a uma dimensão inidimensional, ao alcance exclusivamente do Estado – nação. É no que tange a sua concepção a cerca da territorialidade, ele a reduz a fenômenos voltados exclusivamente a órbita econômica (produção, troca e consumo das coisas) enquanto outros tipos de territorialidades (simbólica, populacionais, de gênero, culturais e etnias) são negligenciadas.

No contexto atual, uma contribuição de grande relevância na discussão do território enquanto conceito vem do professor Milton Santos. Sua vasta obra é uma das mais citadas nas reflexões sobre o espaço geográfico e conseqüentemente, sobre as categorias de análise da Geografia, como território e territorialidade. Ele afirma que o território não é:

apenas um conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de perceber aquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. O território em si não é uma categoria de análise em disciplinas históricas, como a geografia. É o território usado que é uma categoria de análise. (SANTOS, 2002,p.14)

E continua:

O território é o lugar em que desembarcam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. (SANTOS, 2002, p.11)

Em outras palavras:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (SANTOS, 2002, p. 96)

Segundo o autor supracitado (1994), os territórios se configuram como expressão das materialidades das sociedades frente às ações mundiais capitalistas sendo isso a “forma impura”. Assim, a territorialidade das pessoas emerge como sendo o conjunto das relações mediadas pelo poder entre os diferentes agentes sociais(empreses, Estados,pessoas, instituições)que buscam algo semelhante em um determinado ponto do espaço. Assim, a territorialidade consiste na capacidade que os agentes sociais têm de produzirem/reproduzirem sistematicamente os territórios, de acordo com as diretrizes de um agente hegemônico.

Outro autor de grande relevância no estudo do território é Marcelo Lopes de Sousa. Para ele (1999, p.78) o território “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e partir de relações de poder”. Nessa perspectiva, os territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (por exemplo, uma rua) à internacional (por exemplo, a área formada pelo conjunto dos territórios dos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN) assim como eles são construídos (e desconstruídos) dentro de diferentes escalas temporais (séculos, décadas, anos, meses, dias); os territórios podem ter caráter permanente, assim como periódico, cíclico. Já a territorialidade é “um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma

interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço” (SOUZA, 1995, p..99). Após retrabalhar o conceito de território, Souza propõe o conceito de território autônomo como uma alternativa de desenvolvimento. Na visão deste autor, a autonomia constitui a base do desenvolvimento, (este) encarado como processo de auto instituição da sociedade rumo a uma maior liberdade e menor desigualdade. Pois:

Uma sociedade autônoma é aquela que logra defender e gerir livremente seu território [...] Uma sociedade autônoma não é uma sociedade sem poder [...] No entanto, indubitavelmente, a plena autonomia é incompatível com a existência de um “Estado” enquanto instância de poder centralizadora e separada do restante da sociedade. (SOUZA, 2001, p. 106)

Ainda segundo o autor, “em qualquer circunstância, o território encarna a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo”. (SOUZA, 2001, p. 108). Mas não um território ideologizado com um poder centralizador como o Estado-Nação, mas um território autônomo, onde as pessoas têm a liberdade de manifestar suas escolhas e potencialidades, gerando um espaço socialmente equitativo. Assim, o território deve ser apreendido em múltiplas vertentes com diversas funções. Embora privilegie as transformações provenientes do poder no território, o autor aponta a existência de múltiplos territórios, principalmente nas grandes cidades, como o território da prostituição, do narcotráfico, dos homossexuais, das gangues e outros, podendo ser estes temporários ou permanentes.

Roberto Lobato Corrêa afirma que o território não é sinônimo de espaço, bem como territorialidade não é espacialidade. “O território é o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas”(CORRÊA, 1996, P.251). Já a territorialidade “ refere – se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um dado território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas” (CORRÊA, 1996, p. 252).

Nesse mesmo grupo de estudiosos de grande importância para a discussão do território na atualidade encontra – se professor Rogério Haesbaert. Para ele,

o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade – espaço, desdobra-se ao longo de um contínuo que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e funcional a apropriação mais subjetiva e/ou cultural – simbólica (HASBAERT, 2004, p.95).

Em outras palavras o autor supracitado afirma que, o território pode ser concebido a partir das múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem estritamente cultural. Para o autor, o conceito de território é amplamente utilizado na geografia, e na antropologia e um levantamento das diversas concepções do conceito de território permite dentro dos seguintes referenciais teóricos:

O binômio materialismo e idealismo, que se desdobra depois em duas outras perspectivas (o vínculo sociedade-natureza e as dimensões sociais privilegiadas, econômica, política e/ou cultural) e a historicidade do conceito, em dois sentidos (sua abrangência histórica e seu caráter mais absoluto ou relacional – físico – concreto, a priori ou, sócio - histórico). Para ele o território, assim como qualquer ocupação, tem a ver com o poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder mais implícito ou simbólico, de apropriação. (IDEM, 2004, p.20)

Rogério Haesbaert analisa o território com diferentes enfoques, elaborando uma classificação em que se verificam três vertentes básicas: 1) *jurídico-política*, segundo a qual “o território é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual se exerce um determinado poder, especialmente o de caráter estatal”; 2) *cultural(ista)*, que “prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço”: 3) *econômica*, “que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho”. (HAESBAERT *apud* SPOSITO, 2004, p.18).

No panorama atual do mundo com todas as suas complexidades e processos, muitas vezes excludentes, como a crescente globalização e a fragmentação a um nível micro ou local, servindo de refúgio à globalização, HAESBAERT (2002) identifica uma multiterritorialidade reunida em três elementos: os territórios-zona, os territórios-rede e os aglomerados de exclusão. Nos territórios-zona prevalece a lógica política, enquanto nos territórios rede prevalece a lógica econômica e nos aglomerados de exclusão ocorre uma lógica social de exclusão sócio-econômica das pessoas. No entanto, cabe destacar que:

[...] esses três elementos não são mutuamente excludentes, mas integrados num mesmo conjunto de relações sócio-espaciais, ou seja, compõem efetivamente uma territorialidade ou uma espacialidade complexa, somente apreendida através da justaposição dessas três noções ou da construção de conceitos “híbridos” como o território-rede. (HAESBAERT, 2002, p. 38).

Na busca de propor uma leitura para a análise do território, em contrapartida aos teóricos que defendem a desterritorialização², o referido autor desenvolve uma nova noção onde o conceito de território se define a partir da multiterritorialidade. Para ele, somente partindo da visão integradora, que enfatize os aspectos políticos, econômicos e simbólicos, é possível compreender o que hoje vem a ser a complexidade do território. O autor define tal conceito como uma forma dominante, contemporânea ou pós-moderna de reterritorialização e propõe a superação da dicotomia material/ideal e envolver, ao mesmo tempo, a dimensão espacial concreta das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço ou o “imaginário geográfico” que também move essas relações. Em outros termos, o autor destaca que o território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) em que está mergulhado, relações estas que são sempre, também, relações de poder.

Esse sentido relacional do território encontra-se também em evidência na abordagem materialista de Liousier Godelier, que afirma que “as formas de propriedade de um território são ao mesmo tempo uma relação com a natureza e uma relação entre os homens, sendo esta última dupla: uma relação no interior de cada sociedade entre os indivíduos e os grupos que a compõe” (HAESBAERT, 2006, p. 54 *apud*. GODELIER 1984, p. 115).

Diante desse contexto, pode – se dizer que o conceito de território e territorialidade encontra – se ainda em construção, haja vista a complexidade que envolve o tema. No entanto, há de se concordar que a ideia de relação de poder aparece, direto ou indiretamente, nos estudos abordados pelos autores que enfocam o território. Sem pretensões de finalizar o discurso, pretendemos nesse capítulo iluminar os caminhos para serem trilhados ao longo da pesquisa. Assim, cabe – nos esclarecer o nosso conceito de território e territorialidade, para facilitar a compreensão do nosso estudo. Entendemos por território, uma porção do espaço mediada por relações de poder, sejam elas políticas, econômicas, e/ou culturais. Essas relações se dão de diferentes formas, seja pela ação do estado, das empresas ou dos grupos sociais, podendo ser temporais ou permanentes. A ele está associado à ideia de poder, apropriação, controle e dominação, seja ela política, econômica, ou cultural (simbólica). Já territorialidade é entendida como um processo social que envolve

uma variedade de relações mediadas por diferentes agentes em busca de apropriação, dominação e/ou permanência de um dado território

CAPÍTULO II

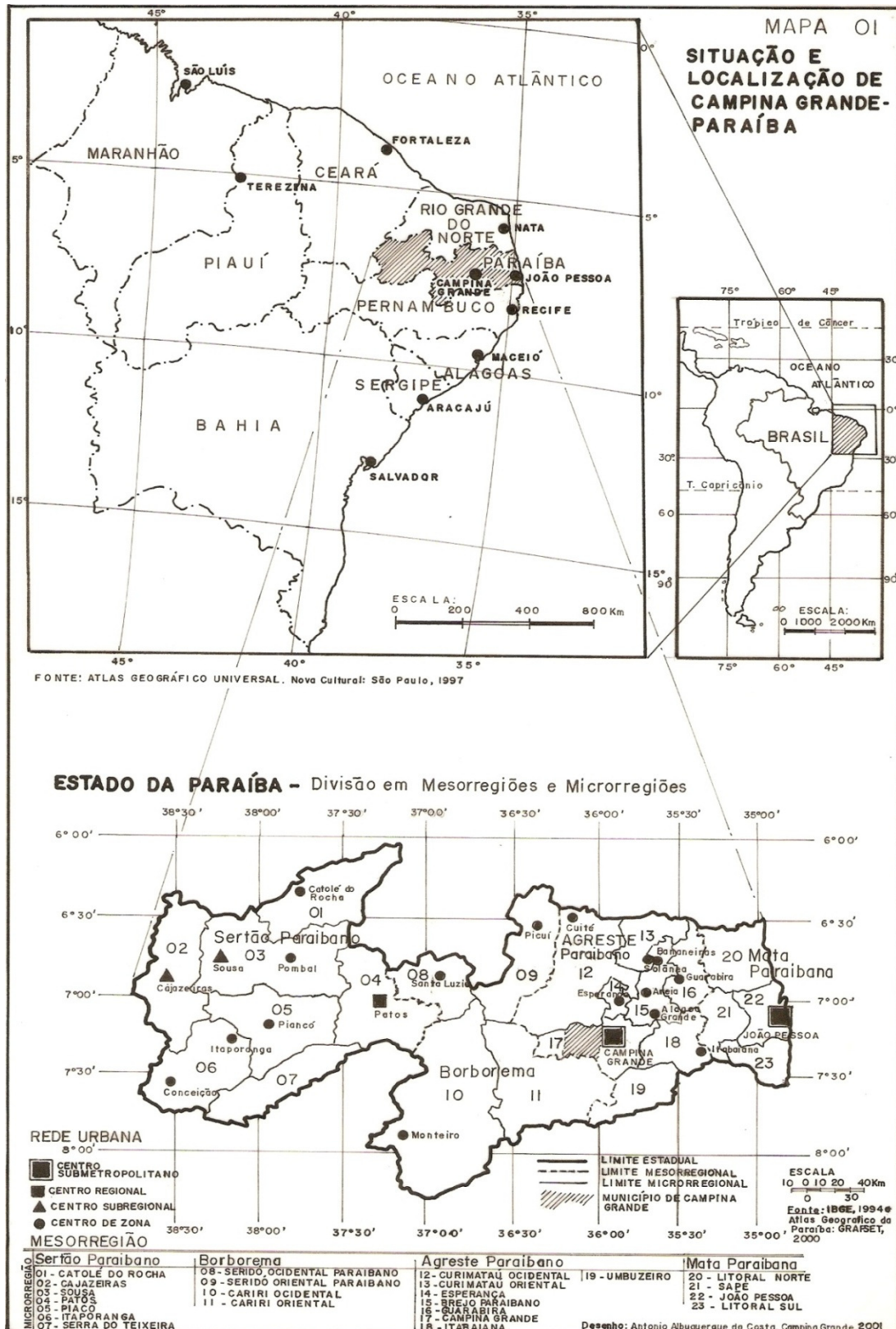
Campina Grande – Um Breve Resgate das Feiras às Festas

2. CAMPINA GRANDE – UM BREVE RESGATE DAS FEIRAS ÀS FESTAS

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE

Localizada na porção leste do estado da Paraíba, na microrregião do agreste paraibano, situada próximo à borda oriental do Planalto da Borborema, a cidade de Campina Grande teve origem com o aldeamento dos índios Ariús, sob o comando do capitão Teodósio de Oliveira Lobo, em 1697, provenientes do vale do rio Piranhas, onde se fixaram no sítio dos barrocos. Em 1790 o povoado eleva-se a categoria de vila, recebendo o nome de Vila Nova da Rainha, sendo ela fortemente reconhecida no cenário regional por ser o ponto de ligação entre as atividades litorâneas (cana-de-açúcar) e do sertão (gado) e ponte de reunião entre os principais regiões do Seridó e de Espinhas. Segundo o IBGE (2000) a cidade é determinada pelos paralelos 7° 13' 50", latitude sul e 35° 52'52" de longitude oeste. Sua sede fica a 130Km da capital João Pessoa. Apresenta altitude entre 500 e 550m, com área municipal de 641,37Km² e área urbana de 75Km². Encontra-se numa área de transição de duas regiões bioclimáticas, com médias térmicas anuais em torno de 25° C, pluviosidade entre 800mm e 1200mm anuais, chuvas de outono e inverno, umidade relativa do ar entre 80% e 85%, períodos secos entre 1 e 4 meses. Solos: Brancos Liláceos, rosas, pouco impermeabilizados e pedregosos. População igual a 383.941 habitantes e densidade demográfica igual a 552,79 Hab/ km²

A cidade de Campina Grande inicia sua projeção no cenário regional, ao transformar-se em feira de gado. Com localização geográfica privilegiada, por ser passagem obrigatória entre o litoral e o sertão, a cidade destaca-se das demais cidades da Paraíba por centralizar o comércio do interior; tornando-se ponto de encontro entre tropeiros (condutores de tropas de animais com mercadorias a serem negociadas nas cidades do interior do Brasil) e boiadeiros(os negociantes de gado para corte) que se deslocavam do interior para o litoral. Além desses, a ascensão da feira atraía retirantes do sertão, que partiam para o litoral em busca de trabalho.



Mapa 01: Situação e localização do município de Campina Grande – PB

Fonte: Atlas Geográfico Universal *apud* Costa, 2003.

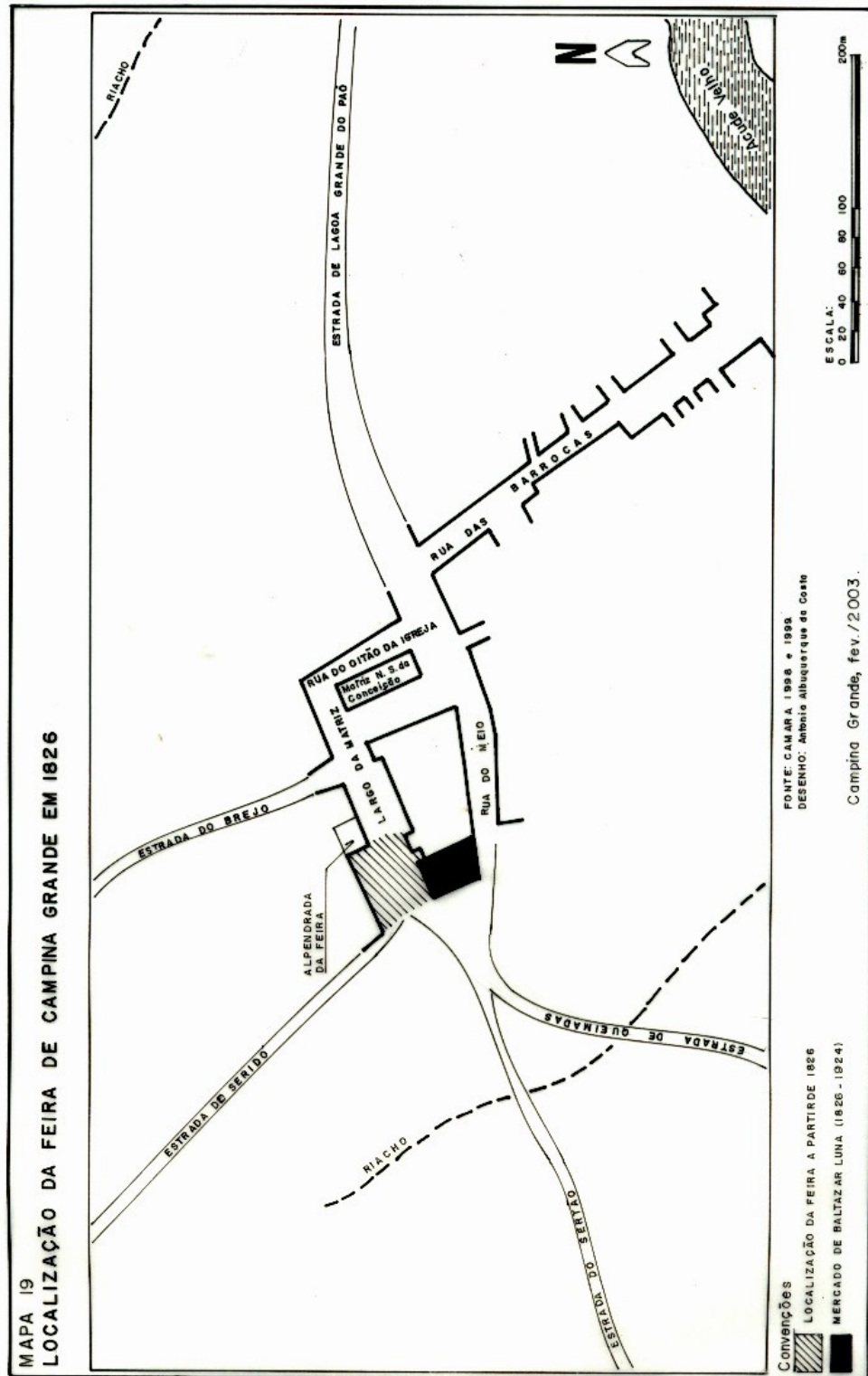
Sobre a importância das feiras realizadas na cidade Irineu Jofilly afirmou:

A feira de gado realizava-se nas quintas-feiras. As boiadas iam chegando e entrando nos currais; onde era pago o imposto e os vaqueiros aguardavam os compradores, chamados marchantes, os quais sem desmontar dos seus cavalos, fechavam seus negócios, para depois acertarem as contas nas hospedarias. Os bois eram vendidos na base de cinco mil reis por arroba e os olheiros arrobadores é que avaliavam o peso de cada animal a olho, somando de cabeça, o preço de toda boiada. Era a maior feira de todo o Nordeste, por sua vez reunindo mais de mil e duzentas cabeças. (JOFILLY, 1977, p.28)

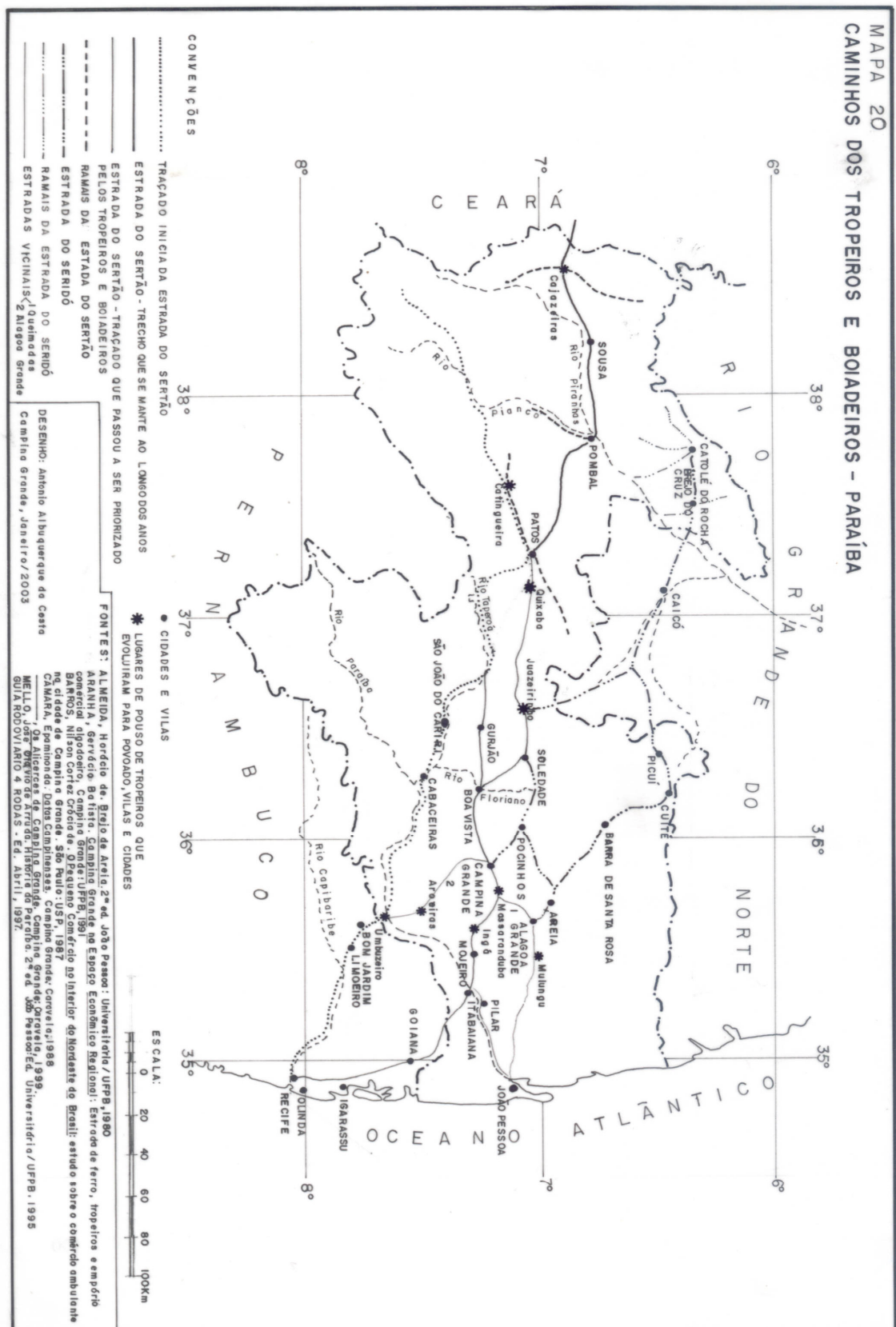
Apesar do grande destaque da feira de gado para o povoamento e expansão de Campina Grande, foi a feira de farinha de mandioca que atribuiu maior importância ao lugarejo, antes mesmo da cidade se destacar com as feiras de gado. Ela surgiu no núcleo inicial da rua dos Barrocos, acompanhando a evolução do espaço urbano campinense. Mesmo apresentando alternância entre períodos de prosperidade e crise, a feira de cereais resistiu às transformações do espaço urbano campinense e segue seu percurso como símbolo cultural da cidade até os dias de hoje, apresentando relativa força; embora sem a mesma importância do passado. A farinha constitui-se num produto de grande peso para a economia local, sendo um produto indispensável e de grande importância para o suprimento dos tropeiros e boiadeiros.

Sobre a feira de cereais, Costa acrescenta que:

O abastecimento da feira era proveniente das casas de farinha que foram aparecendo em torno do lugarejo. CÂMARA (1999, p.27) viu nessas casas de farinha o início da primeira indústria campinense, a qual obtinha vantagens sobre os demais lugares, por não ter concorrentes na época em destaque. O que se tornou uma das primeiras virtualidades deste espaço campinense. A produção de farinha e cereais nas cercanias de Campina Grande foi aos poucos transformando o lugar em localidade central, centralidade esta que se deveu, sobretudo à feira da rua dos Barrocos e posteriormente a feira de gado do Marinho. Tais mercados periódicos realizavam-se aos sábados e as quintas-feiras respectivamente. (COSTA, 2003, p.22)



Mapa 02: Localização da feira de Campina Grande em 1826
Fonte: Câmara *apud*, COSTA, 2003



Mapa 03: Caminhos dos tropeiros e boiadeiros – Paraíba
Fonte: Almeida *apud* Costa, 2003.

A localização geográfica, a falta de concorrência para sua produção e o oferecimento de gêneros de primeira necessidade foram fatores decisivos para o destaque e a centralização alcançados por Campina Grande no âmbito regional. Nesse contexto, a estrada de ferro contribuiu para a consolidação do comércio de Campina Grande, intensificando a inserção da cidade no comércio de algodão, através do Recife. Através dela, a cidade paraibana, fortaleceu sua relação com a capital pernambucana, absorvendo desta hábitos e inovações, sejam eles culturais ou tecnológicos:

Configurando-se como cidade primaz de ampla região, teve o Recife na cidade de Campina Grande o seu entreposto mais avançado na drenagem da produção do interior paraibano. Como “porta de entrada” para o sertão e como “ponta de trilhos”, Campina Grande passou a representar um centro difusor do comércio e serviços recifenses, mas também foi definindo um amplo raio de influência para si.(COSTA, 2003, p.32).

Embora hierarquicamente subordinada ao Recife, Campina Grande comandava uma grande quantidade de pequenas localidades centrais. Sua linha férrea favoreceu a articulação da cidade com o resto do país, acelerando o processo de modernização da cidade, com instalação de indústrias, lojas, comércios e construções, que contribuíram para o crescimento urbano da cidade. Nascimento (1997, p.39 *apud* ANUÁRIO p.86) registrou que o movimento comercial da cidade, em 1925, com um movimento postal de mais de duas mil cartas diárias, entre recebidos e expedidos “[...] enquanto em 1909 a cidade possuía cerca de 773 casas este número cresce em 1920 para 2.012, com 70806 habitantes”. O movimento dos tropeiros provenientes do sertão e do Cariri teve bastante força até a década de 1940, período marcado pela difusão do caminhão e a abertura de rodovias no país. Destarte o movimento comercial teve “ aumento substancial em 1930, quando entram em tráfego normal os caminhões transportadores de cargas, entrando em declínio os transportes então utilizados, que eram as carroças de bois e os comboios de burros” (VASCONCELOS, 2005, p.23).

Contando com o aporte técnico da ferrovia, a produção de algodão em Campina Grande a colocou em posição de destaque, num período marcado por especialização funcional de cidades através dos arquipélagos econômicos. Graças ao algodão, Campina Grande consolidou sua posição como capital regional, já sendo na década de 1930 a principal cidade do interior do nordeste e uma das principais praças algodoeiras do mercado mundial, se notabilizando

internacionalmente até fins dos anos cinquenta, como a “Liverpool Brasileira” por assumir a segunda posição no ranking mundial como exportadora de algodão, perdendo apenas para Liverpool, na Inglaterra.

A estruturação de Campina Grande como império comercial de algodão começa a partir da década de 1910, graças a uma boa infraestrutura urbana, por sua ligação ao porto de Recife e sua localização na periferia de uma grande área nordestina produtora de algodão. Entretanto, a atividade algodoeira da cidade chega à década de 1950 apresentando sinais de declínio, ao passo que o comércio atacadista em geral ganha pulso e continua sendo incrementado. O declínio de uma atividade e a ascensão de outra estavam intimamente relacionadas, pois:

a concentração da produção algodoeira em Campina Grande vai contribuir para a expansão de outros setores. O seu comércio, principalmente o atacadista abasteceria todo o sertão e o brejo, atingindo também os estados vizinhos de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Além do mercado nordestino, constante era o fluxo comercial com os grandes centros do Rio de Janeiro e de São Paulo. (BARROS, 2006, p.23).

Se referindo as transformações que se processam no espaço urbano campinense nas primeiras décadas do século XX Câmara afirma que:

Em 1936, Campina Grande destaca-se como a mais importante cidade do interior nordestino, com uma população aproximada de 100.000 habitantes e 6.121 imóveis na zona urbana, tinha 4 prensas hidráulicas, 5 estabelecimentos bancários, fábricas (3 de tecido, 3 de sabão, 2 de gelo, 1 de cama e laboratórios de ferro, 1 de mosaicos etc.) 1 curtume, colégios, cinemas, sociedades recreativas e culturais.(CAMARA,1998, p.124)

Segundo Barros:

Á medida que se desenvolvia o comércio de Campina Grande, este assumia o papel de pólo distribuidor e consumidor da região agrestina, sertaneja, caririzeira, brejeira e até o litoral. Dessa forma, surge na cidade, grandes casas comerciais de artigos em grosso, delineando algumas como essencialmente comerciais; assim vão ser as ruas Maciel Pinheiro (comércio e varejo) e João Pessoa (comércio em grosso) .Esta última assume a característica de ponto de vendas por atacado para as microrregiões próximas. As ruas e bairros vão surgindo espontaneamente na direção do escoamento comercial com as cidades vizinhas, visto ser Campina Grande o pólo de confluência destas. (IDEM, 2006, p.30)

O comércio atacadista na década de 1930 foi consolidado com o advento do automóvel, já circulando também na cidade duas linhas de ônibus coletivo (as linhas Areias e Açude Velho). Tais fatos contribuíram para o fortalecimento da ideia de progresso e modernidade com novas concepções urbanistas, que marcaram os anos de 1940, quando o então prefeito da cidade Virginaud Wanderley inicia uma grande reforma urbanística, abrindo avenidas, demolindo quarteirões na área central e modificando o espaço urbano, por meio de uma racionalidade de controle e disciplinamento da cidade. Ele buscou a construção de uma imagem moderna da cidade, através da “limpeza” da cidade de práticas culturais diversas, ficando dessa forma, conhecido na história da cidade como o grande realizador do milagre arquitetônico, substituindo a imagem de província pela imagem de *urbs* moderna. Essas reformas consolidaram uma nova ordem, solidificando a ascensão da classe dos grandes comerciantes ao passo que acontecia a derrocada da antiga classe de oligarquias agrárias. Sobre as transformações que a cidade realizou nas primeiras décadas do século XX, Veras observa que:

A partir da segunda década do século XX pode-se observar em Campina Grande um acúmulo crescente de sintomas característicos do processo de transformação urbana: iluminação pública, tráfego regular de veículos, aumento do número de prédios, crescimento populacional, abastecimento d'água; cinemas, colégios, “sociedades dançantes”, fábricas e praças. Monumentos denunciavam o desenvolvimento e contribuíram, em conjunto para a criação da imagem de *urbs* moderna altamente necessária a uma cidade do interior da Paraíba que competia no mercado mundial, no momento nele salientando-se como a “terceira praça algodoeira”. No entanto, é principalmente a partir da metade da década de 30 que Campina Grande vai deixar para trás definitivamente parte de sua imagem provinciana, característica da colônia e do império. (VERAS, 1988, p.07)

A construção de numerosos edifícios públicos e particulares, a definição das áreas urbanas e suburbanas, o calçamento das principais ruas e avenidas, são outros importantes exemplos do melhoramento da cidade atribuídos a Virginaud Wanderley, conhecidos também por muitos como o “precursor da revolução urbana campinense.” Nas palavras de Veras (1988, p.51) “o prefeito Verginaud Wanderley como dignatário da burguesia realizou plenamente o papel de modernizador que lhe cabia, representando com força e competência as funções de administrador e propagador do progresso”. A intervenção do prefeito foi violenta e arbitrária, indo mesmo contra a vontade de muitas pessoas, que tiveram que abandonar suas casas e migrarem para outros lugares distantes da área central, mesmo possuindo fortes laços identitários com suas moradias.

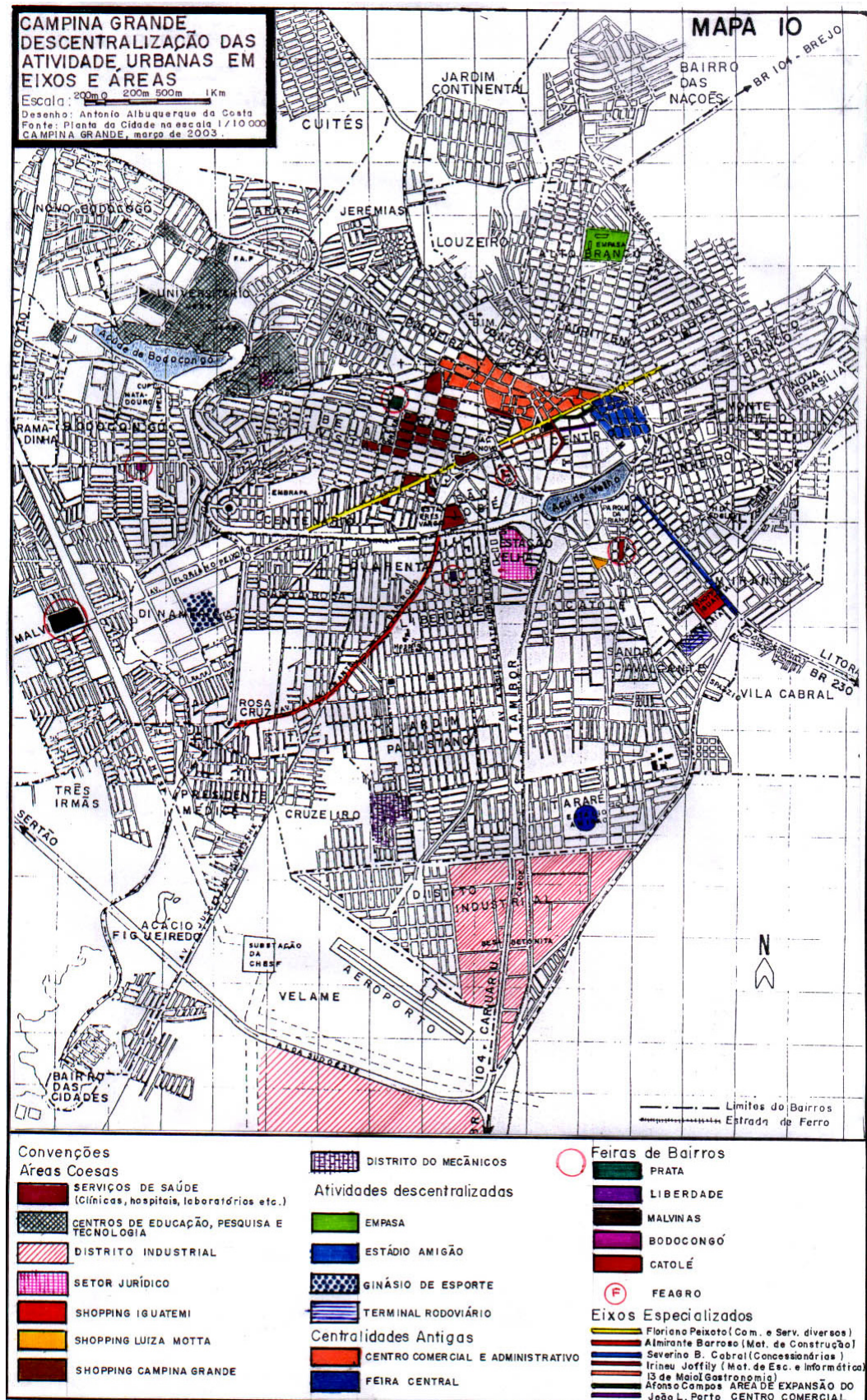
Segundo Veras:

Não interessava ao executivo de municipalidade o que deveria acontecer às classes populares: se seriam desapropriadas, removidos, escanteados. O que interessava era todo custo, a “golpes de vontade”, imprimir á cidade a imagem de *urbs* moderna, equipada para o crescimento e para o futuro. As massas no caso seriam no máximo um obstáculo a ser superado. [...] a resistência das populações persiste até hoje nas falas inconformadas de antigos habitantes. (VERAS, 1988, p.51)

Outro fator que conferiu à Campina Grande um aspecto de modernização na gestão supracitada foi a comunicação, através da instalação de telefones automáticos, que possibilitou maiores negociações comerciais e sociais. Ainda nesta década a cidade passou o aeroporto Presidente Vargas, que congregaria quatro empresas aéreas. Esse período foi fortemente marcado por um desenvolvimento urbano e comercial, que transformando a “cidade num centro cada vez mais modernizado, diversifica as atividades e exclui lentamente muitas delas que o ideário burguês passa a considerar incompatíveis com o ideal de *urbs* progressiva” (Veras, 1988, p.28). Dessa forma, as décadas de 1940 e 1960 foram marcadas pelos ideais e surtos de “progresso”, que consolidaram Campina Grande como pólo regional, marcada por transformações espaciais significativas.

No final da década de 1950, Campina Grande já possuía uma base industrial relativamente importante e dispunha de uma política municipal de incentivo a indústria, sendo a única cidade do interior brasileiro a deter a sede da federação das indústrias. (ALBUQUERQUE, 2003, p.47).

Essa base industrial se fortalece com a criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), em 1959. Como observou Albuquerque (LIMA, 2003 *apud* COSTA,1996) além dos incentivos fiscais em nível municipal e estadual que já eram praticados , com o advento da SUDENE, a cidade se beneficiou dos incentivos federais, ficando entre as quatro cidades com maior número de projetos de implantação e ampliação industrial, logo após Recife, Salvador e Fortaleza.



Mapa 04: Campina Grande- Descentralização das atividades urbanas em eixos e áreas

Fonte: COSTA, 2003.

Ainda segundo o autor, o golpe de estado que instaurou a ditadura militar (em 1964) passou a ter uma política centralizadora que beneficiou a capital do estado em detrimento de Campina Grande. Somando-se a política do governo, o modelo de industrialização implantado pela SUDENE, também entrou em crise.

Nesta perspectiva

Campina Grande sofreu como outras cidades brasileiras, os entraves do progresso, com o processo de industrialização e o grande desenvolvimento do comércio, levando a expansão da cidade, e consigo o aumento do valor dos imóveis e a especulação. Surgindo neste contexto as primeiras favelas devido às ações de despejo. (ANDRADE, 2006, p.27).

, além da proliferação de favelas que se refletiam na crise da moradia para muitas pessoas, houve um crescimento forte do desemprego, como resultado do fechamento de muitas fábricas, assim como de atividades informais da economia. Os anos de 1960 encerraram uma fase de prosperidade em Campina Grande. Além da expulsão da população pobre da área central, para servirem aos interesses do capital imobiliário e dos “bons negócios”, a cidade intensificou o processo de descentralização das atividades aglutinadas no centro da cidade com a construção do Distrito dos Mecânicos no bairro Jardim Paulistano, a CEASA (Central de Abastecimento) no bairro Alto Branco, o Terminal Rodoviário Agemiro de Figueiredo no bairro Catolé e o Shopping Center Campina Grande no bairro de São José. Com uma indústria em crise, em meados da década de 1980, Campina Grande passa a apostar no turismo de eventos, com a realização de mega- espetáculos, para alavancar sua economia, construindo nesse período o Parque do Povo, para sediar “o maior São João do Mundo”, e o Centro Cultural, também na área central. Ou seja, diante do quadro agravante que se verificou no final da década de 1970 e início da década de 1980 na indústria, caracterizado por transformações significativas no âmbito nacional e local, onde ela perde forças frente a um mercado em crise junto a um processo inflacionário forte e planos econômicos que resultariam em redução salarial e aumento da dívida interna e externa do país, Campina Grande buscou reforçar a prestação de serviços, principalmente aqueles ligados a promoção de festas, serviços educacionais e médico-hospitalares. O Parque do Povo, localizado no Bairro São José, é o ponto de referência para a realização de mega-espetáculos, enquanto as outras duas atividades têm localizações afastadas da área central. O bairro Bodocongó se especializou no setor de ensino, pesquisa e tecnologia, com a

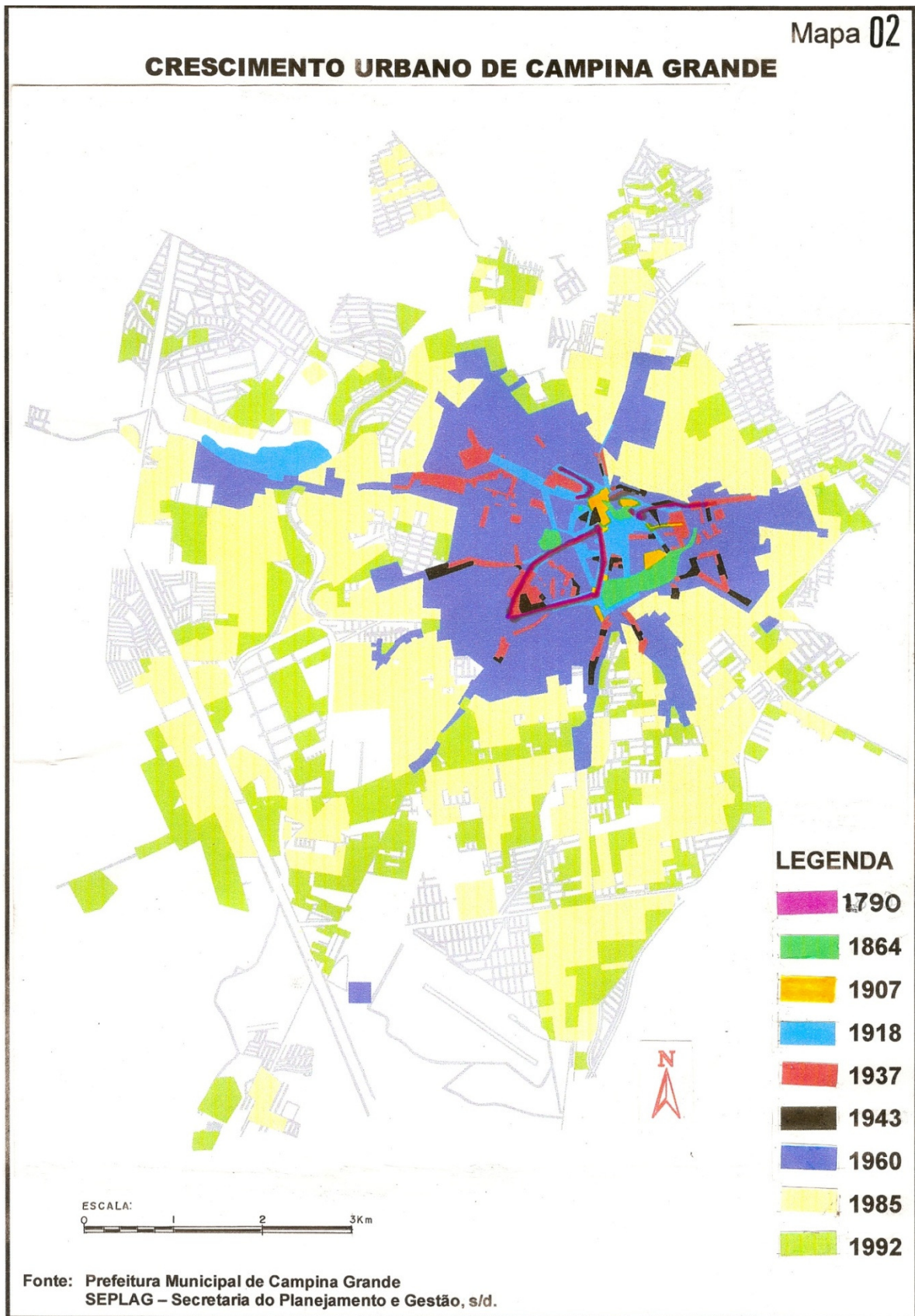
concentração marcante dos principais órgãos desses segmentos: UEPB, UFCG, PaqTc/PB, EMBRAPA, ETER e FAPESQ. Já o bairro da Prata, desde os anos de 1980 concentra atividades médico-hospitalares, aglutinando em seu espaço uma considerável quantidade de clínicas, assim como hospitais, cuja presença de edifícios funcionando como centro médico ao lado de bons apartamentos é expressiva, com a verticalização unificada sobretudo a partir da década de 1990.

Sobre a importância da tecnologia para a economia campinense, Albuquerque acrescenta que:

Nos anos 90 (Século XX) a montagem do meio técnico- científico-informacional se faz mais evidente ao espaço campinense. Contando com cinco provedores de internet e realizando sua feira de tecnologia desde 1988, a cidade ainda consegue manter um certo pioneirismo tecnológico no estado mesmo com a perda relativa do seu papel econômico.(COSTA, 2003, p.64)

Os anos 1980-1990 marcaram um processo de funcionalização das ruas e especializações: a rua João Suassuna especializou-se no comércio de peças mecânicas e automotivas; as ruas Irineu Jofilly e Miguel Couto tiveram forte presença de lojas de produtos de informática; a rua João Pessoa se setorizou em madeireiras, lojas de ferragens e setor bancário e mais recentemente lojas de móveis e eletrodomésticos. Lojas em galerias, barracas de lanches e de vendas de DVDs piratas também se manifestaram com grande força no espaço urbano campinense nos últimos anos.

Com grandes instituições de ensino superior e presença marcante de empresas de alta tecnologia, principalmente aquelas ligadas a produção de software, Campina Grande passou a se destacar no cenário internacional, sendo conhecida a partir do início do século como “Oásis *high tech* no Agreste” ou “Oásis de prosperidade” nos meios de comunicação, como a revista americana *Newsweek*. Em maio de 2001 a revista colocou a cidade como um dos pólos tecnológicos mais prósperos do mundo, ao lado de cidades como Omaha, Oakland, huntersville, Akron, Tulsa, todas nos Estados Unidos, Suzhou (China), Barcelona (Espanha) e Cote d’Azur (França).



Mapa 05: Crescimento urbano de Campina Grande

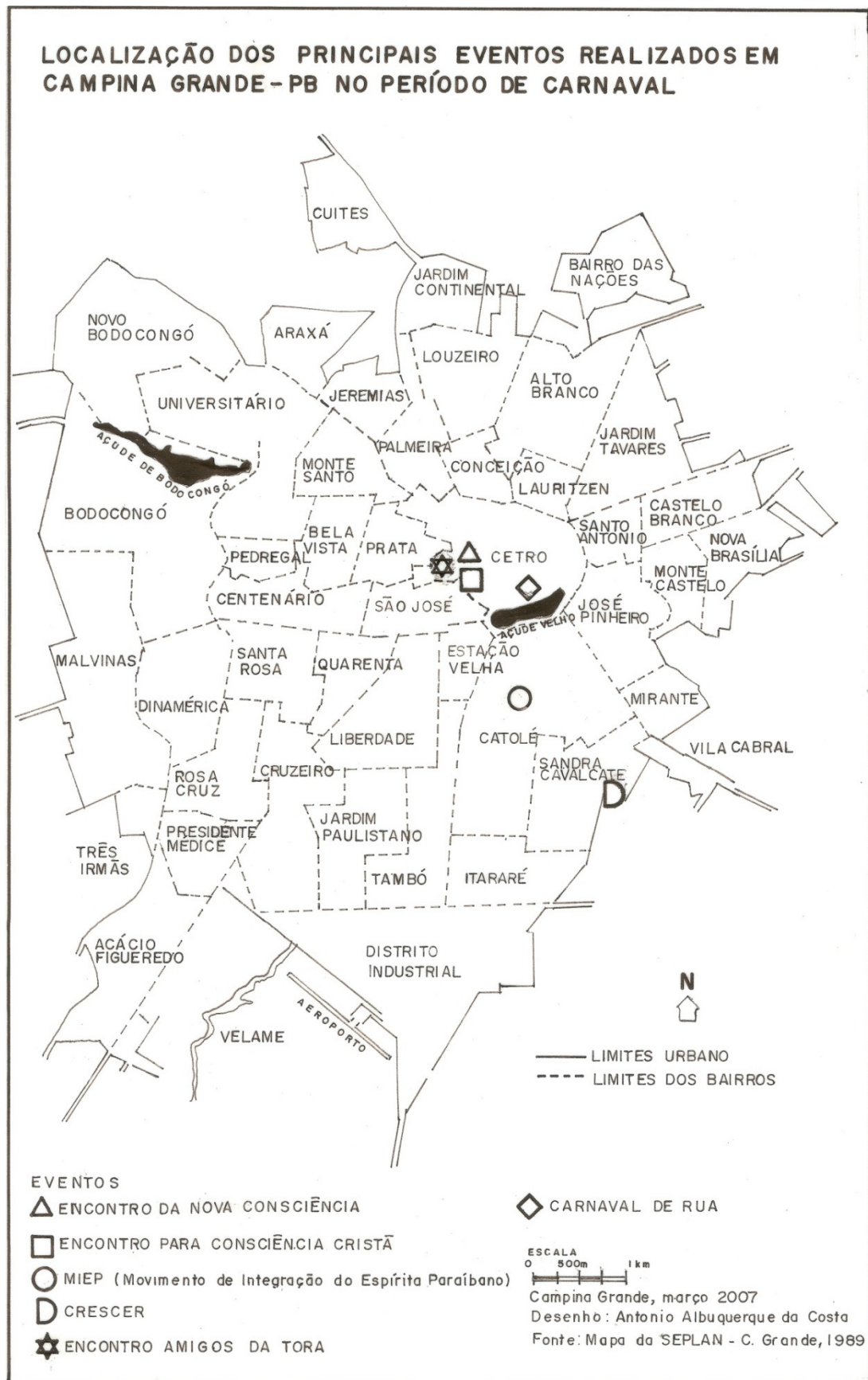
Fonte: SEPLAG *apud* Costa, 2003

Apesar desse destaque, a cidade não conseguiu gerar uma política de empregos, sendo também conhecida como centro fornecedor de recursos humanos qualificados e “cidade com falta de oportunidades”, onde é comum a dispersão de estudantes após o término dos cursos superiores para outros estados e regiões do país.

2.2 A CIDADE DO ESPETÁCULO: CAMPINA GRANDE E SEU POTENCIAL FESTIVO

Conforme mencionamos anteriormente, além dos serviços educacionais, médico-hospitalares, e da produção de tecnologia, Campina Grande nas últimas décadas passou a concentrar uma série de atividades voltadas a promoção de festas-espetáculos afim de alavancar a economia local, mesmo que temporariamente. Tais eventos turísticos começaram a ganhar força com a construção do “Parque do Povo”, para a realização daquele que se denominaria “O Maior São João do Mundo” em 1985. Cinco anos depois o espaço passa a atrair milhares de foliões com a realização do carnaval fora de época da cidade, a Micarande, tema da nossa pesquisa. Além do Parque do Povo, outros locais passaram a realizar eventos diversificando o calendário turístico da cidade atualmente.

Através do turismo de eventos, o poder público passou a buscar a construção de uma imagem positiva da cidade, como estratégia para atrair públicos de diferentes lugares, colocando-a em evidência nos meios de comunicação, através do *marketing*, seja ele na televisão, nas revistas, em *outdoors*, na internet, entre outros meios. Os principais eventos que fazem parte do calendário social de atividades de Campina Grande anualmente são o São João, o Balança Campina Grande (o mais recente, que ocupou o lugar da Micarande, durante seus 18 anos) , o Festival de Inverno, o “Carnaval Tradição” (ou “Folia de Todos”) e os encontros religiosos realizados no período carnavalesco (Encontro da Nova Consciência, Consciência Cristã, CRESCER, MIEP e Amigos de Torá). Desse conjunto, dois se destacaram nas últimas décadas, configurando-se como os principais na modificação da estrutura urbana da cidade e na transformação cultural, sendo eles os mais esperados do calendário turístico rico e diversificado que a cidade oferecia até 2009: São João e Micarande.



Mapa 06:Localização dos principais eventos de Campina Grande no período de carnaval
Fonte: SEPLAN *apud* Costa, 2003.

O São João, o maior evento da cidade, de Campina Grande tornou-se tradição desde 1983. Com trinta dias de festa, ao som de diferentes artistas e grupos musicais, com mistura de ritmos (xote, xaxado, baião), a festa possui uma estrutura ampla, com cenário com perfeito realismo, onde o rural e o urbano, assim como o passado e o presente se unem, em réplicas de prédios históricos como a catedral, o Cassino El Dourado, os Correios, as Casas de Campo, a Vila Nova da Rainha e uma imensa fogueira. Apesar das transformações sofridas ao longo dos anos, a festa conta com a participação de um grande número de quadrilhas, que disputam entre si as melhores colocações, atraindo jovens de diferentes partes da cidade. Realizado no Parque do Povo, os espaços da festa ganham conotações próprias, onde mesmo sem demarcações são construídos territorialidades diversas, como a pirâmide, que involuntariamente atraem as camadas mais pobres, devido, dentre outros fatores, o preço das bebidas e as atrações musicais, que geralmente são artistas locais tocando xote, enquanto o lado de cima atrai pessoas de melhor poder de consumo, geralmente famílias, com barracas onde o preço cobrado aos produtos é inacessível a uma parcela significativa de pessoas. Já na parte abaixo da pirâmide são montados os palcos, onde os artistas de renome nacional se apresentam, atraindo, sobretudo os jovens. Na Micarande, tal segregação também era sentida, através de camarotes, arquibancadas e cordões de isolamento, cujo poder aquisitivo era o delimitador de classes, definindo o acesso e a participação de cada um na folia. Essa festa, realizada de forma oficial a partir dos anos 1990 durante três dias do mês de abril atraiu um grande número de foliões, servindo principalmente aos interesses políticos e empresariais durante suas edições ao mesmo tempo em que ganhou espaço na mídia se firmando como um dos maiores carnavais fora de época do país, segundo uma parte dela.

Durante o período carnavalesco o espaço urbano campinense passa a ser disputado “palmo a palmo” pelas instituições religiosas, que realizam encontros para fortalecerem suas doutrinas. Nesse período, esses eventos são alternativas para aqueles que ficaram na cidade, em vez de ir para as praias do litoral paraibano ou para outros carnavais (principalmente os de Recife, Olinda e Salvador).

Desses encontros, o mais antigo é o MIEP (Movimento de Integração do Espírita Paraibano) que é sediado na Sociedade de Estudos e Educação Espírita no bairro Catolé desde 1973. Porém, é com a realização do Encontro para Nova Consciência

que a cidade passa a ser palco de disputas religiosas com o surgimento posterior de encontros com doutrinas cristãs.

O Encontro para Nova Consciência desde 1992 congrega uma gama de correntes de pensamentos, que discutem temas diversos (como religiosos, sexuais, ambientais, etc). Sua proposta principal é reunir as mais diversas religiões, seitas e credos; atrair a diversidade nos seus múltiplos aspectos, embora a religiosidade tenha um peso maior. É realizado no Teatro Municipal e atrai principalmente a classe acadêmica e a classe média. Como reação ao seu crescimento, surgiram o CRESCER e o Encontro para Consciência Cristã. Idealizado pela comunidade PIO X, comunidade Católica de Aliança, o CRESCER tem como proposta exaltar a fé, com celebração, louvores e recreação. O público principal é o jovem e suas ações se aproximam da vertente “carismática” do catolicismo. O seu primeiro ano de realização foi 1997 e a casa de shows Spazzio foi o local escolhido. Este local sediou o evento até 2008, sendo substituída pelo Club Campestre em 2009, que tem em sua estrutura um amplo salão para apresentação de grupos que exaltam o “Senhor”, lanchonete, banheiros e amplo estacionamento, cujo acesso ao local é inviável sem o uso do automóvel ou outro meio de transporte, pois se localiza distante da área central.

Dois anos mais tarde (em 1999) surge o Encontro para Consciência Cristã, através de grupos de evangélicos de diferentes igrejas (Batistas, Assembléia de Deus, Renascer em Cristo, etc) que buscaram justificar a importância de Deus sobre o reino das coisas mundanas, através de pregações, palestras, músicas com ritmos diversos, *workshops*, etc. Realizado no Parque do Povo, o encontro tem como trunfos ser realizado numa área ampla e de fácil acesso, boa infra-estrutura e apoio do poder público municipal. O território desse encontro é delimitado por tapumes publicitários de madeira compensada e vigiado por policiais, que dão proteção a comunidade e as ilhas onde se realizam os *workshops* e outras atividades. Além desses, o Encontro dos Amigos de Torá (Judaico) também passou a disputar um naco de atenção dos campinenses (no período carnavalesco) a partir desta década , embora não tenha conseguido alcançar o mesmo êxito dos outros encontros. Apesar dessa diversidade de opções no período carnavalesco, do ponto de vista religioso e cultural, existe também aqueles que fazem o seu próprio carnaval na cidade, formado principalmente por pessoas de classes sociais menos favorecidas, é o conhecido “Carnaval dos excluídos” que tem denominação oficial“ Carnaval

Tradição” ou “Carnaval Folia de Todos”. Este carnaval passou a ser realizado em 2007 as margens do Açude Velho. Ele é um encontro aberto a diversas manifestações e movimentos culturais, como orquestras de frevo, escolas de samba, papangus, ala-ursa, tribos indígenas, bumba meu boi e outros folclóricos. As pessoas se fantasiam e vão a avenida se divertir, sendo vistas com indiferença pelas outras camadas da população. Apesar do menosprezo de alguns, os foliões saem as ruas com criatividade, ânimo e espontaneidade, buscando viver o presente resgatando o passado.

O evento mais antigo do calendário turístico anual de Campina Grande é o Festival de Inverno, que se realiza na cidade desde 1975. Com mostra de teatro, artes plásticas, dança, música clássica e popular, mostra de cinema, palestras e oficinas, entre outras atrações; o evento busca levar essas atividades para toda a população de forma democrática e popular. Realizado no Teatro Municipal as primeiras décadas se caracterizou por atrair um grande número de expectadores, principalmente a classe média e letrada, que lotaram o teatro durante todo o mês de julho. Atualmente, o Festival de Inverno perdeu parte da sua importância, atraindo cada vez menos pessoas, tendo sua realização se limitando a poucos dias. Mesmo buscando expandir sua atuação além do Teatro Municipal, através da arte levada à rua, através de shows com artistas na Praça da Bandeira, o interesse despertado pelo público é cada vez menos notado, numa época em que a mídia tem grande poder nos gostos musicais das pessoas.

Em contrapartida, o mega-espetáculo Balança Campina (a proposta de substituição da Micarande) é o mais novo evento a se firmar no calendário turístico da cidade, atraindo um grande público que paga para participar da festa, realizada em espaço público (o Parque do Povo) durante um dia do mês de novembro. 2009 foi o primeiro ano da festa, que devido ao grande número de foliões pagantes teve sua realização repetida em 2010. Com grandes nomes de fama nacional (como Chiclete com Banana e Paralamas do Sucesso) a festa ganhou notabilidade nos meios de comunicação e apoio do poder público municipal, com espaços exclusivos para consumidores (e não cidadãos) onde os abadas (assim como na Micarande) define as territorialidades de cada folião e grades de ferro com segurança permitem ou impedem a entrada das pessoas no “parque” que teoricamente seria do “povo”.

Capitulo III

A Micarande – de Fábrica de Sonhos à Barbárie (Pós) Moderna

3. A MICARANDE: DE FÁBRICA DE SONHOS À BARBÁRIE (PÓS) MODERNA

3. 1- A FÁBRICA DE SONHOS: A ORIGEM DA MICARANDE

Foi no Rio de Janeiro que aconteceu pela primeira vez um carnaval fora de época no Brasil, em 1892, após uma determinação da prefeitura municipal em transferir a festa do mês de fevereiro, período propício a doenças de verão provocadas pelas chuvas que caíam na cidade. “Em 1912, com a morte do Barão do Rio Branco, em fevereiro daquele ano, na mesma cidade, o governo transferiu a realização do carnaval para o mês de abril. Apesar da proibição da prefeitura, os foliões comemoraram a festa nas duas datas do ano” (ENEIDA, 1958, p.199). Contudo, foi em Feira de Santana, na Bahia, em 1937, que o carnaval fora de época se consolidou como modelo realizado nos dias de hoje. Naquele ano, as chuvas fortes impediram a realização do carnaval no calendário oficial, sendo comemorado em abril. A partir de então, a data foi inserida oficialmente no calendário de eventos do município e, em seguida, outras cidades resolveram adotar o modelo feirense. Desde então, a micareta, termo oriundo do francês *micarême*, que quer dizer meio da quaresma, caracteriza os festejos do carnaval fora de época. A micareta possui características bem particulares ao carnaval baiano, como a predominância do Axé *Music*, segmento popular da música brasileira surgido na década de 1980 durante as manifestações do carnaval da Bahia, com uma mixórdia de ritmos oriundos de blocos de afro (Ilê Ayiê, Araketu, Olodum, com influências do pop rock, samba reggae e tropicalismo, a presença de trios elétricos, grandes caminhões equipados com alta tecnologia e som, sendo eles os palcos de apresentação das bandas e o ponto de referência móvel e fixo para o folião da festa e blocos, caracterizados pela uniformização das roupas, através da compra de abadás³ .

² Segundo o dicionário Aurélio, o abadá é o traje de origem nagô, camisolão folgado e comprido. Nas micaretas, esta vestimenta tem um valor simbólico, delimitador de classes sociais e estabelecedor de *status*, de acordo com o bloco.

A partir de 1990, Campina Grande adere a esse tipo de festa, constituindo-se na primeira cidade fora da Bahia a realizar um carnaval fora de época com estrutura comercial padronizada⁴ servindo-se de referência para a adesão da festa em outras cidades, principalmente capitais nordestinas, como Recife (Recifolia), Natal (Carnatal), Fortaleza (Fortal), Aracajú (Pré-Caju) Teresina (Micarina), São Luís (Marafolia), João Pessoa (Micarua), dentre outras. O rápido aparecimento de novas micaretas no Brasil, verificada, sobretudo na década de 1990 e na região nordestina refletiu uma condição pós-moderna no período já que celebrava a “diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercantilização das formas culturais” (HARVEY, 2000, p.148), características marcantes e bem exploradas nesse modelo de evento, mas que “exatamente por tais características, rapidamente se esgota, perde o encanto de ser novidade, o sentido de aventura, e declinam” (ALBUQUERQUE, 2010, p.216), fatos facilmente verificados na década de 2000, com o fim de algumas e a privatização de outras.

O nome da festa surgiu da fusão das três primeiras letras da palavra Micareta com as cinco últimas letras do nome cidade (Campina Grande). A festa foi idealizada e realizada pelo então prefeito da cidade Cássio Cunha Lima, na sua primeira gestão, em parceria com setores privados. Sob o slogan “Micarande: O Melhor carnaval em Campina Grande” e posteriormente conceituando-se também como promessa básica de se tornar o “carnaval dos carnavais”, a proposta da festa baseou-se nas idéias de dinamicidade, modernização e transformação e seus objetivos pautaram-se na promoção de uma festa grandiosa, participativa e popular, que integrasse diversão, alegria e entretenimento entre os campinenses e o público em geral através da mistura de ritmos, culturas, pessoas e atrativos diversos.

³ Segundo a Secretaria de Turismo de Campina Grande, em 2005, em 1989 houve uma prévia da Micarande, a partir do encontro de um grupo de foliões do Galo de Campina com o bloco da saudade. O grupo vestindo “mortalias” saiu em direção ao Parque do Povo puxados pelo forrozeiro Bilu de Campina, acompanhado por uma orquestra de frevo, porém, aconteceu apenas um dia.

Buscava-se também conciliar o turismo de eventos na cidade, somando-se ao “maior são João do mundo”, e fortalecer a economia local, através da geração de emprego e renda. Segundo Cardoso e Maria (2002, p.539):

Ao apostar todas as fichas nele, a prefeitura iniciava um processo de política baseado no mal uso da verdade, estabelecendo o que chamamos um “discurso do espetáculo” como forma de esconder as graves desigualdades que soltam à vista no território da cidade. Aqui cabe uma pequena consideração: Um dos primeiros intuitos da dominação através do espetáculo é fazer sumir o conhecimento histórico geral e, portanto, suprimir a história de maneira mais radical quanto for de interesses ou por obrigações e quanto se encontram facilidades para tanto. A inversão da festa – mercadoria – espetáculo, recheada de axé e outros ritmos musicais nascidos na cidade de Salvador, até hoje detentora de um grande número de bandas e trios que animam a maioria dos carnavais fora de época das cidades do nordeste brasileiro, em nada contribui, com as letras das músicas, para demarcar o local, a cidade com referência de vida, como de alguma maneira faziam antes, as letras dos blocos surgidos da livre vontade dos jovens foliões que os organizavam. (CARDOSO E MAIA, 2002, p.539)

As críticas feitas pelos autores ao “discurso do espetáculo” e a rede de relações complexas com o modelo da festa, que pouco se identifica com as identidades locais, são notórias. Eles acreditam que o quadro revelou uma esterilização em relação ao lugar da festa, ao trazer melodias animadas por letras sem sentido, ao contrário das letras dos primeiros blocos da Micarande, que surgiam da livre vontade dos foliões. Segundo Pereira Filho:

No primeiro ano da Micarande foram as ruas 54 blocos e 5 trios elétricos. Nos primeiros anos a festa tinha um caráter mais democrático, tendo em vista o elevado número de agremiações carnavalescas, sendo que a grande maioria tinha livre acesso ao espaço do evento. Diferente do modelo pelo qual só desfilam os blocos devidamente registrados na prefeitura municipal e que obedecem as regras impostas por leis específicas ao evento. (PEREIRA FILHO, 2006, p. 49)

Assim, em sua primeira versão oficial, como modelo de festa importado, em 1990, a maioria dos blocos existentes (dos quais se destacaram o Galo de Campina, Hiper Tensão, Balanço do Amor, Sabor do Barulho, Bêbados a Bordo e com a Boca no Trombone) era formada:

Por grupos de pessoas que se reuniam e iam as ruas de forma bem simples e sem cordão de isolamento para pular o carnaval. Estes contavam com o apoio financeiro da prefeitura que era responsável por boa parte dos custos dos blocos. (RODRIGUES, 2007, p.19).

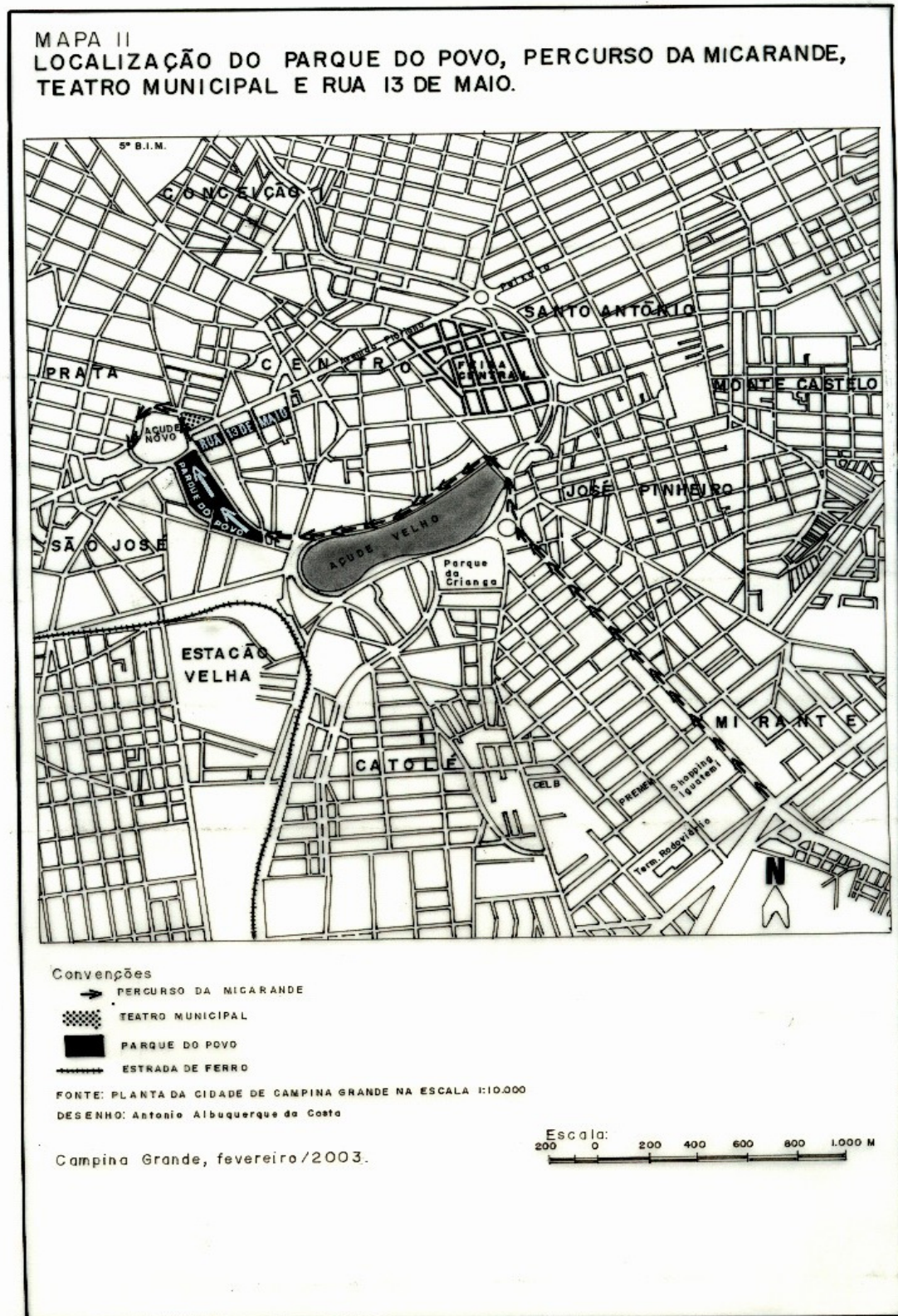
Ainda segundo a autora:

O percurso original partia de vários pontos da cidade: do “Segunda Página Bar” próximo ao antigo shopping Center Campina Grande nas proximidades da Av. Floriano Peixoto, local onde se localizavam vários bares e o Museu Vivo da Ciência. Da Cervejaria 2002 localizada na rua Doutor Severino Cruz, onde atualmente funciona um bar chamado Complexo Cinco [...] Do antigo CEU Clube dos Estudantes Universitários, hoje CUCA Centro de Cultura e Artes, situado na rua Paulo de Frontim, às margens do Açude Velho. E da estação velha na Rua Cazuza Barreto, de onde saía o desfile do bloco Balanço do Amor, de muito sucesso na época, animado pelo Capilé. (RODRIGUES, 2007, p. 20)

O percurso dos blocos tinha uma duração média de duas horas da saída dos pontos até a chegada dos foliões no Parque do Povo ⁴, local onde os blocos se fixavam e se apresentavam e os trios e as atrações se revezavam na animação da festa. Em 1991, o evento ganhou novas projeções, como resultado do sucesso alcançado pela edição passada, e as formas de acesso e participação dos foliões passaram a ser mediados pelo poder de compra, ou seja, a festa toma um rumo estritamente capitalista onde seu espaço torna-se mercadoria, com territorialidades definidas por divisão de classes sociais, através de cordões de isolamento, arquibancadas e camarotes. Um percurso oficial para o desfile dos blocos foi implantado, e não por acaso, esse evento carimbado com uma marca explícita da concepção teleguiada pelos “templos do consumo” passou a concentrar seus foliões em frente ao antigo Shopping Iguatemi, atual *Boulevard Shopping* ⁵

⁴ Área pública no centro da cidade, com 43,5 mil metros quadrados, construída na gestão do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, conhecida por abrigar os maiores eventos da cidade, como São João

⁵ O local escolhido foi uma estratégia para impressionar os foliões, principalmente os turistas, pois a avenida supracitada localiza-se numa das mais bonitas estradas da cidade e é ponto de passagem obrigatória para pessoas que vêm da capital, além de sua proximidade com a Rodoviária Nova e o Shopping *Boulevard*, o mais freqüentado da cidade.

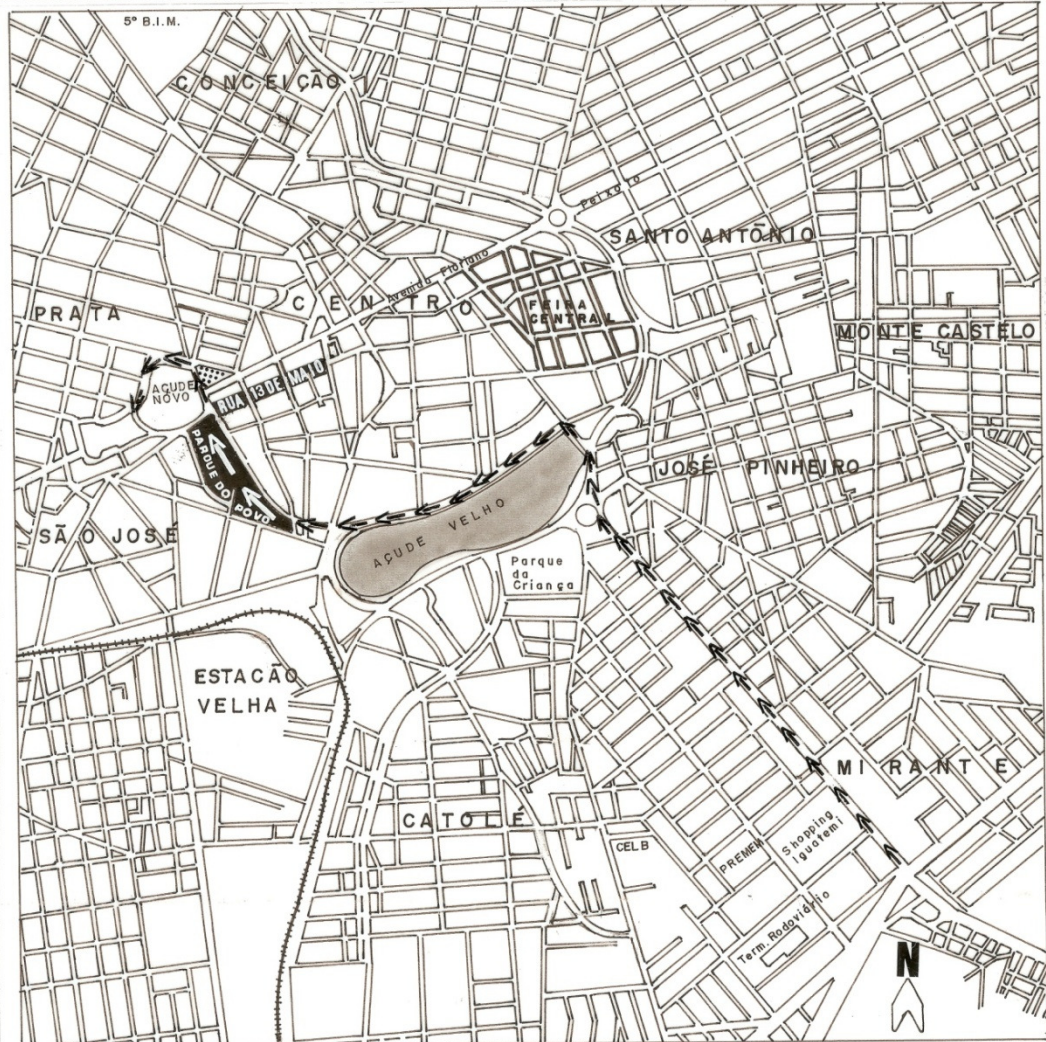


Mapa 07: Localização do Parque do Povo, Percurso da Micarande, Teatro Municipal e rua 13 de Março

Fonte: Costa, 2003

MAPA 07

PERCURSO DA MICARANDE



Convenções

- PERCURSO DA MICARANDE
- ▤ TEATRO MUNICIPAL
- PARQUE DO POVO
- +++++ ESTRADA DE FERRO

FONTE: PLANTA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE NA ESCALA 1:10.000

DESENHO: Antonio Albuquerque da Costa

Campina Grande, fevereiro/2003.

Escala:
200 0 200 400 600 800 1.000 M

Mapa 08: Percurso da Micarande

Fonte: Costa, 2003.



Figura 01: Circuito da Folia – As luzes que encantam

Fonte: <[HTTP://www.pmcg.pb.gov.br/imagens/acude_noite.jpg](http://www.pmcg.pb.gov.br/imagens/acude_noite.jpg)> Acessado em: 23/10/ 2009.

Com uma forte marca de empreendedorismo e de espetacularização, com o uso intensivo do *Marketing* que “forjava identidades socialmente positivas, associadas aos blocos, que tinha como referências ídolos do *axé music*, como Chiclete com Banana, Ivete Sangalo, Asa de Águia e tantos outros ”(ALBUQUERQUE, 2010, p.217), a Micarande, como fábrica de sonhos, com toda a sua magia, grandiosidade e poder de encantar e convencer consolidou-se no calendário turístico da cidade, durante quatro dias do mês de abril, e se projetou nos meios de comunicação como um dos maiores eventos da Paraíba e um dos maiores, mais animados e inovadores do país, atraindo milhares de pessoas anualmente.

3.2 A CIDADE CENOGRÁFICA: ESTRUTURA E MECANISMO DE FUNCIONAMENTO DA MICARANDE

Da sua criação até o ano de 2008 (quando ocorreu sua última edição no modelo massificado) a Micarande foi promovida pelo poder público em conjunto com setores privados. A participação do poder público se dava de diferentes formas, desde a realização de diversas tarefas, por meio de auxiliares e funcionários públicos ou contratados, até a preparação, organização e patrocínio para o evento. Cabia a prefeitura municipal a garantia de infra-estrutura necessária, tais como instalação de

camarotes, banheiros químicos e arquibancadas, durante o percurso dos blocos, bem como a ornamentação na extensão do percurso dos blocos. Além disso, a contratação de bandas que se apresentam durante os intervalos das apresentações dos blocos oficiais era outra responsabilidade do poder público, através do Departamento de Turismo. Já a participação da iniciativa privada se dava no patrocínio oficial do evento, através de cotas, que permitiam aproveitar os espaços da festa para uso da propaganda. Estudando essa festa, ainda no período de sua realização Cardoso afirmou que

O modelo escolhido para a realização do evento é o modelo empresarial: são empresas cujo objetivo primordial é o lucro. O espírito empresarial da Micarande é evidenciado facilmente. Abadás e camarotes vendidos a preços exorbitantes, empresas que determinam a importação de modelos de eventos similares, lucros que migram para outras localidades, isenção de impostos são fatores entre outros que demonstram esta condição empresarial da Micarande. (CARDOSO, 2000, p.78)

Conforme afirmamos, a Avenida, precisamente Brasília, era o ponto de partida inicial da festa, mais precisamente em frente ao antigo shopping Iguatemi (atual *Boulevard*). Era também dentro desse “templo de consumo” que geralmente se faziam a entrega de abadás, caracterizada por constituir-se num momento de tensão, já que a vestimenta, era o passaporte de entrada dos foliões nos blocos e o produto de maior valor simbólico no período festivo, ou seja, o sonho de consumo dos jovens das diferentes classes sociais e o principal objeto que ostentava poder na avenida. Esse valor simbólico aumentava à medida que o *marketing* da festa ganhava grandes projeções na mídia, nas semanas que a antecidam. O *marketing* na Micarande se manifestava de forma intensa, nos principais meios de comunicação, através de propagandas em jornais impressos ou na TV, de promoções com abadás, e entrevista com os artistas na mídia, *outdoors*, entre outros meios que reforçam a idéia de que é “basicamente sua capacidade como consumidor, não de produtor, que define o *status* do cidadão” (BAUMAN, 2008, p.106) na sociedade do consumo e assim, induziam os jovens, a aquisição do abadá, parcelando o pagamento e/ou oferecendo descontos dependendo das vendas e do momento. No “Corredor da Folia”, luzes conduziam o encanto da festa nos seus cinco quilômetros, através de painéis, camarotes e arquibancadas, montadas nas proximidades do Açude Velho e do Parque do Povo, para atender a preferência daqueles consumidores ativos, dispostos a pagar qualquer preço para

garantir um lugar de destaque no espetáculo e exercer sua territorialidade. No fim do percurso no Parque do Povo, uma passagem disposta de dois conjuntos, de um lado dois lances de camarote e do outro uma arquibancada adentravam no “Corredor da Folia” executando a segregação além das cordas. Todo esse aparato técnico - científico - informal exigia um conjunto de habilidades e tempo para sua montagem e desmontagem.

No espaço público do centro da cidade, a Micarande ocupava aproximadamente um período de um mês, entre a montagem, a festa e a desmontagem de arquibancadas, camarotes e painéis. Dessa forma, esse modelo de festa se adequava perfeitamente a cultura da modernidade líquida já que seu espaço, que é montado e desmontado em questão de poucos dias é um ambiente líquido-moderno inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. De fato, ele “tira do adiamento da satisfação seu antigo sentido de prudência, circunspeção e, acima de tudo, razoabilidade” (BAUMAN, 2008, p.45). A música baiana dominava a Micarande, assim como a maioria das atrações eram bandas e cantores da Bahia de fama nacional, como Chiclete de Banana, Harmonia do Samba, Asa de Águia, Ivete Sangalo, Babado Novo, Netinho e Araketu. Os abadás da festa eram fabricados (também) na Bahia, objetivando a diminuição dos riscos de falsificação. Os trios elétricos também vinham da Bahia. Os blocos se apresentavam estratificados e seus preços variavam muito. Dividiam-se em “grande”, “alternativos”, “infantis” e “pipocas”. O acesso a serviços, produtos e facilidades eram diferenciadas entre eles, principalmente pelos três primeiros em relação ao quarto grupo. Os três primeiros grupos desfilavam no “Corredor” e no “Circuito da Folia”, com trios potentes, carros de apoio, cordões de isolamento e seguranças enquanto o último grupo, os “pipocas” não tinham trios próprios, nem carros de apoio, brincavam por fora dos cordões de isolamento enquanto corriam atrás dos trios à distância. Alguns blocos guardavam uma certa especificidade. O Piu-Piu Amarelinho e o Pica Pau geralmente se apresentavam à tarde, por serem blocos infantis; O Saci *Teen*, puxado pela Harmonia do Samba, realizava as prévias da Micarande, uma semana antes da data oficial do evento; O Zé Pereira, um dos mais antigos, contava com a participação de artistas locais, como Claudionor Germano; O Bloco da Saudade, tinha um público intelectualizado, atraindo artistas campinenses; O Cerveja e Loco, um dos mais caros e mais elitizados possuía um público seletivo, com gosto musical diversificado

e suas atrações eram variadas, nele era comum a presença das cantoras Ivete Sangalo e Claudia Leite, e, por fim o Bloco Spazzio, puxado pelo Chiclete com Banana se caracterizava por ser o bloco maior e mais elitizado da Micarande. Aproximadamente dois mil homens, entre policiais e seguranças eram responsáveis por proteger os “foliões” nos quatro dias de festa, num conjunto constituído por policiais das forças civil e militar, rodoviários e agentes federais e os seguranças dos blocos. Era nesse esquema, que o evento se modelava e concretizava a cada ano, impondo regras e um modelo próprio de realização, que negligenciava a exclusão social em nome do lucro e a civilidade em nome do consumo.

3.3. REFLEXÕES PARA PENSAR A CIVILIDADE NA MICARANDE

Conviver e tolerar a diferença do outro talvez tenha sido uma das maiores dificuldades da sociedade moderna (ou pós- moderna), onde a civilidade (algo simples) é cada vez mais incomum. Quando a humanidade se defrontou com o raciocínio, logo com a inteligência, e realmente teve a consciência do “Eu”, houve a necessidade do respeito mútuo, do respeito ao outro. Começou então a codificação de civilidade, isto é, regras de convívio social que no início eram somente de respeito do inferior para com seu superior, hierárquico ou sexual, como nos animais irracionais. Para Buarque de Holanda, a definição de civilidade é proporcional à ética, à modernidade, à renovação, à educação, pois o indivíduo que tem como prerrogativas a civilidade é, e deve ser, cordial, ético e principalmente educado, tanto nas ações quanto no comportamento. Os códigos morais regem a conduta dos membros de uma comunidade, de acordo com princípios de conveniência geral, para garantir a integridade do grupo, a convivência pacífica e o bem-estar dos indivíduos que o constituem. Assim, o conceito de pessoa moral se aplica apenas ao sujeito enquanto parte de uma coletividade. Portanto, moral coaduna com ética e respeito, e estes são a base de qualquer grupo civilizado. No pensar de Ortega y Gasset (2002, p.172) “civilização é, antes de tudo, vontade de convivência. Somos incivis e bárbaros na medida em que não contamos com os demais. Já a barbarie é a tendência à dissolução”. E, assim, todas as épocas bárbaras foram tempos de desagregamento humano, onde pululam os pequenos grupos separados e hostis. Ou seja, bárbarie é a ausência de normas e da possibilidade de apelação.

Em sua obra modernidade líquida o sociólogo polonês Zegmunt Bauman questiona:

O que significa então dizer que o meio urbano é “civil” e, assim, propicio a prática individual da civilidade? Significa, antes e acima de tudo, a disponibilidade de espaços que as pessoas possam compartilhar como *personae* públicas – sem serem instigadas, pressionadas ou induzidas a tirar as máscaras e “deixar se ir ” “expressar-se”, confessar seus sentimentos íntimos e exhibir seus pensamentos, sonhos e angústias. Mas também significa uma cidade que se apresenta a seus residentes como um bem comum que não pode ser reduzido ao agregado de propósitos individuais e como uma tarefa compartilhada que não pode ser exaurida por um grande numero de iniciativas individuais BAUMAN, 2001, p. 112)

Ainda, segundo o autor supracitado

A civilidade, como a linguagem, não pode ser “privada”. Antes de ser tornar a arte individualmente aprendida e privadamente praticada, a civilidade deve ser uma característica da situação social. É o entorno urbano que deve ser “civil”, afim de que seus habitantes possam aprender as difíceis habilidades da civilidade. (IDEM 2001, p. 112)

A socialização (pelo menos na sociedade moderna) visa criar um ambiente de ação feita de escolhas passíveis de serem desempenhadas discursivamente, que se concentra no cálculo racional, sendo, portanto, em geral avessa às regras, tornando o desempenho das regras problemático e cancelando o sentido instrumental da ação (BAUMAN *apud* SÁ, 1997, p.138). No atual momento, a sociedade enfrenta um dos seus maiores obstáculos à socialização, com a difusão generalizada do medo. Uma miríade de aparatos de monitoramento nos espaços públicos e privados das pessoas (câmeras, cercas elétricas, portarias, altos muros, guardas, cães ferozes...) tornou – se parte integrante de uma paisagem urbana incivil, introjetada no consciente e inconsciente das pessoas como natural. “O medo é o que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê – la parar ou enfrentá – la, se cessá – la estiver além do alcance” (BAUMAN, 2008, p. 8). O referido autor nos alerta que:

no ambiente líquido – moderno, contudo, a luta contra os medos se tornou a tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como inadministrável – passaram a ser considerados companhias permanentes e indissociáveis da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em quietude a ser condizida está longe de ser livre dos perigos e ameaças. A vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de se vencer, contra o impacto potencialmente dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos. (BAUMAN, 2008, p.15)

Vivemos na sociedade das regras: regras de conduta, de bem viver, de comportamento, de tolerância e respeito com o “cidadão”, com o consumidor, com o

trabalhador, com o meio ecológico, com a família, a comunidade, o Estado – nação, etc. Apesar disso, vivemos uma guerra bárbara, fruto da carência efetiva de normas, princípios de legalidade a que se recorrer. A realidade da sociedade moderna é moldada por relações sociais mediadas por grades, portões, cercas elétricas, muros altos, câmeras, guaritas, cães de guarda, pregos, vidros e outros símbolos de imobilidade, que representam busca por segurança e proteção frente a fragilidade, incapacidade ou negligência do poder público para o cumprimento de seus deveres, diante de uma onda de violência e barbarie que assola e se difunde em todo o mundo. Ao abordar esse assunto Sá ressalta que:

[...] A cidade parece viver um impasse: a “elite” e a classe média não cedem e se fecham nos seus condomínios; a outra parte da população (a maioria) se tranca nos “guedos” e suas “casas”. A convivência - quando há - agora é cada vez mais virtual e os vínculos de socialibilidade vão se esmaecendo. Enfim, depois da razão (virtual) ter triunfado e vivermos em uma pós- modernidade na qual todas as “tribos” buscam comungar (pelo menos nas infovias, internet, celular), paradoxalmente, nunca fomos tão carentes de cavernas. Na disputa entre a liberdade e segurança, nossa(s) cidade(s) parece ter optado pela segunda (de preferência bem armada e treinada). (SÁ, 2009, p.17)

Desse modo:

Na nova cultura do capitalismo de um racionalismo instrumental sem precedentes, lastreado em um território fragmentado por uma sociedade cada vez mais anti – cidadã, intolerante, e onde os estranhos pouco ou quase nada se comunicam, os princípios morais e éticos que deveriam guiar parâmetros de convivência socialmente “humana”, se dissipam num jogo ideológico em que o bem e o mal são naturalizados. (IDEM, 2008, p. 61)

Na sociedade do consumo, o “eu” se confronta com o “outro”; o consumidor com o cidadão; a pobreza com o luxo; o bem contra o mal. O “tudo pode”, o “salve-se quem puder”, o “e eu com isso?”, a competição desfredda e a voracidade de crescer a qualquer custo, sem padrões humanitários e éticos, com a supressão da solidariedade e o desrespeito ao próximo, aliada à tirania do dinheiro e da informação nos levam a pensar que descambamos para a selvageria, precisamos voltar às cavernas ou voltamos ao canibalismo, já que a convivência (harmoniosa) e a tolerância do peso da diferença do outro que caracterizam a civilidade praticamente inexistem, diante de tanta ganância, egoismos, narcisismos e outras coisas que dificultam um convívio social saudável e o exercício da democracia e da civilidade. Dessa forma, o imperativo da competição que se tornou dominante na cultura, na comunicação, no trabalho, enfim, nas relações sociais, por meio de uma

sistemática transformação do outro em concorrente, portanto, alguém a ser enfrentado e combatido aguça a idéia de uma guerra barbara que se alastrou no mundo inteiro, tomando o posto de comando na vida social, em todos os aspectos. Ou seja, a civilidade nos nossos dias é cada vez mais esquecida, já que “o que temos hoje diante dos nossos olhos é de fato, uma vida exposta como tal a uma violência sem precedentes, mas precisamente nas formas mais profanas e banais” (AMGABEN, 2005, p.121). De um lado, modernas tecnologias e riquezas enaltecem e privilegiam alguns espaços e grupos sociais, ao passo que obedece a uma lógica desprovida de valores morais e éticos, sensíveis a princípios distributivos dotados de mínimos parâmetros de equidade no usufruto material e de espírito de solidariedade para o restante dos grupos e espaços.

Apesar da fama do brasileiro como um povo bonito, hospitaleiro e alegre, a realidade reflete uma discrepância de valores, através de muitos conflitos, diferenças, preconceitos e discriminações que tem se alastrado em seus diversos pontos. De um lado, o país do carnaval, do futebol, de belas praias e pessoas, sede dos três maiores eventos mundiais nesta década (Miss Universo – 2010 - Copa do Mundo - 2014 e Olimpíada – 2016) se projeta nos meios de comunicação nacional e internacional como uma promessa de se tornar uma das maiores potências do século. Do outro, a miséria, a desigualdade social, a violência, o medo, a discriminação, a negligência do Estado diante dos direitos básicos do cidadão, conflitos, a corrupção política, desrespeito com o meio ecológico e com o seu semelhante, e uma miríade de outras mazelas, evidenciam um país contraditório, longe de ser referência de civilidade para outros povos. E é nesse contexto, de estética sobre ética, onde desigualdade e exclusão social caminham juntos e têm suas marcas visíveis, remodelando preconceitos e segmentando espaços junto ao consumismo e narcisismo exarcebado que a Micarande vai se firmar como um dos eventos mais importantes do calendário social de atividades.

Conforme analisamos, no período da Micarande a cidade ganhava novos contornos, com uma estrutura nova, moderna e altamente tecnológica. Assim, o poder instituído no período modificava a fisionomia das ruas para a promoção do espetáculo, atraindo a cultura para ser explorada e vendida comercialmente, transformando – a,

junto com a cidade em espetáculo. As ruas, o Parque do Povo, os camarotes, as arquibancadas e as cabines de imprensa eram os principais espaços da festa.

Na geografia das cidades contemporâneas é comum existirem lugares que cabem o nome de “espaços públicos” que na verdade se afastam do modelo ideal do espaço civil. Esses são espaços públicos incivilizados, como é o caso dos espaços da Micarande. Embora alguns deles sendo patrimônio público e os demais construídos nesses espaços, sua acessibilidade não era a mesma entre as pessoas. No primeiro caso, as ruas eram ocupadas pelos foliões dos blocos enquanto os “pipoqueiros” se exprimiam nas calçadas durante a passagem dos blocos, a margem dos cordões de isolamento. Já as arquibancadas e camarotes eram produtos de uso temporário para uma parcela do público do evento que pagavam para ocupá-los. Esses eram espaços privados dentro do espaço público vendidos legalmente. As cabines de imprensa também se enquadravam nesse exemplo. Todo o aparato técnico-científico-informacional montado no evento nas ruas da cidade ao mesmo tempo em que encantava, espantava e excluía. Era hermeticamente inacessível aqueles que não tinham dinheiro. A admiração devia ser apreciada de longe. Os cordões de isolamento, os seguranças e a polícia civil, que protegiam trios, os blocos, as arquibancadas, os camarotes e cabines reforçavam esse distanciamento. A Micarande utilizava também o espaço público para servir aos consumidores, ao reforçar o caráter consumidor do habitante da cidade presente na festa, uma vez que a exceção das territorialidades dos “pipoqueiros”, todos os demais espaços da festa demandavam a compra de seus ingredientes: o espaço VIP nas arquibancadas e camarotes, o abadá (a vestimenta do grupo musical-empresarial), a bebida, a segurança, enfim tudo aquilo fornecido pelo mercado. A Micarande não fogia a regra da sociedade do consumo. O que mais importava era comprar e sair no bloco. Os abadá representavam poder e *status*. Era o objeto simbólico que separava uns dos demais.

O espaço da festa era mais de ação e menos de interação. A regra era explícita: existe uma hierarquia de valores segundo o poder de compra de cada um. O topo era composto pelos blocos (que também eram hierarquizados), políticos, empresários, mídia e bandas, e a base pelos “pipoqueiros”, aqueles que não “tinham”, não “podiam” e não “eram”. Dessa forma tais características nos ajudam a definir o espaço urbano

da Micarande como público, porém não civil, ou seja, espaço de falta de habilidade de civilidade. Se uma cidade segundo Richard Sennett (1998 P.139) “é um assentamento humano em que estranhos tem chances de se encontrar”, e, conforme o raciocínio de Bauman (2001, P.112) “o meio urbano é civil na medida em que disponibiliza espaço onde as pessoas possam interagir como *persone publicas* e se apresenta a seus residentes como um bem em comum”, a pratica da arte de viver urbano não tem notabilidade nesse espaço, já que os estranhos se encontram, mas os grupos não se interagiam e os interesses comuns não eram levados em consideração, a medida que a festa servia aos interesses do capital empresarial e político e o acesso a ela era diferenciado segundo o poder de consumo de cada um. Destarte,

Campina Grande transformou – se num texto, num lugar imaginário onde a vida se organizava racionalmente e a apropriação privada dos seus espaços era uma ação que complementava a utopia da cidade que, no capitalismo, fundamenta – se na injustiça. (CARDOSO, 2002, p.55)

Toda essa representação da festa, conforme afirmou Cardoso (2002) constituiu- se na construção de cenários de uma indústria revestida por uma simbiose de discursos dos fazedores da festa, dando visibilidade a várias facetas, discutindo as relações entre o poder privado da cidade e o poder público:

A festa da Micarande na cidade de Campina Grande está imbricada com as estruturas do poder local, com os benefícios, as vantagens e os interesses daqueles que são seus construtores. Uma complexa teia de relações envolve a economia, a política, as regras e as formas de contribuição da publicidade dos patrocinadores, a distinção dos locais da propaganda, a delimitação dos trajetos dos blocos e trios e a ordenação do espaço da cidade, que se instalam como fronteiras vivas na constituição do imaginário social. Este espaço social é, ao mesmo tempo, a principal dificuldade e a fonte de possibilidades para configurar a estrutura espacial da cidade. É herdeira da seqüência da construção da hegemonia e do projeto de dominação desde o instante em que o poder público municipal pauta – se em um espetáculo rígido por uma teatralidade que impressiona os homens comuns, conquista o respeito e a obediência e reduz o cidadão a mero espectador, denunciando uma gestão da cidade assentada na arte e no artifício. (CARDOSO, 2002, p. 54)

Dessa maneira, o espaço da festa em Campina Grande era marcado por uma confusão entre público e privado e a festa era palco de confrontos entre lideranças políticas locais, que se utilizavam do poder para construir boas imagens nos meios de comunicação de massa. A festa estava visceralmente identificada com a figura do ex-prefeito de Campina Grande e ex - governador da Paraíba Cássio Cunha Lima,

que passou a disputar palmo a palmo os espaços da festa com o prefeito da cidade Veneziano Vital do Rêgo, a partir de 2005.

3.6 AS TERRITORIALIDADES E BARBARIES DA MICARANDE

Como mencionamos, para justificar a realização da Micarande e estimular a participação dos campinenses, o poder público, aliado aos interesses empresariais, utilizava de argumentos como a geração de emprego e renda a partir do desenvolvimento do turismo, a divulgação da cidade no cenário nacional bem como proporcionar diversão e lazer a população local e turista.

Em entrevista realizada dia 04 de agosto de 2006 a assessora administrativa da Coordenadoria de Eventos da Prefeitura de Campina Grande Jussara Santos Lima afirmou:

O principal objetivo desta festa é o lucro para a cidade. Apesar de algumas pessoas serem contra a sua realização, acredito que ela traz recursos para a cidade, além de divulgá-la em outros estados e lugares. O cordão de isolamento que separa os blocos da pipoca é necessário para que não ocorra tanta violência. Vejo este cordão como uma forma de garantir uma maior segurança para aqueles que estão dentro dele.

A interpretação da festa, pelos seus organizadores era estritamente política e econômica, desconsiderando o conjunto das injustiças sociais e de incivilidade que o espaço da festa reproduzia. O modelo de sua realização assumia a forma de espetáculo, com a promoção de imagem dos políticos e de mercantilização da cultura, pouco importando seu conteúdo, ou seja, a identidade de cultura local:

O espírito empresarial da Micarande evidenciado facilmente. Abadás e camarotes vendidos a preços exorbitantes, empresas que determinam a importância de modelos de eventos similares, lucros que migram para outras localidades, isenção de impostos são fatores entre outros que demonstram esta condição empresarial da Micarande. (CARDOSO: 2000, p. 78).

A justificativa de que há criação de emprego e renda para a cidade pode ser contestada pelo fato de que os abadás de todos os blocos, bem como os trios elétricos, as bandas e a música eram de origem baiana. Além disso, os representantes do poder público não tinham controle do que entrava e saía da cidade durante os dias de festa. Somam-se a isso o fato de mais da metade do público da festa ser residente da cidade e uma parcela considerável no próprio

estado da Paraíba, acontecimento que nos leva a reflexão das vantagens desse evento para a cidade.

Em entrevista ao portal Paraíba em 22 de março de 2009 o então presidente da CDL(Câmara de Dirigentes Lojistas) José Arthur de Melo de Almeida afirmou que o evento subtraía mais do que somava além do investimento que era feito do poder público para atender os interesses de ordens privadas. Segundo Arthur, a Micarande desde 2001 não deixava divisas econômicas para Campina Grande devido a realização dos outros carnavais fora de época em outras cidades, além de está desgastado e exigir um elevado investimento por parte do governo (segundo o período *A Palavra*, de 15 de abril de 2005, o governo do estado disponibilizou no referente ano um milhão para o evento sendo 400 mil para a segurança).

A inversão da realidade diária e representação da fantasia no espaço da festa se fundiram a incivilidade, com o medo, a violência, a segregação, a exclusão e a tensões de negociações entre os grupos e as instituições hegemônicas da festa, que buscavam dar sentido, codificação e significado a ela e retro-alimentaram idéias fictícias de festa de todos e para todos.

A caixa de sonhos da festa externamente exibia um espetáculo de poder, grandiosidade, alegria, diversão e prazer, com cobertura de peso de toda a impressão local. Porém, essa mesma caixa tinha sua constituição interior baseada em barbárie pós-moderna, através de lutas, conflitos, contradições, medo, violência, e quadro de exclusão. Essa ambivalência se fazia notar nos diferentes espaços e momentos da festa. Da Avenida Brasília com o “Circuito da Folia em seu percurso de cerca de 5 km, até chegar no “Corredor da folia” os atores hegemônicos da Micarande (poder público e empresários), faziam do percurso da Micarande nas ruas de Campina Grande uma base para a construção de um “território simbólico”, refuncionalizando esses locais. Tal construção simbólica não advinha do “espaço vivido” pelo povo campinense, mas de uma reconstrução identitária forjada pelos atores hegemônicos. O poder de consumo do folião definia sua função e seu acesso no espaço da festa. A Micarande não fogia a vida de consumo e exceção das territorialidades do “pipoqueiros”, todos os demais espaços da festa demandava a compra de todos os seus ingredientes no espaço VIP, o abadá, a bebida, a segurança e outros.

Na concentração as territorialidades de cada grupo de foliões eram delimitadas e explicitamente definidas através de cordões de isolamento e seguranças, responsáveis de impedir a entrada de pessoas sem o abadá e de garantir a integridade dos foliões do bloco em seu território. Os “protegidos” territorializavam não só seu espaço, como também tinha o mesmo direito de acesso dos espaços dos “desprotegidos” quando bem entenderem. Durante o percurso as territorialidades se diferenciavam também entre os blocos: divididos em grandes (como o Spazio – com Chiclete com Banana), infantis (como o Piu- Piu), pipocas e alternativos (como a Laranja Cravo – da prefeitura). No Circuito da Folia milhares de foliões pulavam, mas não se misturavam, agiam mas pouco interagiam. Era uma festa em espaço público, com serviços, produtos e facilidades diferenciados e acesso e participação popular delimitada segundo o poder de consumo de cada um.

Cordões de isolamento demarcavam os espaços dos que podiam (os que compravam abadás) dos que não podiam (os que não compravam), dos que tinham dos que não tinham. Nos territórios dos blocos grandes e alternativos, os jovens de melhores poder aquisitivo para adquirir abadás desfilavam no Corredor da Folia exibindo seu físico através da dança, da folia, do beijo e do consumo e outros sentimentos, experimentados e vendidos subjetivamente, com trios potentes, carros de apoio, cordões de isolamento, segurança e na proximidade de artistas.

Nessas circunstâncias, os foliões da festa se portavam como mercadorias segundo a concepção de Bauman, pois era visível na avenida “vontade de aparecer, ser visto, notado, comentado e, portanto, presumidamente desejado por muitos – assim como sapatos, saias ou acessórios exibidos nas revistas luxuosas ou nas telas de TV” (BAUMAN, 2008, p.10). Ao exibirem seu físico (as moças geralmente de roupas curtas e os rapazes com os abadás nas mãos) os foliões se mostravam aparentemente realizados, já que vivemos numa “sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor o privado numa virtude e num dever público”(IDEM, 2008, p.10).Essa suposta realização advém dessa sociedade de consumidores onde “tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (IBDEM, 2008, p.21).Assim, nessa festa-espetáculo que celebrava a cultura agorista, os foliões (sejam “blocos” ou “pipocas”) se mobilizavam para viver o *carpe diem*, onde cada música tocada no Circuito e no Corredor da Folia

significava uma única oportunidade pra conhecer, conversar, beijar pessoas novas, e/ou facilmente descartá – las. Cada ponto do percurso deveria ser vivido como um começo total e verdadeiramente novo. Dessa forma, os territórios da festa eram marcados pela cultura líquido - moderna, fluida, marcada pelo descartamento e a rápida substituição de pessoas (amigos, paqueras e ficantes) e mercadorias (refrigerantes, bebidas e outros objetos). Concomitantemente, as territorialidades dos “pipoqueiros” se limitavam a calçadas e pequenos espaços as margens das cordas de sisal. Eles não possuíam trios próprios, brincavam por fora das cordas e corriam atrás dos trios e dos artistas à distância. A barbárie produzida pela Micarande era evidenciada facilmente pela exclusão social, o medo, hierarquização, a insegurança, e a violência. O mesmo circuito das bandas de *axé music* que animavam a festa dos foliões era seguido por assaltantes e descuidistas. Ao lado da beleza, grandiosidade e poder da Micarande uma onda de violência provocada por brigas, furtos, assaltos e até assassinatos se alastrava nos seus diversos pontos. Durante o percurso é comum a prática de furto e de assaltos. Em alguns casos os abadá dos foliões eram roubados e desta forma estes eram impedidos de adentrar no espaço que convinha.

Segundo o portal PB *Fest* (2009) a secretaria de Saúde de Campina Grande realizou durante as duas últimas edições da festa (2007 e 2008) 659 atendimentos. Ainda segundo o portal, no período de 10 a 13 de abril de 2008, o 2º batalhão de bombeiros militar registrou 110 ocorrências na sua área de atuação. As equipes de bombeiros foram localizadas durante o desfile dos blocos, na concentração, ao longo do “Circuito da Folia”, no Açude Velho, tendo um posto de comando no prédio do Centro da Jovem, no Parque do Povo. Ainda segundo a fonte, no Açude Velho houve 26 ocorrências, com a retirada de 26 vítimas. Além dessas, foram atendidas no circuito da folia, 9 vítimas de embriaguês, 7 vítimas de traumas, uma de ataque, duas de desmaio e o transporte de uma vítima para o Hospital Regional.

Diante desse quadro marcado pela desordem e barbárie muitas pessoas avaliavam a festa de forma negativa, surgindo alguns movimentos contrários a sua realização, como a “Micarande de Cristo”, lançada por alguns evangélicos, com trio elétrico próprio instalado nas proximidades do Parque do Povo e o movimento de mães que perderam seus filhos na festa, através da onda de violência que assolava seus territórios. Apesar disso, para muitos, o desejo de ser um folião do bloco se tornava

uma necessidade de primeira ordem não importando os meios para possuir o abadá. Durante o percurso era comum a prática de furto e de assaltos. A regra da festa era clara: existe uma hierarquia de valores entre espaços e atores da festa. O topo era composto pelos blocos (que também eram hierarquizados), pelos políticos, empresários, mídia e banda e a base pelos “pipoqueiros”. Durante a passagem dos blocos nas ruas, uma rede complexa de relações e interesses envolvendo os políticos, a imprensa e as grandes empresas era notória. Por atrair um grande número de expectadores, tanto nas ruas quanto em casa, pelos canais de televisão local, os patrocinadores aproveitavam o espaço para divulgar suas marcas enquanto os políticos buscavam reforçar seu capital político-simbólico perante a opinião pública seja em cima dos trios, ao lado de artistas famosos, dando entrevistas nos meios de comunicação ou até mesmo fazendo discursos no trios.

Nas palavras de Pereira Filho:

O privilégio de estar em posição de destaque (em cima do trio elétrico, por exemplo) em relação aos demais sujeitos eleva o político a um estágio de veneração, sendo visto por todos, sugere a obediência a uma hierarquia na qual o sujeito em evidência torna-se cultuado pelos demais, por causa do status de estar no lugar onde poucos podem estar. Torna-se então o alvo dos olhares do público e das lentes da mídia que reforçava tal posição, projetando-o a uma relação complexa de realidade e magia criando uma espécie de relação mítica - mídia, homem e mito ao mesmo tempo. (PEREIRA FILHO 2006, p.40)

No fim do “Circuito da Folia”, antes mesmo de finalizar o percurso no Parque do Povo, uma passagem de dois camarotes executavam a segregação além das cordas (Vê na figura 02): dava-se então início ao Corredor da Folia e somente os foliões pagantes dos blocos tinham direito de entrar no corredor. Os foliões “da pipoca” não podiam utilizá-los, era uma barreira no espaço público que deviam contornar:

O corredor da folia é uma área de acesso privativo dos blocos, onde os usuários dos camarotes e arquibancadas assistirão as apresentações das grandes atrações dos blocos, que quando entrarem no corredor da folia os portões são fechados e os foliões “pipoca” seguem por fora em direção ao parque do Povo, área de 43,5 mil m², local onde há a concentração final e palco da apoteose da festa. (CARDOSO 2000, p. 120)

Os camarotes e as arquibancadas representavam outras territorialidades do evento, elas eram montadas para atender os foliões que podiam pagar pelo espaço ocupado.



Figura 02: Corredor da folia

Fonte: [HTTP://www.micarande.com.br/img/album/corredor1.jpg](http://www.micarande.com.br/img/album/corredor1.jpg)> Acessado em: 12/03/2010

Dessa forma, longe de ser um evento de todos, os espaços “inclusivos” e “exclusivos” da Micarande, muitas vezes suscitava ressentimentos que em muitas ocasiões, descambavam para a violência, inclusive física, aspecto a descaracterizar esse ritual festivo como sinônimo de civilidade.



Figura 03: Parque do Povo

Fonte:< [HTTP://www.onorteonline.com.br/especial/micarande/2006/imagens/evento.jpg](http://www.onorteonline.com.br/especial/micarande/2006/imagens/evento.jpg)> Acessado em 12/03/2010.

Apesar de todo o seu espetáculo de poder, modernização, grandiosidade e empreendedorismo a Micarande, assim como outras micaretas nordestinas não resistiram aos desafios impostos pela globalização da economia, diante dos altos custos demandados e a diminuição do interesse do capital empresarial em patrocinar o evento, e sofreu mudanças significativas, sendo extinta em 2009, e implicitamente substituída pelo Balança Campina, um evento *indoor*, em espaço público (no Parque do Povo). O fim da Micarande poderia também se relacionar ao novo contexto político que a Paraíba vivia em 2008, quando então o governador do estado Cássio Cunha Lima (idealizador da festa) foi deposto e substituído pelo segundo colocado nas eleições 2006 José Maranhão. Nesse contexto, o evento sofreu descontinuidade e oposição, já que o conteúdo de simbolismo político associado a figura de Cássio era evidente:

É também por esse viés político, que entendemos que o fim da Micarande e o encolhimento do Encontro para a Nova Consciência, frente ao crescimento dos encontros de caráter puramente religiosos que lhes são paralelos. Sendo prática de todos os governos, apagarem as marcas dos adversários políticos que lhes antecederam, os referidos eventos se constituem em marcas registradas dos seus idealizadores, e a cada novo amanhecer, uma renovação de suas imagens. Dessa forma, o Balança Campina dá uma nova cara para uma festa com características semelhantes à antiga Micarande, ao mesmo tempo em que apaga o passado político de um evento que, sem marcas físicas no espaço, ao contrário do São João, que tem como símbolo a pirâmide do Parque do Povo, facilmente se diluirá na memória curta que caracteriza nosso tempo de fluidez, onde tudo é instantâneo. (COSTA, 2010, p. 224).

Nos seus 18 anos de existência a Micarande criou, consolidou e reafirmou territorialidades móveis no mundo do consumo, com fronteiras bem delimitadas, consolidando os blocos ao passo que separava e excluía os “pipocas”, através de cordões de isolamento e padronização de abadás em pleno espaço público. Da mesma forma, criou condições para a consolidação de hierarquia de poder e dominação, com territórios fixos, através de arquibancadas e camarotes, que serviam para atender a preferência de um grupo seleto de pessoas, que pagavam pelo território ocupado.

3.5 BALANÇA CAMPINA: AS NOVAS TERRITORIALIDADES DA FESTA CAMPINENSE

Em 1965, em sua obra *A Cidade na História* Munford destacava que festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens sempre alcançam os mais altos níveis de “sociabilidade”. Passados quase meio século após essa afirmativa, observamos cotidianamente festas realizadas em diversos pontos do planeta com conteúdos bem distantes daqueles que o autor afirma serem sinônimos de civilização e sociabilidade. A festa se realiza e com ela novos códigos e significados são construídos, dependendo do espaço e do tempo de sua realização. Nesse processo de (re)criação e (re)invenção da festa, os rituais, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e das tradições populares dos diversos grupos sociais, “vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresários, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se bastante acentuado” (BEZERRA, 2004, p.4). Essas reflexões envolvendo a festa a cidade e o seu conteúdo se intensifica à proporção que nos deparamos com situações intrigantes e contraditórias. A Micarande e o Balança Campina são tipos de festas dignas de reflexões críticas quanto aos seus conteúdos morais, sociais e civis. Conforme afirmamos, a criação e reinvenção das festas muitas vezes estão ligadas a um processo de espetacularização da política, servindo de estratégia para divulgar uma boa imagem dos políticos nos palcos da festa, e também comercial e empresarial, visando divulgar e vender produtos e serviços e promover marcas e imagens.



Figura 04: Chiclete com Banana em um dos Palcos do Balança Campina

Fonte: <[http: www.tazaqui.com.br](http://www.tazaqui.com.br)> Acesso em 18/11/2009

Na circunstância histórica instrumental do “homem-coisa”, do “homem objeto”, a festa é comumente teleguiada por objetos quase “perfeitos”(palco, portões de acesso- ou impedimento-, vestimentas...) que conduzem sua apoteose, se espraiando de forma violenta no espaço público urbano, onde o “eu posso” é manifestado de maneira forte por grupos seletos. Este é o caso do Balança Campina, a nova micareta Campinense, e substituta da Micarande.

O Balança Campina teve sua primeira edição em 2009 durante um dia do mês de novembro (dia 15), com dez horas médias de duração (começando às 17 horas do dia 15 – em um domingo- e finalizando às 2 horas da manhã do dia seguinte). Semelhante a Micarande, o evento é uma iniciativa privada, que conta com o apoio do poder público (em troca da divulgação de nomes de políticos) e com o patrocínio de empresas, que recebem em troca a divulgação de suas marcas. Embora o *axé music* predomine, a festa tem como proposta uma variedade de ritmos para atrair os diferentes foliões. Em apenas duas edições o evento já apresenta uma variedade de artistas em sua lista: Chiclete com Banana, Parangolé, Paralamas do Sucesso, Garota Safada, Saia Elétrica (ou Rodada), Revelação e Biquine Cavadão se revezaram nos dois palcos do evento nessas duas primeiras edições. A base territorial é o espaço público, o Parque do Povo. Dois palcos, um mini trio elétrico, um camarote (para os Vip’s) e um conjunto de grades grades baixas de ferro (que separam os blocos) compõem o aparato técnico-científico da festa em seu interior enquanto altas grades de ferro se encarregam (junto com seguranças particulares) de proteger o espaço no seu exterior, permitindo ou impedindo a entrada de foliões. Ou seja, mesmo sendo realizado em espaço público, portanto de livre acesso e direito de todos na forma de lei, só participam da festa àqueles que compraram os abadás (vestimentas da festa), os consumidores do espaço (e não os cidadãos). Nesse contexto, assim como a Micarande, o espaço público torna-se mercadoria, dividindo classes, separando grupos e excluindo pessoas. Ele também é exposto enquanto objeto de consumo e delimitador de *status* social. É uma privatização do público pelo privado conhecido e apoiado pelo poder público. Nesse sentido Silva acrescenta que:

A existência desse espaço é sinônimo da existência das classes sociais. Assim como, estas sofrem uma determinação histórica o mesmo acontece com o espaço geográfico. As classes se reproduzem obedecendo aos ditames do capital que não se desenvolve obedecendo a uma lógica desenvolvimentista, mas a uma lógica contraditória qual produz “espaços heterogêneos”, desiguais e irregulares.(VIERGAPOULOS,1977,p.139 *apud* SILVA 1991, p.125)

Além de seletista e excludente, o Balança Campina tem sua constituição interior baseada em separação de classes através de dois tipos de espaço: O Vip e a Pista. O primeiro possui uma área maior embora com quantidade menor de pessoas. Localiza-se próximo aos palcos, e possui um camarote, onde os foliões podem ver melhor os artistas. É reservado para os foliões de maior poder aquisitivo. A cor serve de referência de diferenciação e permissão da entrada e saída de foliões no espaço, protegido por seguranças e grades de ferro. O custo médio de abada é três vezes superior ao da pista (custou em média R\$ 90,00, nos dois anos realizados, variando de acordo com o dia e com o vendedor ambulante). Já o espaço Pista é destinado a abrigar os foliões de menor poder aquisitivo. O espaço é menor e o público é maior. O custo médio do abadá era R\$ 30,00. A cor (vermelha em 2009 e verde em 2010) delimitava visivelmente os espaços deste grupo.



Figura 05: Balança Campina no Parque do Povo

Fonte: <HTTP:www.tazaqui.com.br> Acesso em 18/11/ 2009

Os diferentes sentimentos de pertencimento aos grupos foram facilmente identificados durante a festa e comprovados por alguns foliões entrevistados.

Em termos de segurança, eu não me senti à vontade. Senti-me inseguro e o tempo todo preocupado. Não tinha muito policiamento no meu espaço (pista) enquanto isso, senti que o camarote tava muito mais separado e seguro. Isso se deve ao preço que você tá pagando. Eu paguei R\$25,00. A diferença é muito grande entre a pista e o espaço vip. Lá vai mais a classe média e alta. A segurança e a liberdade são diferenciadas. A gente da pista sofre preconceito pelo preço que a gente tá pagando. O pessoal da área vip se acha superior e passa pro nosso lado e a gente não pode passar pro lado deles, porquê pagamos menos. (Valdir Calisto, folião da pista – entrevista em 15 de novembro de 2009)

Em entrevista com os foliões constatamos que os principais motivos que levaram os foliões da pista ao espaço do bloco foram as condições financeiras (lá é mais barato), o ciclo de amizades (pessoas com o mesmo padrão de consumo) e por ser a única opção de divertimento e lazer de acordo com as suas condições. Já os “vip’s” optaram pelo espaço em busca de segurança, conforto e *status* social.

Escolhi a pista porquê era mais barato. Me senti uma sardinha, muito apertada. Não tive nenhum conforto. (Alessandra Duna, foliona “pista”)



Figura 06: Foliões Pista

Fonte: <HTTP:www.paraibagora.com>Acessado em: 18/11/ 2009



Figura 07: Foliões Vip's

Fonte: <HTTP:www.tazaqui.com>Acessado em: 18/11/ 2009

Assim como na Micarande, o Balança Campina reproduz relações de poder e quadro de exclusão. Existe uma hierarquia de valores mediada pelo poder de compra. Os “vip’s” talvez representem os foliões dos blocos oficiais (como Spazzio, Cerveja e Coco) por serem mais elitistas e possuírem um alto padrão de compra. Os “pistas” representam os foliões dos blocos alternativos ou da prefeitura (Laranja e Cravo) por serem mais populares e cobrarem preços baixos para compra de abadás e as pessoas à margem dos portões (aérea externa) seriam os “pipocas” da Micarande, já que são impedidos de participar formalmente da festa.

As pessoas vão a mesma festa, teoricamente no mesmo ambiente, porém, uma vestimenta (abadá) faz toda a diferença. As pessoas que procuram o camarote vip buscam *status* social, sentem-se superiores aos demais e podem inclusive, circular na área da pista, sendo que o contrário não ocorre. Aquelas pessoas de menor poder aquisitivo buscam a área da pista, e podem desfrutar das atrações do evento tal qual comunidade “vip”. É dedutível que a área da pista é bem mais numerosa. (Telma Lúcia, foliona “pista”)

Nessa nova configuração da festa, os palcos substituíram os trios elétricos, as grades de ferro substituíram os cordões de isolamentos, eliminando qualquer forma de acesso e participação do folião não pagante. A mobilidade exercida pelos foliões durante o percurso da festa cede lugar aos espaços hermeticamente fechados do Balança Campina.

Em entrevista, uma folia da Micarande em edições passadas, que ficou à margem das grades durante a nova festa, ressalta a indignação por ser impedida de participar:

O espaço público deve ser de todos. Existe injustiça nesta festa. Eu ainda preferia Micarande porquê eu brincava mais e tinha direito de participar.

(Rosângela Maria)

Enquanto uns demostram de indignação e revolta por não poder participar da festa, outros se manifestam de maneira feliz e orgulhosa por ocupar uma posição de destaque:

Por motivo de segurança e comodidade escolhi o camarote Vip. O espaço Vip representa pra mim um lugar onde fico habituado, onde existem pessoas de classe social diferenciada e onde me sinto seguro. Nele me sinto uma pessoa bem mais valorizada, porquê pista, é como o povo fala, é a “farofada” e o camarote é aquela coisa mais reservada, mais fechada”.(Joalison Sousa – Folião Vip)

Esse novo modelo, ao contrário da Micarande, que agregava uma maior participação da massa, embora de forma limitada, é muito mais excludente que a Micarande, direcionando seus serviços, produtos e facilidades unicamente a pessoas que pagam para adentrar no seu território, construído num espaço público, o que não impede a exclusão, o preconceito e limitação de territórios, já que existe somente dois espaços. O Balança Campina herdou da Micarande uma característica marcante: A segregação sócio – econômica – espacial.

Conforme afirma Da Matta (1994, p.74) é “festa desordem”, de inversão do mundo nessa nossa sociedade marcada pela hierarquia. Nela podemos reafirmar aquilo que Bauman acredita: “no mundo dos negócios da indústria cultural, não há realmente lugar para a pobreza, que vive a humilhação que representa a incapacidade de participar do jogo do consumo” (IDEM, 2003, p.59)

Liberdade e imobilidade se confundem e se contradizem nos espaços da festa. Ação e interação são intermediados por grades e pela cor do abadá .Os foliões agem mas pouco interagem. As grades da festa poderiam ser comparadas as cercas elétricas, muros altos, câmeras, grades, portões, cães de guarda, vidros, pregos e tantos objetos que segregam as relações sociais enquanto se buscam segurança e proteção. De um lado, os excluídos (seja na festa ou na vida diária) querem participar ativamente do reino do consumo, enquanto do outro, os incluídos se fecham em suas grades (sejam em festas ou na vida cotidiana) e querem, acima de tudo, proteção, não importa o preço a se pagar. O Parque é do Povo? Sombolicamente, tanto na Micarande quanto no Balança Campina, ele responderia a

indagação com a sentença que virou ordem: “é proibida a entrada de pessoa que não possui abadá!”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criada pelo poder público em parceria com setores privados no início da década de 1990, período em que as micaretas no Brasil, especialmente no Nordeste se expandiam, a Micarande tornou-se alternativa para expansão do turismo de eventos na cidade de Campina Grande, constituindo – se numa promessa de geração de emprego e renda para a população local, usando , para isso, um forte *marketing* nos principais meios de comunicação, objetivando a criação de uma imagem positiva da cidade no cenário nacional para consolidação do turismo local, somando – se a outros eventos, como o “Maior São João do Mundo”.

Com estrutura comercial padronizada, presença marcante de trios elétricos, participação de cantores do axé *music* de fama nacional, cobertura total da imprensa, apoio do poder público, somado ao empreendedorismo e dinamicidade de setores privados e a grande participação de foliões, a festa consegue se firmar nos seus primeiros anos como um dos eventos mais importantes do calendário social de atividades da cidade e da Paraíba e uma das micaretas mais dinâmicas e grandiosas do Brasil, segundo uma parte da imprensa e dos discursos políticos. Nessa “fábrica de sonhos”, com forte conteúdo de simbolismo, poder de encantar e convencer a festa- espetáculo também constituía – se como ponto de encontro de pessoas com territorialidades bem definidas (simbólica e materialmente), revelando relações de poder e quadro de exclusão social, seja durante seus percursos, com o “Circuito da Folia”, ou no local de concentração e fixação dos blocos, o “Corredor da Folia”, no Parque do Povo.

Diante de uma rede complexa de relações envolvendo forças econômicas, políticas e culturais os espaços da festa eram expostos enquanto objeto de consumo e delimitador de *status* social, com territorialidades bem definidas, através de cordões de isolamento, que separavam os foliões dos blocos dos “pipocas”, limitando e/ou impedindo o acesso desses nas ruas e avenidas dos percursos, e da montagem de arquibancadas e camarotes , que serviram aos interesses de grupos seletos, que pagavam pelo lugar ocupado.

Com objetivos puramente econômicos, ausente de questionamentos de caráter cultural, de invenção da tradição e de identidades locais, a festa em toda sua história foi guiada pela ditadura da informação e do dinheiro em estado puro e despótico, onde a vestimenta (o abadá) determinava a posição do folião, a relação dele com os grupos e sua mobilidade, remodelando preconceitos e segmentando o espaço físico.

Servindo – se aos interesses empresarias e constituindo – se num meio de divulgação de uma imagem positiva dos políticos, a Micarande obedeceu a um telos desprovido de valores morais e éticos sensíveis a princípios distributivos dotados de mínimos parâmetros de equidade no usufruto material e de espírito de solidariedade, pois produziu peremptoriamente territórios de violência (física, moral e ética), dominação, desigualdade, segregação, preconceito, exclusão e outros conflitos que induziram a demências, a banalização da barbárie propriamente dita.

Em 2008, a Micarande realizou sua última edição. A falta de interesse do capital empresarial em patrocinar o evento, juntamente com o novo contexto político que a Paraíba vivenciava, com a substituição de então governador Cássio Cunha Lima (idealizador da festa) pelo segundo colocado nas eleições de 2002 José Maranhão. Em seu lugar o Balança Campina surge em 2009, herdando da festa anterior sua principal característica: a segregação sócio- econômica espacial, através de palcos e trios elétricos cercados de grades de ferro no Parque do Povo, eliminando qualquer forma de acesso e participação do folião não pagante. Ou seja, mais uma vez o espaço público, que é para ser popular e de todos torna – se objeto de manipulação, dominação e controle das forças econômicas, que juntam sua insensibilidade diante dos conflitos sociais gerados na sociedade do consumo com a indiferença do poder público em se fazer valer os direitos básicos do “cidadão”, como o de ir e vir.

Nesse prisma, compreendemos que as festas supracitadas refletem a realidade do cotidiano nas cidades (pós) modernas, onde presenciamos uma luta permanente contra os medos, perigos e ansiedades, na qual verificamos de um lado os que podem se proteger com seus equipamentos técnicos – cercas elétricas, câmeras, grades, cães de guarda, seguranças particulares, etc – em seus condomínios ou casas, tendo a opção de escolher os territórios que melhor lhe aprove, vivenciando uma multiterritorialidade, enquanto outro, na base da pirâmide social, não tem

sequer a opção do primeiro território, o território como abrigo, fundamento mínimo de sua reprodução cotidiana.

Sem pretensões de finalizar os caminhos, mas sim de possibilitar novos debates acerca do tema proposto, acreditamos que uma nova identidade sócia territorial na festa campinense é imprescindível, onde os princípios de autonomia, participação, luta, democracia e direitos humanos tenham forças e a cultura local seja valorizada. Que os territórios construídos por tais manifestações , mesmo acoplando múltiplas redes seja capaz de integrar pessoas, em vez de segrega – las. Que o direito a cidade seja reafirmado e os espaços públicos, em vez de “exclusivos”, sejam sinônimos de democracia, liberdade e mobilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Isidoro. **O Carnaval Devoto** – Um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis – RJ: Vozes, 1980.

ALVES, Vânia de F. Noronha. **A Festa como Possibilidade de Mobilização**. Bogotá (Colômbia). X Congresso Nacional de RecreaciónCaldeports/FUNLIBRE, 2008.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira**: Sentidos de festejar no país que não é sério. Disponível em [WWW.URL:http://www.aquaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html](http://www.aquaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html) Acesso em: 16/08/2010

ANDRADE, Jocélio Cláudio Cavalcanti de. **A expansão urbana de Campina Grande – PB**. Um estudo de caso da favela cachoeira. 2006. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2006.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. **Festas: Máscaras do Tempo** – Entrudo – Mascaradas e Frevo no Carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade de Recife, 1996.

BARROS, Jean Carlos Brito. **A urbanização e os assentamentos sub-normais**: A favela da Cachoeira na Cidade de Campina Grande – PB. 2006. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2006.

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2001

BAUMAN, Zigmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2008.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. **Festa e cidade**: entrelaçamentos e proximidades. Rio de Janeiro:UFF, 2004.

CAILLOIS, Roger. **L'Homme et le Sacré**. Paris: Gallimard, 1950.

Câmara, Epaminondas. **Datas Campinenses**. Campina Grande: Caravelas, 1988.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim; MAIA, Doralice. A Cidade Cogumelo: Campina Grande – Das Feiras às Festas.In: **Revista de Geografia da UFC** [online]. Ano 1, n 2, p. 19, 2002.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A cidade e a festa**. Cultura e identidade na festa da Micarande na cidade de Campina Grande – PB. 2000. Tese (Doutorado em Geografia Humana)- Universidade de São Paulo: São Paulo, 2000.

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, , Roberto Lobato,SOUZA, Marcelo Lopes de(orgs).. O território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento: Geografia :**Conceitos e Temas**.Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2005

CASTRO, Iná Elias de, GOMES, , Roberto Lobato,SOUZA, Marcelo Lopes de(orgs).. O território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento: Geografia :**Conceitos e Temas**.Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2005

CDL quer privatizar Micarande em Campina Grande. Disponível em :<<http://www.paraiba.com.br>> . Acesso em: 28/09/2009.

COSTA, Antônio Albuquerque da.**A Cidade em Fragmentos**: Uma análise das metamorfoses espaciais em Campina Grande – PB no período histórico atual. 2010. tese (doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inversão ao Meio Técnico – Científico – Informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

DA MATTA, Roberto. **O Que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1994

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DI MEO, G. La **Geographie em fêtes**. Paris: Ed. Geoghrys, 2001

DIOGENES, Glória. **Territorialidade e Violência**: Novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles. Fortaleza: UFC, 1999.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador** – Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge: Zahar, 1990.

FARIAS, Edson. **O Desfile e a Cidade** – O Carnaval- O Espetáculo Carioca. Rio de Janeiro: E - Papers Serviços Editoriais, 2006.

GUARINELLO, n. I. Festa, Trabalho e Cotidiano. In. IANCSÓ, I e KANTON, I (orgs). **Festa, Cultura e Socabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Ed. Hucitec/ EDUSP, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução Dail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 9. Ed. São Paulo: Loyola, 2000.

HASBAERT, Rogério H. da Costa. **Concepções do Território para entender a desterritorialização**. In: Território, Territórios. Niteroi: PPGEU UFF, 2002.

HASBAERT, Rogério H. da Costa. **O Mito da Desterritorialidade**. Do “fim dos territórios” a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HASBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HENRIQUE, Isabel Castro. **Território e Identidade: A Construção da Angola Colonial (1872 – 1926)**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia de Letras, 2005

JOFFILY, Irineu. **Notas Sobre a Paraíba** (Fac-símile da edição de 1892). Brasília: Thesaurus, 1977.

LIMA, Elizabeth Cristina de Andrade. **A Fábrica de Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Idéia, 2002.

LIMA, FRANCISCO Denílson Santos de. **O Processo de Segregação Sócio-econômico – espacial da Micarande**. Campina Grande: UEPB, 2007.

LIMA, Francisco Denílson Santos de. E SÁ, Alcindro José de. A reterritorialização da festa campinense: Um olhar para a civilidade do Balança Campina em Campina Grande – PB. In: **Revista de Geografia**. UFPE/DCG – NAPA, Recife, v. 23, n. 3, p. 66 – 78, set/dez 2009.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. **A Civilização do Deus Momo: Carnaval e Modernização na Cidade de Natal**. Ver. Especialidades [online]. 2008, vol.1 n. 1, 23 p.

Micarande 2009 será Indoor. Disponível em : <<http://www.pbeventos.com.br>>
Acesso em: 22/09/2009

MUNFORD, L. **A Cidade na História**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

PEREIRA FILHO, Sebastião Faustino. **Micarande: Festa do povo?** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Programa de Pós-Graduação em Ciências sociais. UFRN: Natal, 2006.

RODRIGUES, Liliane Macedo. **Micarande – Carnaval Fora de Época de Campina Grande**: o evento e a cidade. Monografia (graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2007.

SÁ, Alcindo José de (org). O Ressurgimento dos espaços de cidadania, civilidade e liberdade no Brasil: Uma via com saídas nas encruzilhadas dos labirintos das geografias da violência e do medo? Nas Geografias da Violência... **O renascer dos espaços de civilidade?** Recife: UFPE, 2009

SÁ, Alcindo José de (org). O Ressurgimento dos espaços de cidadania, civilidade e liberdade no Brasil: Uma via com saídas nas encruzilhadas dos labirintos das geografias da violência e do medo? Nas Geografias da Violência... **O renascer dos espaços de civilidade?** Recife: UFPE, 2009

SÁ, Alcindo José de (org); LIMA, Francisco Denílson Santos de. SÁ, José Alcindo de. A Micarande e suas territorialidades: As Marcas da Incivilidade no Espaço Público da Festa. In: **Nas Geografias da Violência... O renascer dos espaços de civilidade?** Recife: UFPE, 2009

SÁ, Alcindo José de (org); LIMA, Francisco Denílson Santos de. SÁ, José Alcindo de. As novas territorialidades da festa campinense: civilidade ou premência de uma nova política territorial includente? . In: **Da psicofera do medo a premência de uma nova política territorial includente?** Recife: UFPE, 2009

SACK, R. D. **Human Territoriality** – It's theory and history. Cambridge. Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SENETT, Richard. **Carne e Pedra** – O Corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso.2008.

SENNETT, Richard.**The Corrosion of Character**: The Personal Consequences os Work in the New Capitalism.New York. Inorton&co, 1998.

SOUZA, Fernanda. **Veneziano e Cássio Disputam Palmo a Palmo Chão da Micarande**. A Palavra. Campina Grande. 15 a 30 de abril de 2005. Geral, p.03.

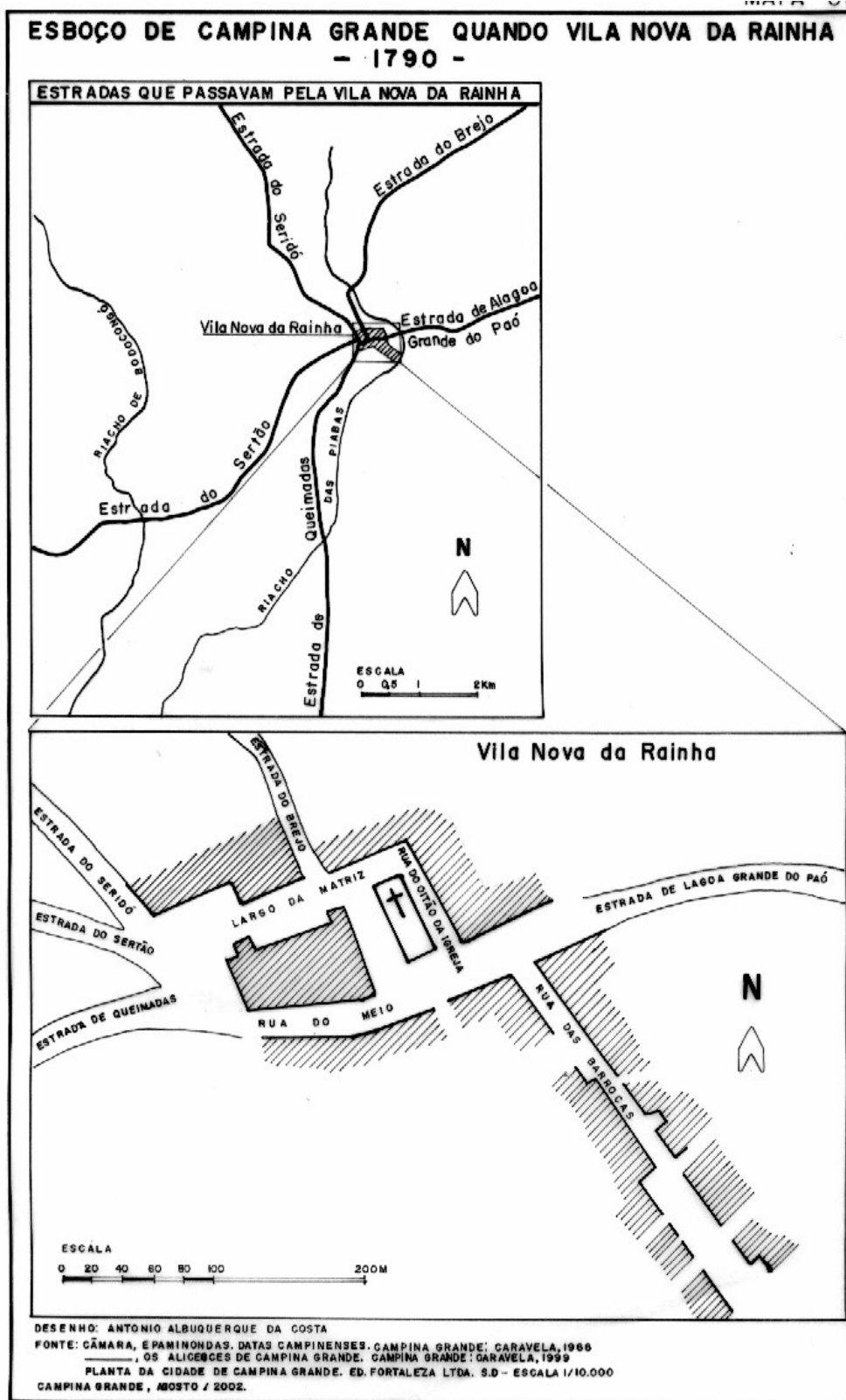
SOUZA, Marcelo José Lopes de.O território: Sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E de: GOMES, P.S da C.: CORREA, R.L.(Orgs). **Geografia: Conceitos e Temas**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

VASCONSELOS, Maria das Mercês. **Desenvolvimento – Ciência – Tecnologia e as repercussões no espaço urbano e regional de Campina Grande – PB**. 2005. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2005.

VERAS, C. **O espelho de Narciso**: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande(1935-1945). 1988. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1988.

ANEXOS

ANEXO A - Mapa da Vila Nova da Rainha 1790



MAPA 04
Esboço da Cidade de Campina Grande em 1864

Convenções

- ÁREA URBANA
- CASAS DE RACHO
- MN MERCADO NOVO
- MV MERCADO VELHO
- AF ALFENDRADA DA FEIRA

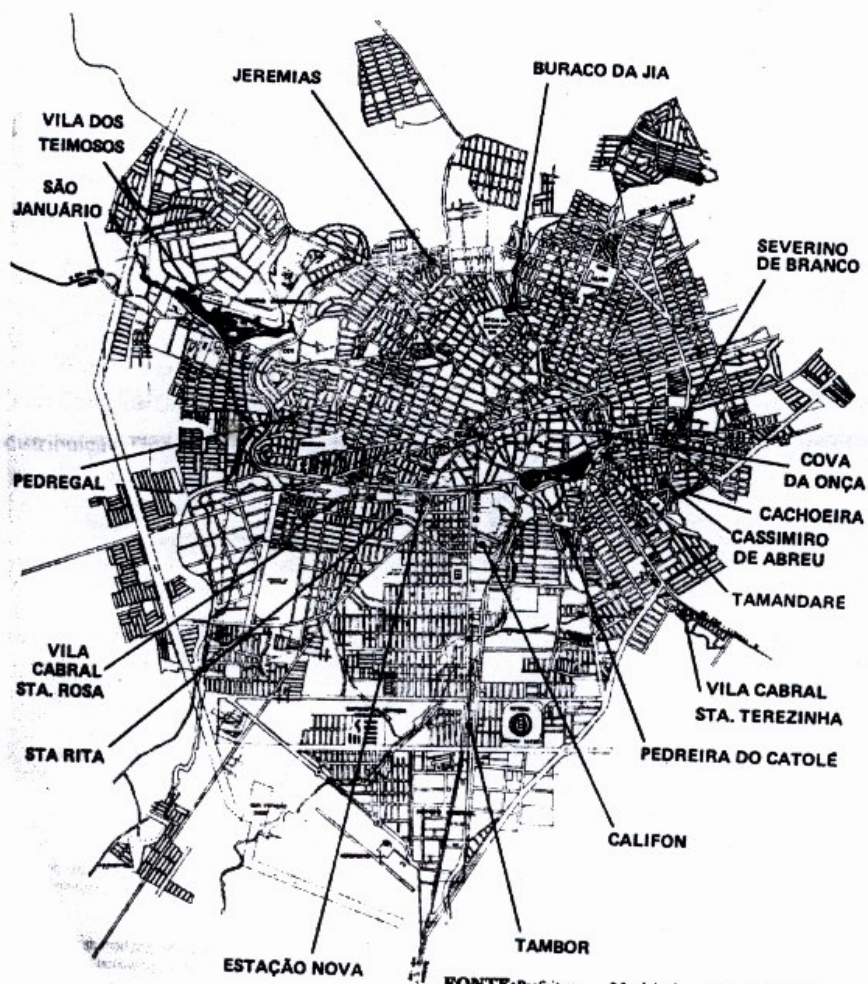
Fontes: CÂMARA, Epimônidas. *Dados Combinados*. Campina Grande, 1996.
 Ceravieja: Campina Grande, 1999.
 De Alencar, de Camêlo Grande. Campina Grande, 1999.
 Desenho: Antonio Albuquerque da Costa.

Desenho: Campina Grande, fevereiro/2003.

ANEXO C - Favelas de Campina Grande

ANEXO 01

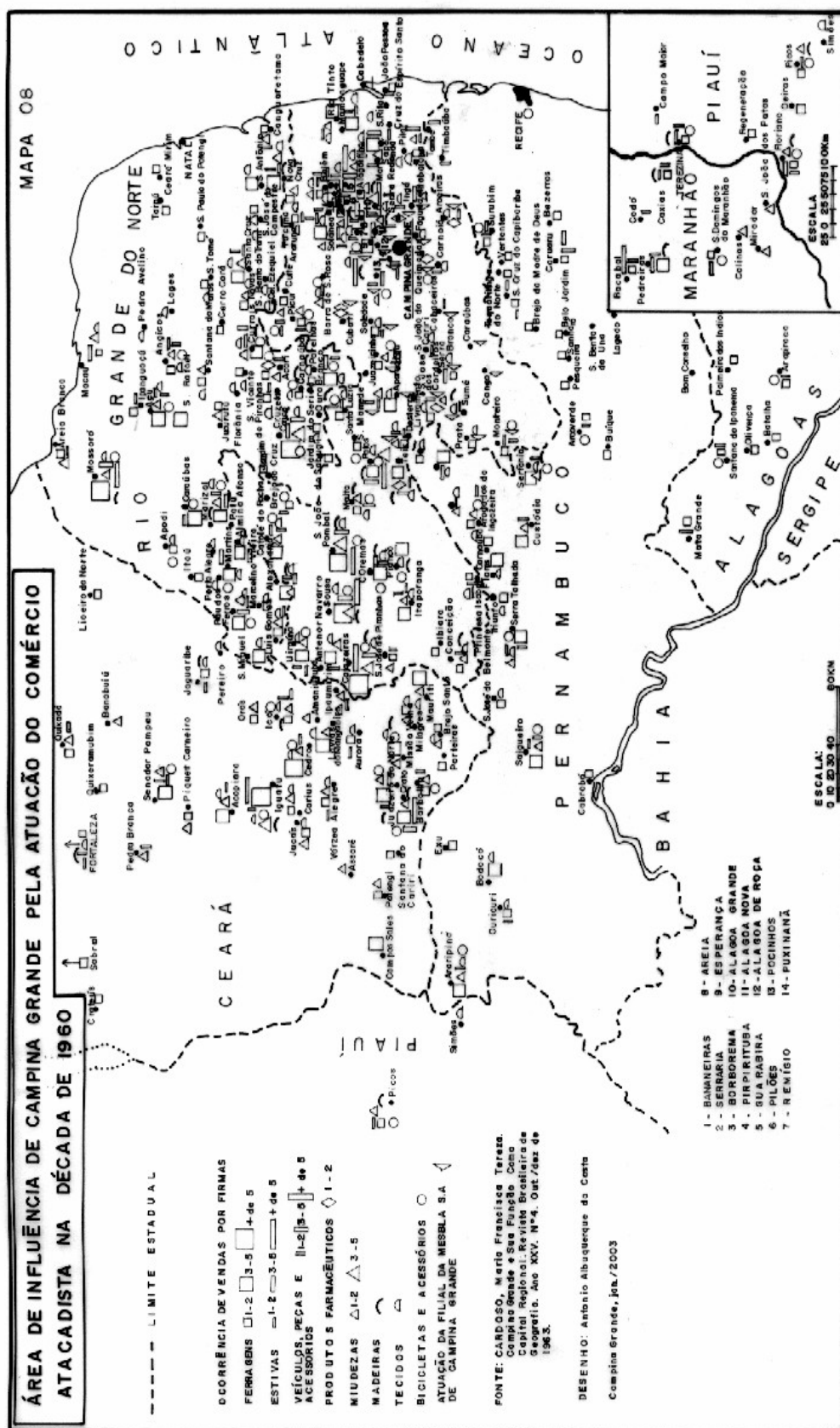
FAVELAS



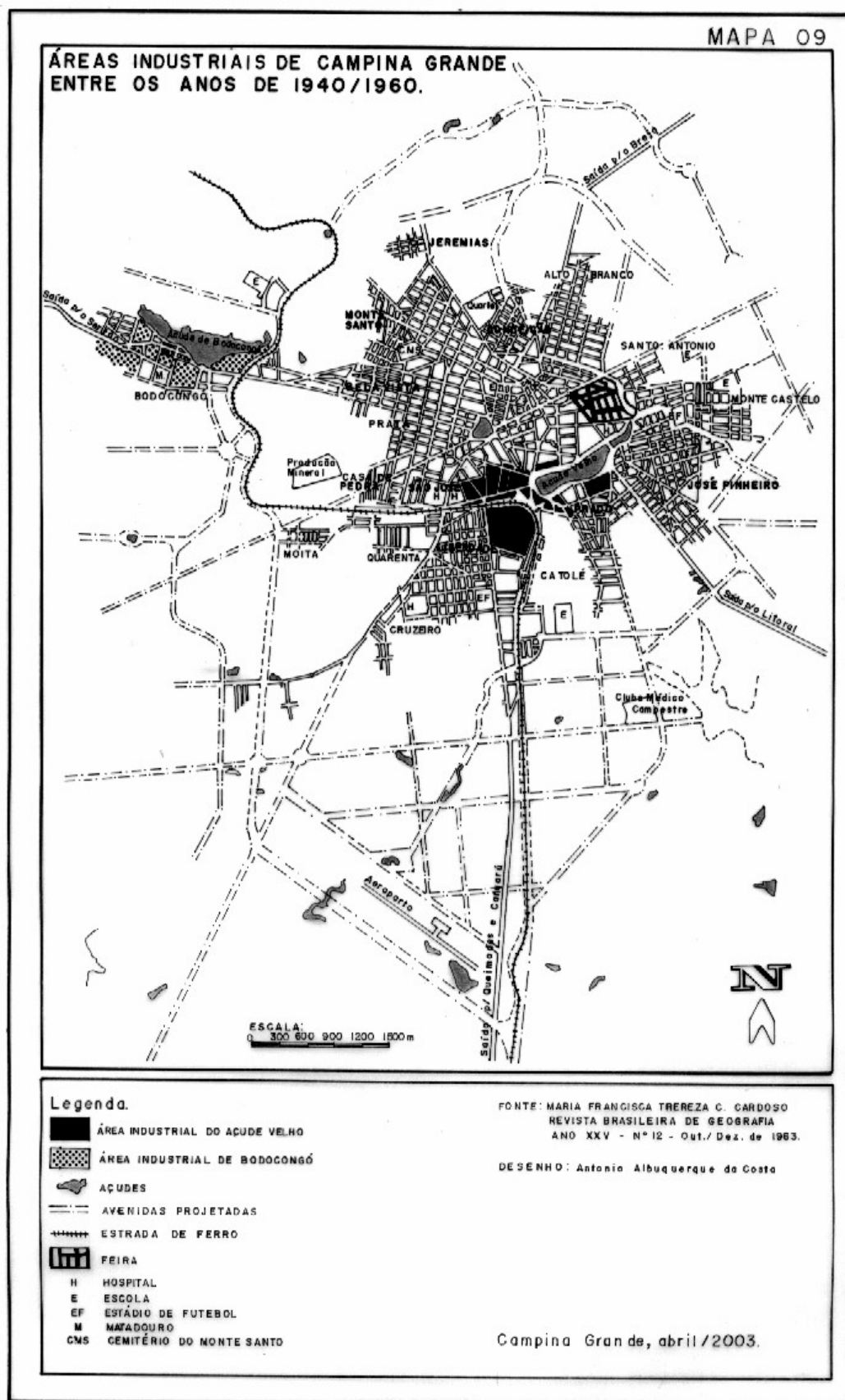
FONTE: Prefeitura Municipal de Campina Grande/COPLAM Perfil do Município. PMCG/Coodenadoria de Planejamento, 1984

Favelas de Campina Grande

ANEXO D – Área de Influência do Comércio de Campina Grande em 1960



ANEXO E – Áreas Industriais de Campina Grande entre os anos de 1940/1960



POTENCIAL / Dentre as empresas, a Light-Infocon chega a faturar quase R\$ 3 mi por ano

Cidade reúne 50 empresas que têm base tecnológica

» CAMPINA GRANDE

» TIMÓTEO DE SOUSA

» da reportagem local

Campina Grande conta com 50 empresas de base tecnológica, com destaque para uma companhia que tem obtido destaque internacional: Light-Infocon Tecnologia S/A. Ela é responsável pela exportação de softwares para países como Estados Unidos, Espanha e China.

Criada em 1983, a Light-Infocon logo tornou-se líder no desenvolvimento e marketing de softwares. É a responsável por produtos pioneiros como

um processador de textos (Info-Word), vendido para países como Canadá, Itália e Estados Unidos, além da produção de uma linguagem/ambiente de entrada de dados (LTDs), definida como padrão pelo Scipro e pelos grandes bancos do país.

Utilizando como canais de marketing e vendas parceiros estratégicos (grandes fabricantes como DEC, HP e IBM), a Light-Infocon atua de forma a dominar os mercados-alvo para seus produtos no Brasil. Cada um destes produtos tem uma participação no mercado brasileiro acima de 70%. Em 1994, a Light-Infocon estabeleceu seu

foco no desenvolvimento de ferramentas de bancos de dados com recuperação textual e produtos co-relacionados. O resultado destes esforços resultou na tecnologia LightBase (LBW), um pacote para o desenvolvimento rápido de aplicações que necessitam dispor das facilidades de recuperação textual e de características de multimídia, com som, imagem e vídeo simultaneamente. A tecnologia LightBase recebeu os prêmios ASSESPRO de produtividade e o Editor's Choice da Revista PC-World Espanha.

A Light-Infocon tem financiado o seu crescimento com as

vendas dos seus produtos, com o desenvolvimento de projetos relacionados ao LBW, através de seus produtos, investimentos privados, empréstimos do Banco do Nordeste, FINEP, CNPq, Programa Softex, BNDES e Pernambuco S/A.

As vendas do ano passado e início deste resultaram num faturamento de R\$ 2,6 milhões. A meta de 2001 é de R\$ 3,5 milhões. A perspectiva para 2002 é de uma receita ainda maior, pois foram estabelecidas novas parcerias e contratos com empresas de vários países, como Espanha, China e Estados Unidos.

Núcleo Softex promove exportação

A cidade dispõe de um núcleo da Sociedade Brasileira para Promoção da Exportação de Software (Softex). Trata-se de uma espécie de cooperativa nacional de produtores de software. Campina Grande foi a primeira cidade do Nordeste e a segunda do país a ser escolhida para sediar um núcleo de Desenvolvimento de Software para Exportação. Isto aconteceu em 1993, devido às suas excelentes condições e potencialidades.

A Sociedade Softex tem como missão principal transformar o Brasil em um centro de excelência na produção e exportação de software. O grande objetivo é colocar o país entre os cinco maiores produtores e exportadores mundiais. Para tanto, tem procurado estimular,

promover e qualificar as empresas brasileiras para que conquistem o mercado internacional.

CURSOS

Desde que Campina Grande assumiu de vez a sua vocação de sucesso no campo tecnológico, o ensino da informática, em todos os níveis, conheceu um verdadeiro "boom".

Para se ter uma idéia, funcionam no centro e nos bairros da cidade, no mínimo, 20 escolas de informática, que se propõem a oferecer desde noções básicas ao ensino profissionalizante nesta área. Um curso básico (Windows, Word, Excel e Internet) varia entre R\$ 200 e R\$ 260, na rede privada. Outro fenômeno é o crescimento do número de provedores de internet. São cinco na cidade.



THE BAST

Divulgação

Campina foi citada na publicação do último dia 30

Para Newsweek Campina é um 'oásis'

» JOÃO PESSOA

» ANDRÉ CANANÉA

» da reportagem local

A revista Newsweek, conceituada publicação semanal norte-americana, distribuída também na América Central e América do Sul, colocou Campina Grande, no mesmo patamar enquanto um dos polos tecnológicos mais prósperos do mundo, que cidades como: Oakland, Omaha, Tulsa, Huntsville, Akron, todas nos Estados Unidos, além de Barcelona (Espanha), Suzhou (China), e

Cote d'Azur (França).

Mac Margolis, redator do texto dispensado à Rainha da Borboleta, escreve: "Nas terras áridas e secas do Nordeste brasileiro, existe um oásis onde chovem oportunidades". Em seguida, remonta aos anos 50, quando mercadores locais importaram uma rústica prensa de algodão para construir um centro têxtil. "Hoje, esse pedaço de lugar no meio do nada abriga 50 firmas que fazem de tudo, desde programas para computador a painéis eletrônicos" e arremata: "Campina Grande dita os padrões da indústria

tecnológica no Brasil".

O autor da matéria destaca que a chave da prosperidade tecnológica de Campina está na Universidade Federal da Paraíba. "Em 1967, a universidade paraibana investiu 50 mil dólares em mainframes (computadores de grande porte) da IBM, criando uma tradição em computação que hoje atrai estudantes de toda América Latina. A Paraíba instalou um Parque Tecnológico em 1984 que acabou gerando 60 empreendimentos tecnológicos, de fazendas de camarão a portais de internet", revela a matéria.

A revista cita também o próspero "Light Infocon", empresa que desenvolveu um programa em Campina Grande - hoje exportado para os EUA e a Espanha - utilizado pela polícia para rastrear traficantes de drogas. E ainda, o interesse de empresas - do porte da Coteminas (a mais sofisticada fábrica de tecidos da América Latina) pela cidade.

A matéria encerra destacando que a tecnologia corresponde a 20% da economia local e arremata afirmando: "Tecnologia rende, mesmo no meio do nada!"

Vida brasileira

MUDANÇA NO SERTÃO

A chegada das empresas ao interior do Nordeste movimenta a economia local e melhora a vida nas pequenas cidades

Giuseppe Sobral, de Campina Grande

N uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o crescimento econômico do Brasil, o Ceará despenhou como o Estado que mais está crescendo. Com base nos dados do IBGE, verifica-se ainda que o produto interno bruto (PIB) da Região Nordeste aumentou mais do que o do restante do país. Mais no Nordeste, a taxa de desemprego vem caindo nos últimos anos, ficando abaixo da média nacional. Os números mostram que, nos últimos dois anos, a região recebeu noventa empresas ao ritmo de uma por dia. No total, elas geraram mais de 1 milhão de empregos diretos e indiretos. Calcula-se que a região nordestina tenha ultrapassado a casa dos 15 milhões de habitantes.

A consequência dessa injecção de dinamismo pode ser conferida nas capitais, mas, pela primeira vez, é o interior que chama a atenção dos estadistas. Em Campina Grande, na Paraíba, foi construído o primeiro McDonald's de todo o interior do Norte e Nordeste. Desde que foi inaugurado, no final do ano passado, a casa atrai excursões das cidades vizinhas. Os levantamentos feitos pelas secretarias estaduais de Indústria e Comércio mostram que algumas localidades do interior já estão se beneficiando com a chegada das novas empresas. O resultado é que em algumas cidades surgiram shopping centers, academias de ginástica, lojas, restaurantes, carros importados.

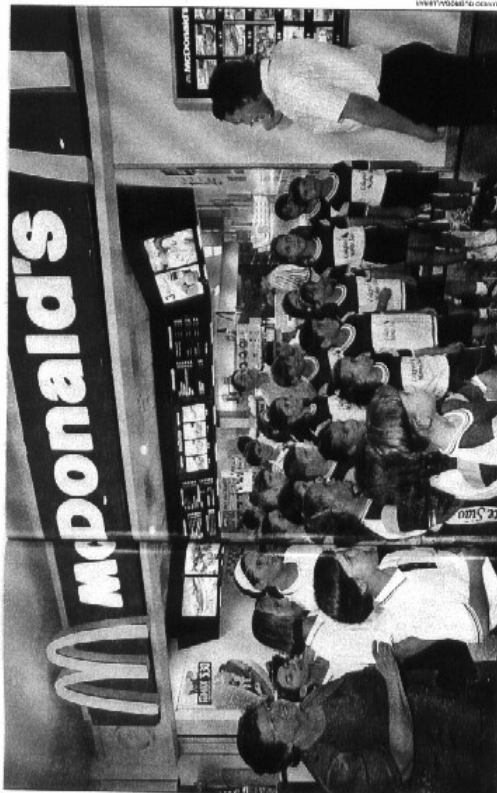
Sinais de prosperidade

No último ano e meio, o Nordeste recebeu um total de 177 indústrias

Isso representa um investimento da ordem de 15 bilhões de reais

Foi criado 1,2 milhão de empregos

De 1996 a 1998, o PIB do Brasil cresceu 13%. O do Nordeste, porém, chegou a 15,5%. O PIB nordestino aumentou 15,5%



McDonald's em Campina Grande: lanchonete atrai excursões das cidades vizinhas

nos cinco anos. Seu patrimônio está avaliado em 10 milhões de reais.

O ciclo de prosperidade não alterou o panorama geral do Nordeste. Ainda é possível a mais alta do país, com 52% de seus habitantes contra 16% no Sudeste. Com índices recordes de concentração de renda, o quadro nordestino é tenso. No geral, a cada 100 nascimentos, seis crianças morrem, praticamente o dobro da média nacional. Para reverter esse quadro, as administrações estaduais estão lançando mão dos recursos que estão a seu alcance, inclusive a guerra fiscal.

O País, por exemplo, tem o maior índice de pagamento de impostos por habitante do mundo. Em Alagoas, os incômodos fiscais trouxeram 200 novos indústrias e um salto de 59% no PIB industrial. Para as pessoas

diretamente atingidas pela mudança, essas novidades são bem-vindas.

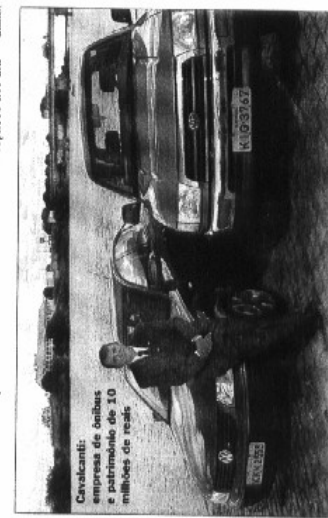
O Nordeste já passou por ciclos de desenvolvimento. O principal deles foi ligado à produção de cana-de-açúcar, que fez a região experimentar o apogeu nos séculos XVI e XVII. Depois da cana veio o algodão, que também trouxe um desenvolvimento. Mas, no Nordeste, o apogeu chegou ao fim há mais de 100 anos. Na década de 70, ele comprou ônibus para fazer transporte de passageiros por mês, pouco menos que um apartamento de três quartos num bairro

era de 75 unidades e duplicou nos últi-

mos anos. Até a década de 70, a vida da cidade era de 70. Hoje, a região conta com 520 indústrias, produzindo 45% do produto interno bruto do país. Em poucas cidades nordestinas a industrialização produziu tanto impacto quanto em Maracá, a 18 quilômetros de Fortaleza. A maioria das indústrias que se instalaram no município só conta quem tem o diploma de 1º grau, no mínimo. O resultado foi imediato. Até 1997, 70% das crianças iam à escola regularmente. O índice subiu para 100%.

Se o país inteiro tivesse uma capital, ela seria Pernambuco, em Ferrão-

no de São Paulo. Petróleo tem hoje duas facilidades, 425 indústrias e shopping com duas salas de cinema, inaugurado em 1997. O crescimento da cidade foi de 100% em 1997. Um dos responsáveis por isso é o progresso da região. O PIB do Nordeste cresceu 15,5% em 1998, contra 13% do Brasil. Quem quiser morar em imóvel alugado na orla de São Francisco, hoje toda urbanizada, precisará desembolsar R\$90 mil por mês, pouco menos que um apartamento de três quartos num bairro



Cavalari: a indústria de ônibus produzida em 10 milhões de reais

JORNAL DA PARAÍBA
CAMPINA GRANDE, DOMINGO, 6 DE MAIO DE 2001

Leia.
Assine
JORNAL DA PARAÍBA

Economia

Campina Grande tem uma das melhores tecnologias do mundo

A "Newsweek", conceituada revista americana, citou a cidade como o mais promissor pólo de informática da América Latina e um dos nove mais importantes do mundo

▶ CAMPINA GRANDE

▶ TIMOTEO DE SOUSA

▶ da reportagem local

Campina Grande, uma comunidade conectada com o mundo e com o futuro. A cidade que, no passado, consorciou-se com o segundo maior centro capotense e, atualmente, destaca-se no cenário internacional, sendo apontada pela revista "Newsweek" como o mais promissor pólo de informática da América Latina e um dos nove mais importantes do mundo. A

Newsweek é uma das revistas mais importantes do mundo, sendo apontada pela revista "Newsweek" como o mais promissor pólo de informática da América Latina e um dos nove mais importantes do mundo. A

Newsweek é uma das revistas mais importantes do mundo, sendo apontada pela revista "Newsweek" como o mais promissor pólo de informática da América Latina e um dos nove mais importantes do mundo. A

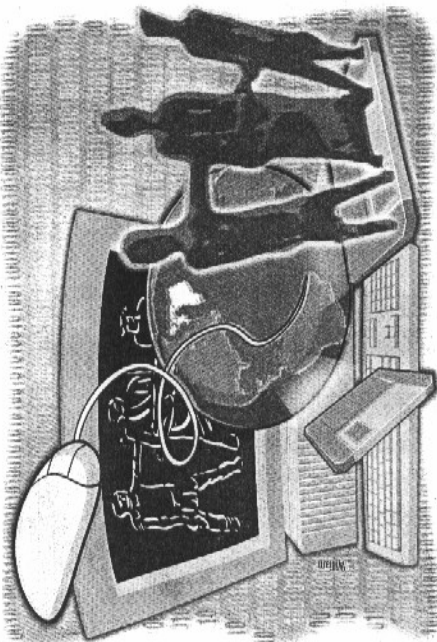
Campina Grande empurra-se ao nível de importantes cidades dos Estados Unidos, França e Espanha, sendo a única representante latino-americana no seleto grupo dos principais pólos tecnológicos do planeta.

Tudo este sucesso não seria possível sem o trabalho da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A instituição desenvolve, há muitos anos, pesquisas no campo da informática, sendo a colina na qual se apoiam diversas outras instituições, entre elas, empresas de software e de serviços de consultoria e de aplicação tecnológica.

No segmento econômico, mais tradicional, existem as empresas que se utilizam do potencial de tecnologia da região para aprimoramento dos seus produtos, indústrias, e exemplo das Colônias e Albergues. Além do Poder Público, basea desenvolvimento administrativo com base na produção técnico-científica da cidade. A

região do centro, por exemplo, prevê instalação de linhas telefônicas, para proporcionar uma maior eficiência de informação para o comércio e serviços.

▶ CONTINUA PÁGINAS 2 E 3



ANEXO L - Logomarca do São João de Campina Grande



ANEXO M – Folder do Encontro para a Consciência Cristã

ENCONTRO PARA A CONSCIÊNCIA CRISTÃ

Uma Visão Cristocêntrica

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA - BRASIL

ENTRADA FRANCA

Consciência Cristã KIDS
Marcha das Crianças
29 de Janeiro - 15h - Parque do Povo

JESUS
O FILHO DA PAZ

TRANSMISSÃO ON-LINE
WVLINK / TOPOOSPEL

**30 de Janeiro a
05 de Fevereiro**

CRISTO SEU MAIOR TESOURO

Projeto JONAS
26 de Janeiro de 2008
Programação Prévia da Consciência Cristã
www.projetojonas.com.br

VINACC
Vozes da Igreja
(83) 3058.2063
www.vinacc.org.br

REALIZAÇÃO:

- PETEIR LAGARDEIRA - AFT-LGA
- FERNANDES DAS LOPES - PBEs
- VANDER DOUGLOS SANTOS GARY - ADJPM
- RONALDO LOPES - PBM
- PAULO SOLIMANI - BSC
- ALVARO MARINHO - ICPE
- PAULO LUTERO - BPC/SP
- JOAQUIM ANDRADE - CREIA/SP
- RENATO VARELA - ICARJ
- RICARDO COSTA - CPV/SP
- CESAR CAVALCANTI - PVOV/SP
- LUIZ VIEIRA - PVP/PS
- JORGE NOVA - P/PS
- JOSE SALVADOR - P/PS
- PAULO COLLINS - HGS/PS
- SAMUEL VERA - HGS/PS
- RICARDO MARQUES - BSC/CE
- FERNANDO GOMES MORAES - FUNAP/SP
- PAULO CRISTIANO - CAL/PS
- EVILSON DEFRERARI - ADJ/RS
- EVILSON MARQUES - ADJ/PS
- PROF. JOSE MARO - P/PS
- ELIANE DEFRERARI - ADJ/RS
- RICARDELA JUSTO - ASBAC/RS
- ROBERTO TAVARES - HGS/PS
- MARCELO MORAES - ED/SP

EVENTOS PARALELOS:

- 1º ENCONTRO PARA A JUVENTUDE
Realização: HGS/PS
- 2º CONFERÊNCIA CANTO DOS
Realização: HGS/PS
- 3º MÃO SOCIAL E CRIANÇA COM UNTO
Realização: HGS/PS
- 4º ENCONTRO PARA A CONSCIÊNCIA MISTICISTA
Realização: HGS/PS
- 5º ENCONTRO JESUS - MEU PAI
Realização: HGS/PS
- 6º ENCONTRO CANTO
Realização: HGS/PS
- 7º ENCONTRO CANTO DE TOLUENA E PLAZA
Realização: HGS/PS
- 8º ENCONTRO DE LOPES E LOPES
Realização: HGS/PS
- 9º ENCONTRO CANTO DE JEROME
Realização: HGS/PS
- 10º ENCONTRO PARA UM ESTUDO DE SADA
Realização: HGS/PS
- 11º FÓRUM CAMPESINOS PARA UMA NOVELA SADA
Realização: HGS/PS
- 12º ENCONTRO CONCIÊNCIA DA PAZ
Realização: HGS/PS
- 13º FÓRUM NACIONAL PARA A CONSCIÊNCIA DE
LIBERDADE CRISTÃ EM MEIO ÀS FÉRIAS
Realização: HGS/PS
- 14º ENCONTRO CONCIÊNCIA DA PAZ - TERN
Realização: HGS/PS
- 15º CONFERÊNCIA CANTO MISTICISTA
Realização: HGS/PS

PREFEITURA CIDADE DE
Campina Grande
Orgão do governo

CIPRESA
EMPREENHIMENTOS LTDA

VDCar
Veículos de Qualidade

LARANA e MILLENY
Calçados

FARMACIA DIAS

SONOR
do Brasil

PRODUTOS OLSON

VIRTUOSA
CONTRASTE

ARTEPRESS

AMZEM DANCING

OMER

KPIP
KIDNEY PROTECTION

SHOPPING PLEIASTRA

J.C. ROCHA
Café e mais do que café

WVLINK
www.wvlink.com.br (021) 3221.5658

FORMATUS
REPRODUÇÃO DIGITAL (83) 3337-3504

CARTELOS REPLICADOS 3D Print

PISTO AMÉLIO
P. AMÉLIO & CIA. COM.

ANEXO N - Programação do Encontro da Família Cristã

CRESCER²⁰¹⁰

O Encontro da Família Católica

Domingo Dia 14 de fev

8:00 Animação
8:30 Chegada da Imagem da Sagrada Família e abertura oficial
9:00 Pregação 1
9:50 Avisos
10:00 Intervalo
10:40 Animação
10:50 Pregação 2
11:40 Adoração ao SS. Sacramento
12:10 Bênção do SS. Sacramento
12:20 Avisos
12:30 Intervalo
14:00 Animação
14:40 Pregação 3
15:30 Avisos
15:50 Intervalo
16:30 Santa Missa
18:30 Encerramento do dia

Segunda Dia 15 de fev

8:00 Santo Terço
8:30 Animação
9:00 Pregação 4
9:50 Avisos
10:00 Intervalo
10:40 Animação
11:00 Crescer oração
11:10 Proclamação do SS. Sacramento
11:20 Adoração ao SS. Sacramento
11:40 Bênção do SS. Sacramento
11:50 Avisos
12:00 Intervalo
12:30 Animação
13:40 Pregação 5
15:00 Hora da Misericórdia
15:30 Avisos
16:00 Intervalo
16:30 Santa Missa
18:00 Crescer Folia - Teto Elétrico
19:00 Encerramento do dia

Terça Dia 16 de fev

8:00 Santo Terço
8:30 Animação
9:00 Pregação 6
9:50 Avisos
10:10 Intervalo
10:50 Animação
11:00 Pregação 7
11:50 Proclamação do SS. Sacramento
12:05 Adoração ao SS. Sacramento
12:20 Bênção do SS. Sacramento
12:30 Avisos
12:40 Intervalo
14:00 Animação
14:50 Pregação 8
15:40 Avisos
16:00 Intervalo
16:30 Santa Missa
17:50 Consagração das Famílias à Sagrada Família
18:00 Encerramento Oficial

Rotas para os ônibus

Manhãs: 14, 15 e 16 de Fevereiro de 2010

Rota I: Malvinas/Bodocongó/Centenário
07:30/08:45 – Comunidade São Francisco (Rua Jamila Abraão – Malvinas)
07:45/09:00 – Mercado Público do Conj. Severino Cabral
08:00/09:15 – Paróquia São Cristóvão
08:15/09:30 – Campestre

Rota II: Palmeira/Santa Rosa/Conceição
07:30/08:45 – Rua do Sol – em frente a Igreja
07:45/09:00 – Rua Probo Câmara – Com. Santo Afonso – Monte Santo
08:00/09:15 – Paróquia Nossa Senhora de Fátima
08:15/09:30 – Campestre

Rota III: Cruzeiro/Pres. Médici/Liberdade
07:30/08:45 – Posto de gasolina próximo ao JC Rocha
07:45/09:00 – Escola Estadual Raul Córdula
08:00/09:15 – Mercado Público da Liberdade (Ao lado da Com. Sta. Filomena)
08:15/09:30 – Campestre

Rota IV: Rocha Cavalcante/Santo Antonio/José Pinheiro
07:30/08:45 – Rocha Cavalcante – Pischina do Rocha
07:45/09:00 – Paróquia Santo Antônio
08:00/09:15 – Paróquia São José (José Pinheiro)
08:15/09:30 – Campestre

Tardes: 14, 15 e 16 de Fevereiro de 2010

Rota I: Malvinas/Bodocongó/Centenário
13:00 – Comunidade São Francisco (Rua Jamila Abraão – Malvinas)
13:30 – Mercado Público do Conj. Severino Cabral
14:00 – Paróquia São Cristóvão
14:15 – Campestre

Rota II: Palmeira/Santa Rosa/Conceição
13:00 – Rua do Sol – em frente a Igreja
13:30 – Rua Probo Câmara – Com. Santo Afonso – Monte Santo
14:00 – Paróquia Nossa Senhora de Fátima
14:15 – Campestre

Rota III: Cruzeiro/Pres. Médici/Liberdade
13:00 – Posto de gasolina próximo ao JC Rocha
13:30 – Escola Estadual Raul Córdula
14:00 – Mercado Público da Liberdade (Ao lado da Com. Sta. Filomena)
14:15 – Campestre

Rota IV: Rocha Cavalcante/Santo Antonio/José Pinheiro
13:00 – Rocha Cavalcante – Pischina do Rocha
13:30 – Paróquia Santo Antônio
14:00 – Paróquia São José (José Pinheiro)
14:15 – Campestre

OBS: Domingo e terça - ônibus saindo a partir das 18:30 horas no percurso de volta das rotas.
Segunda - ônibus saindo a partir das 20 horas no percurso de volta das rotas.
Rota de ônibus convencionais: 404 e 444; 245 A e B possuem parada próxima ao Spazzio

ANEXO O- Programação do Arraial de Deus

Programação do Arraial de Deus 2006

Dia 14/06 – Abertura – 19h30

Participações Especiais:

Pr. Robinson Granjeiro – IPT/JP

Alice Maciel e Banda Pentecostal / RN

André Oliveira-MG / Zé Claudino-CG

Dias 15 a 17/06 – I Encontro Cristão de Música Nordestina

Participação Especial:

Pr. Kielci Mame – ICC / CG

Pr. Jamilson Silva – IN / CG

Grupo Sal da Terra – Garanhuns / PE

Alex Filho e Banda - JP

Dia 18/06 – Programação Arraial de Deus

Participações Especiais:

Pr. José Salvador – IPR / CG

Banda Agape-CG / Os Filhos de Asáfe - CG

Moisés Lira - CG

Dias 22 a 24/06 – II Encontro de Poetas, Repentistas, e Violeiros Evangélicos

Participações Especiais:

Alice Maciel e Banda Pentecostal / RN

Banda Aclamação – CG

Alex Filho e Banda - JP

Dia 24/06 – Reunião Mensal da OMEB – 9h

Dia 24/06 – I Arraial de Deus Kids das 15h as 18h

Dia 25/06 – Programação Arraial de Deus

Participações Especiais:

Pr. José Eriosvaldo - AD / CG

Banda Chamas Pentecostal - CG

Só Pra Glorificar - CG

Grupo Indian Gospel / EUA

Dia 30/06 – Programação Desperta

Débora/MPC

Participações Especiais:

Pr. Robério Ricardo – ICNJ - CG

Banda Êxodo - CG / AD Souto - CG

Alex Filho e Banda - JP

Dia 01/07 – Programação TopGospel

Participações Especiais:

Pr. Jádriel Davi da Rocha - IECES / CG

Ministério de Louvor Tenda do Encontro,

Moisés Lira, Ana Lima, Luciano Santhiago,

Zé Claudino, Sara e Eva

Eloísio e Eloilson (Guarabira)

Fábio Lôbo (Guarabira).

Dia 02/07 – Programação Arraial de Deus

Participações Especiais:

Pr. Jorge Noda – IPC / CG

Expressão de Louvor - CVN - CG

Banda Benção - CG

André Oliveira - MG / Zé Claudino - CG

Dia 07/07 – Programação CHAT Gospel

Participações Especiais:

Pr. Marcos Alexandre – IBPC / CG

Banda Kerigma - JP

Débora e Simone e Banda

Dia 08/07 – Programação CHAT Gospel

Participações Especiais:

Pr. Robson Ramalho – IPMS / GG

Banda Êxodo - CG / Alex Filho e Banda - JP

Dia 08/07 – I Arraial de Deus Kids das 15h as 18h

Dia 09/07 – Encerramento

3º Arraial de Deus

Participações Especiais:

Pr. Ivandro Costa - IBN / CG

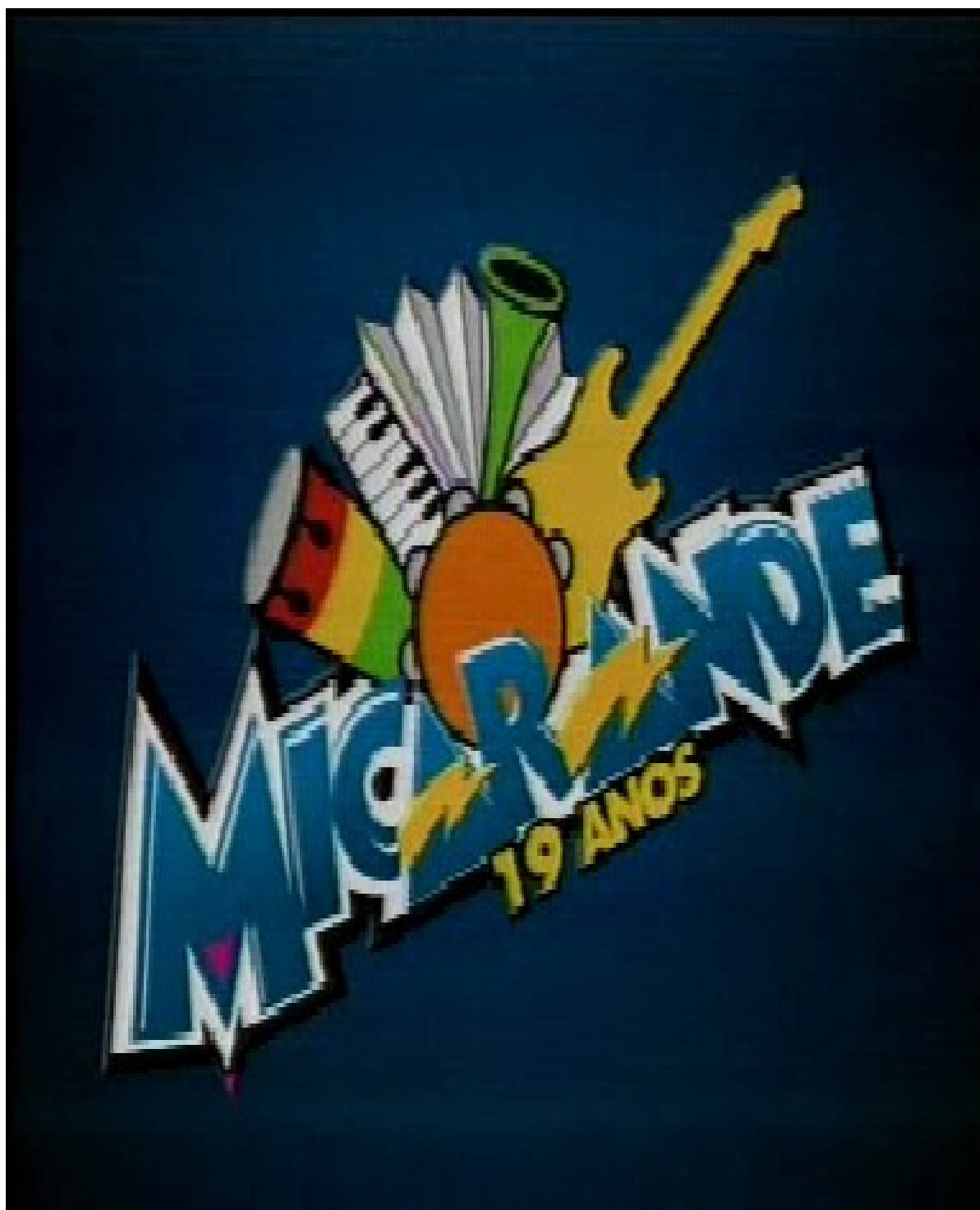
Ministério de Louvor Tenda do Encontro - CG

Alice Maciel e Banda Pentecostal / RN

ANEXO P - Logomarca da Micarande 2007



ANEXO Q - Logomarca da Micarande 2008



ANEXO R - Folder do Balança Campina

A cidade vai balançar !

BALANÇA
Campina

DOMINGO
15
NOVEMBRO

Chiclete
Paralamas
Garota Safada
Saia Elétrica
Parangolé

CAMAROTE VIP
FRONT STAGE

Local:
Parque do Povo

Informações: (83) 3337-3737

INGRESSOS ANTECIPADOS:
STOP
ARMAS PARMACIA DIAS
SE PRECISAR, LIGUE PARA
3310.6000
www.comprestop.com.br

Hipercard **NOVA SCHIN** **ArtCulinária** **UNESC** **VOTICA** **SERCOSE** **Campina Grande** **GOVERNO DA PARAIBA**